

**OS PAVILHÕES EM FERRO DO MERCADO BOLONHA
E ADOLPHO LISBOA: PATRIMÔNIO DE UMA
ARQUITETURA PRÉ-FABRICADA.**

Simone Cravo da Silva





UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

SIMONE CRAVO DA SILVA

**OS PAVILHÕES EM FERRO DO MERCADO BOLONHA E ADOLPHO
LISBOA: PATRIMÔNIO DE UMA ARQUITETURA PRÉ-FABRICADA**

BELÉM
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

SIMONE CRAVO DA SILVA

**OS PAVILHÕES EM FERRO DO MERCADO BOLONHA E ADOLPHO
LISBOA: PATRIMÔNIO DE UMA ARQUITETURA PRÉ-FABRICADA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cybelle Salvador Miranda.
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Celma Chaves Pont Vidal.

BELEM
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C898p Cravo da Silva, Simone
Os Pavilhões em ferro do Mercado Bolonha e Adolpho Lisboa :
Patrimônio de uma arquitetura pré-fabricada / Simone Cravo da
Silva. — 2019.
137 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Cybelle Salvador Miranda
Coorientador(a): Prof^ª. Dra. Celma Chaves Pont Vidal
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Tecnologia, Universidade
Federal do Pará, Belém, 2019.

1. Patrimônio. 2. Mercado. 3. Memória. 4. Arquitetura
de ferro. 5. Catálogo. I. Título.

CDD 721.044710981

SIMONE CRAVO DA SILVA

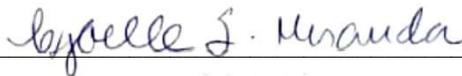
OS PAVILHÕES EM FERRO DO MERCADO BOLONHA E ADOLPHO LISBOA: PATRIMÔNIO DE UMA ARQUITETURA PRÉ-FABRICADA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

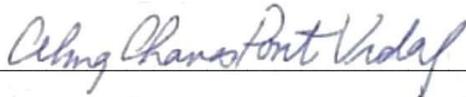
Orientadora: Prof^ª. Dr.^a. Cybelle Salvador Miranda
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Celma Chaves Pont Vidal

Data:27/03/2019

Banca Examinadora:



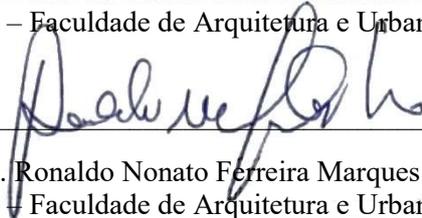
Profa. Dra. Cybelle Salvador Miranda
(Orientadora – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – UFPA)



Profa. Dra. Celma Chaves Pont Vidal
(Coorientadora – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – UFPA)



Prof. Dr. Luiz de Jesus Dias da Silva
(Membro – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU)



Prof. Dr. Ronaldo Nonato Ferreira Marques de Carvalho
(Membro – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU)



Aos amores de minha vida.

Ao meu marido Raimundo, você é essencial em minha vida. À minha filha Luana, sua luz me ilumina todos os dias. Ao meu pai Lacy (*in memoriam*) e minha mãe Joana, pelo exemplo de força, carinho e humildade. Hoje, eu sou tudo que sou porque vocês me amam.



AGRADECIMENTOS

Enfim, amores da minha vida, conclui mais uma etapa, entre sorrisos e lágrimas, angústias e paz interior, sobrevivi. Esse sonho se tornou realidade e só foi possível devido às viagens, à compreensão, à paciência, ao incentivo, ao apoio, às orientações e às correções que fizemos juntos no decorrer da caminhada. Essa vitória é nossa, não conseguiria suportar todas as fases dessa jornada sozinha. Quero expressar aqui minha eterna gratidão.

Obrigada, meu Deus, por me conceder amor, saúde e sabedoria, pois são as verdadeiras dádivas que um ser pode receber.

Raimundo, meu grande amor, você é essencial em minha vida, me ajudou a trilhar esse caminho sendo um suporte imensurável, me apoiando em minhas tristezas e alegrias, com trabalho paralelo ao mestrado, que não poderia parar; com as mensagens de “eu te amo” todas as vezes que eu tinha que me ausentar do seu lado; com os cafés que você me trazia quando eu esquecia de me alimentar. Você é meu anjo protetor.

Luana, minha linda, sua luz me incentiva a viver. Obrigada filhinha, pela companhia nas viagens que fizemos para Manaus para apreender os relatos, os quais você transcreveu com excelência; agradeço pelas conversas de força no momento em que você se transformava em minha mãe; pelas pipocas que fazia no momento das minhas leituras. Sua áurea me preenche e sou muito feliz de ser a sua mãe.

Um agradecimento muito especial a minha orientadora Cybele Miranda, que me recebeu de braços abertos, guiando meus passos ao longo deste caminho. Obrigada pela orientação, amizade, carinho, ajustes e, principalmente, por sua compreensão. Te entrego este humilde trabalho, que foi elaborado por nós.

Agradeço à professora Celma Chaves, que permitiu minha convivência, durante o ano de 2016, no LAHCA-UFPA, onde tive o conhecimento da empresa e dos Catálogos Ilustrativos de *Walter Macfarlene*, que contribuiu para a construção desta pesquisa.

Obrigada aos professores Luiz de Jesus e Ronaldo Marques de Carvalho, que integraram minha banca de qualificação; minha eterna gratidão pelas dicas e contribuições que enriqueceram demasiadamente minha pesquisa. Em especial, agradeço ao professor Ronaldo, por quem tenho uma grande admiração, desde a época da graduação, e, também, por acreditar em mim quando fui sua primeira estagiária na disciplina de Projeto.

À minha mãezinha e aos meus irmãos Heloisa (*in memoriam*), Carlos, Cristina, Gerson e Thiago, peço desculpas pela ausência, pois os compromissos assumidos com a pesquisa afastaram-me um pouco de seus convívios. Esta vitória também é de vocês!

Ao amigos e companheiros do mestrado, Ana Valéria, Lívia, Salma, Zâmara e Wagner e aos pesquisadores do LAMEMO e LAHCA. Obrigada pelo apoio, estudos, análises, debates e confraternizações. Nossas vidas foram entrelaçadas com o mesmo objetivo, o de contribuir para a pesquisa acadêmica. Obrigada, meus amores!

Ao manauara de corpo e alma, Otoni Mesquita, pois sua simplicidade e generosidade me contagiaram quando partilhou comigo suas memórias e histórias de vida. Obrigada pelo seu olhar de artista, pesquisador, escritor, historiador, professor e apaixonado pelo que faz, eles foram muito importantes para o desenvolvimento desta pesquisa, no que diz respeito ao Mercado de Manaus.

Aos interlocutores que colaboraram com a pesquisa etnográfica, dando vida aos Mercados Bolonha e Adolpho Lisboa, pois seus relatos se enquadraram nas memórias, fazendo com que este trabalho fosse possível.

Aos meus eternos amigos Rui, Márcia, Sydney, Zildomar e Catarina, obrigada por compreenderem minha ausência quando não comparecia ao nosso trabalho; vocês são demais! Regina Brabo e Ninon Jardim, obrigada pela palavra de incentivo, que abriram meus olhos para a docência, levando-me ao mestrado. Wagner Brito, meu maninho, obrigada pela torcida, sei o quanto você acredita em mim; essa conquista também é de todos vocês!

Como um tesouro escondido no cotidiano do Mercado, que são os Pavilhões pré-fabricados em ferro, assim são todos vocês para mim: tesouros. Obrigada por fazerem parte deste momento especial de produção do conhecimento. Esse dia já faz parte da minha memória. Sou grata por tudo!



“A Arquitetura não constrói só coisas. Ergue sonhos e sustenta lembranças”.

(Priscila Prestes)



RESUMO

Olhar para o passado a partir do presente é uma atividade que as sociedades foram aprimorando com o passar dos tempos, apoiadas por diferentes objetivos, metodologias e protagonistas. Os Pavilhões pré-fabricados em ferro do Mercado Bolonha em Belém e do Adolpho Lisboa em Manaus, objetos deste estudo, foram importados e adquiridos através dos Catálogos Ilustrativos da empresa *Saracen Foundry*, de *Walter MacFarlane & Co.* Nesse Patrimônio Arquitetônico, hoje, são exemplares de uma arquitetura singular do período da *Belle Époque*, obtidos em parte pela expressividade que teve o Ciclo da Borracha. Propôs-se, nesta pesquisa, a partir da etnografia abordada no âmbito interno dos mercados, apreender os diálogos e estabelecer um paralelo entre as percepções apresentadas pelos seus usuários. Toma-se como base o papel que o ornamento, apartado da edificação, exerce na construção dos elementos construtivos da memória, atribuindo concepções entre a relação da vivência do usuário conectado com a valoração da arquitetura.

Palavras-chave: Patrimônio. Mercado. Memória. Arquitetura de ferro. Catálogo.



ABSTRACT

Looking at the past from the present is an activity that societies have been improving over time, supported by different goals, methodologies and protagonists. The prefabricated iron pavilions of the Bolonha Market in Belém and Adolpho Lisboa in Manaus, the object of this study, were imported and acquired through the Illustrative Catalogues of the company Saracen Foundry, by Walter MacFarlane & Co. In this Architectural Patrimony, today, are examples of an architecture of the period of Belle Époque, obtained in part by the expressiveness of the rubber cycle. It was proposed in this research, based on the ethnography approached in the internal market, to apprehend the dialogues and establish a parallel between the perceptions presented by its users. Based on the role that the ornament, apart from the building, exercises in the construction of the constructive elements of memory, assigning conceptions between the relationship of the experience of the user connected with the valuation of Architecture.

Keywords: Patrimony. Market. Memory. Iron architecture. Catalogue.



LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mercado Municipal de Belém antes da reforma, com apenas um pavimento	31
Figura 2 – Mercado Municipal de Manaus, construção que contava com um Pavilhão central e dois galpões laterais	31
Figura 3 – Mercado Municipal de Belém com fachada após reforma	32
Figura 4 – ‘Gabinete de comodidade’ com <i>water-closets</i> , mictórios e lavatórios; na atualidade somente o posto administrativo.....	35
Figura 5 – Marquise interna do estabelecimento e como se encontra hoje.....	35
Figura 6 – Frente dos boxes do Pavilhão em ferro.....	36
Figura 7 – Escada helicoidal com reservatório que hoje serve como mirante	36
Figura 8 – Mercado Municipal de Belém – Pavilhão em ferro	38
Figura 9 – Porto de Manaus – área compreendida entre o “Igarapé da Ribeira” à direita o Mercado Municipal	39
Figura 10 – Vista do Mercado, antes dos Pavilhões em ferro e como se encontra hoje	40
Figura 11 – Mercado Municipal de Manaus, na Rua dos Barés, com realce da fachada de alvenaria construída durante a gestão municipal de Adolpho Lisboa.....	41
Figura 12 – Pavilhão de Peixe do Mercado Municipal em 1982 e como se encontra na atualidade	42
Figura 13 – Imagem da escada na lateral do Pavilhão de carne e a praia da feira	42
Figura 14 – Mercado Adolpho Lisboa 1975, parte posterior e lateral do setor de carne	43
Figura 15 – Mercado Bolonha em Belém, vista dos Pavilhões na atualidade.....	43
Figura 16 – Mercado Adolpho Lisboa em Manaus, vista dos Pavilhões na atualidade	44
Figura 17 – Ponte Savern (1775-1779)	45
Figura 18 – <i>Halles Centrales</i> – vista externa	47
Figura 19 – Cartão-souvenir da <i>Brasserie d’Arcueil</i> , Paris	48
Figura 20 – Pavilhão do Brasil na Exposição Universal em 1889 em Paris	49
Figura 21 – Mapa de localização do Mercado Bolonha.....	54
Figura 22 – Os quatro Pavilhões de ferro do Mercado Bolonha	55
Figura 23 – Circulação de serviço entre os boxes.....	55
Figura 24 – Mapa de localização do Mercado Adolpho Lisboa.....	56
Figura 25 – Os Pavilhões de ferro do Mercado Adolpho Lisboa.....	57
Figura 26 – Coluna com a impressão do nome da empresa escocesa	58
Figura 27 – Vista área do pátio da empresa de <i>MacFarlane</i> da 6ª edição do Catálogo	60
Figura 28 – <i>Show room</i> da empresa de <i>MacFarlane</i> da 6ª edição do Catálogo.....	61

Figura 29 – Marca registrada da empresa nas peças em ferro.....	62
Figura 30 – Capa dos Catálogos padrões <i>Saracen</i> ‘Peças fundidas’ Vol. I e Vol. II.....	63
Figura 31 – Fachada da fundição no Catálogo <i>MacFarlane’s Castings</i>	65
Figura 32 – Páginas de abertura do Catálogo <i>MacFarlane’s Castings</i> (Volume I).....	66
Figura 33 – Páginas de Abertura do Catálogo <i>MacFarlane’s Castings</i> (Volume II).....	66
Figura 34 – Livro ‘Exemplos’	67
Figura 35 – Folheto de bolso.....	67
Figura 36 – Cidade Imaginária <i>MacFarlane’s Castings ornamental Fountains & Co. e MacFarlane’s Castings Examples</i>	68
Figura 37 – Modelos de Seção VI – Portões.....	69
Figura 38 – Modelos de Seção VIII – Escada.....	69
Figura 39 – Páginas com exemplos de montagens de fachadas e frontões	70
Figura 40 – Pavilhão do Mercado Belém. <i>Suplemento Ilustrado Fundiciones de MacFarlane</i>	72
Figura 41 – Pavilhão do Mercado de Manaus. <i>Suplemento Ilustrado Fundiciones de MacFarlane</i>	73
Figura 42 – Pátio interno do Mercado Bolonha em Belém.....	75
Figura 43 – Pátio interno do Mercado Adolpho Lisboa em Manaus	75
Figura 44 – Localização dos pontos de parada durante a visita	82
Figura 45 – Impressão da Logomarca da empresa <i>Walter Macfarlane & Co.</i> , de Glasgow	82
Figura 46 – Planta do pavimento térreo – área dos Pavilhões	83
Figura 47 – Uso de parafusos unindo as peças em ferro.....	83
Figura 48 – Sr. Geraldo no quiosque da administração	84
Figura 49 – Vista do telhado e detalhe da lona para proteção de goteiras	84
Figura 50 – Boxes fechados	85
Figura 51 – Movimentação de pessoas no Mercado Bolonha.....	87
Figura 52 – Sr. Felipe saboreado sua sopa.....	88
Figura 53 – Auditório para reuniões e a circulação do andar superior do Mercado	89
Figura 54 – Cantoneira metálica comparada com representação românticas.....	92
Figura 55 – Detalhe do painel em ferro no Catálogo Ilustrativo da empresa de <i>Walter MacFalane</i>	93
Figura 56 – Localização dos Pavilhões de Carne e de Peixe	95
Figura 57 – Vitrais coloridos, coroando as fachadas	97
Figura 58 – Mudança do piso de pedra lioz para o cerâmico.....	99
Figura 59 – Mercadão, setor de artesanato no domingo, antes saída do passeio fluvial	101
Figura 60 – <i>Banners</i> nas paredes do Mercado Adolpho Lisboa.....	102
Figura 61 – Ornamento apartado da fachada	104
Figura 62 – Sino da creolina	105

Figura 63 – Dona Vânia e Sr. Augusto, permissionários do setor de peixe.....	107
Figura 64 – Ornato apartado da edificação	108
Figura 65 – Encontro com Otoni Mesquita no Café do Teatro	109
Figura 66 – Fachada ornamentada	115
Figura 67 – Fachada com ornamento com o tema da natureza	115
Figura 68 – Treliça metálica	121
Figura 69 – Telhado dos Mercados.....	121
Figura 70 – Pavilhão enclausurado no Mercado Bolonha em Belém	122
Figura 71 – Pavilhões expostos para as vias do Mercado Adolpho Lisboa em Manaus.....	122
Figura 72 – Localização dos Mercados próximos à Baía do Guajará e do rio Negro.....	123



LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Divisões das secções – Vol. I e Vol. II.....	64
Quadro 2 – Classificação dos Ornamentos	114
Quadro 3 – Detalhes dos ornatos apartado da arquitetura.....	117
Quadro 4 – Paralelo entre os dois Mercados.....	124



LISTA DE SIGLAS

UFPA	Universidade Federal do Pará
LAMEMO	Laboratório de Memória e Patrimônio Cultura
LAHCA	Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
COMBEL	Coordenadoria da Mulher de Belém



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 A ARQUITETURA DE FERRO NA AMAZÔNIA NO INÍCIO DO SÉC. ...	22
1.1 O Ciclo da Borracha na região amazônica.....	22
1.1.1 Belém: a Paris n' América.....	23
1.1.2 Manaus: A Paris tropical	27
1.2 A construção do Mercado no passado refletido no presente	30
1.2.1 As Transformações dos Mercados.....	32
1.3 A Arquitetura de ferro: da produção mundial para a região amazônica	44
1.3.1 A Exposição Universal em Paris	47
1.3.2 A Arquitetura de ferro na região amazônica	51
1.4 Os Catálogos Ilustrativos da <i>Saracen foundry, de Walter MacFarlane & Co.</i>..	58
1.4.1 Os Catálogos Ilustrativos.....	61
2 A MEMÓRIA NO COTIDIANO DOS PAVILHÕES DE FERRO DO MERCADO BOLONHA E ADOLPHO LISBOA	74
2.1 O Mercado e a Memória	74
2.2 Construindo uma Etnografia: entre a Memória e o Patrimônio.....	78
2.2.1 Mercado Bolonha: o olhar etnográfico nos Pavilhões pré-fabricados em ferro	80
2.2.2 O cotidiano no Mercado Bolonha.....	81
2.2.3 Entrevistados no Mercado Bolonha em Belém	90
2.2.4 Mercado Adolpho Lisboa: o olhar etnográfico nos Pavilhões pré-fabricados em ferro	94
2.2.5 O cotidiano no Mercado Adolpho Lisboa	96
2.2.6 Entrevistados no Mercado Adolpho Lisboa em Manaus	100
3 A RELAÇÃO ENTRE A VIVÊNCIA DO TRANSEUNTE E DO TRABALHADOR NA VALORIZAÇÃO DA ARQUITETURA DE FERRO.....	112
3.1 O papel do ornamento em ferro conectando os usuários com a arquitetura	113
3.2 O paralelo entre os dois Mercados.....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
REFERÊNCIAS	131



INTRODUÇÃO

Entre o final do século XIX e início do XX, Belém e Manaus vivenciaram a fase áurea da exportação da borracha, proporcionando o aumento da economia local, trazendo benefícios à sociedade da região amazônica. À medida que o látex alcançava maior importância no mercado internacional, mais a Amazônia se integrava aos centros hegemônicos do capitalismo.

Logo, as capitais do Pará e do Amazonas, por intermédio dos seus Intendentes Antônio Lemos e Adolpho Lisboa, respectivamente, reproduziram novos ares de crescimento, através da modernidade e da reformulação urbanística, tornando-se modelos ideais para a sociedade. A montagem de uma nova estrutura urbana e o modo de vida, tinham o sentido de mostrar ao mundo civilizado que as cidades de Belém e Manaus eram símbolos de progresso, financiadas pelas rendas provenientes dos cofres públicos e, em parte, pela riqueza que vinha das matas, em especial das seringueiras, além de empréstimos contraídos de bancos fora do Brasil.

Com o acentuado aburguesamento das elites belenense e manauara, aliado ao sucesso da economia da borracha e a modernização do espaço urbano, ampliou-se a oferta de produtos importados. Um dos exemplos mais significativos reproduzidos, foi o mercado público em ferro, que eclodiu na Europa a partir da segunda metade do século XIX. Segundo Silva (1986), foi o *Les Halles Centrales*, construído em Paris, na administração de Haussmann, que influenciou os outros estabelecimentos desse gênero a serem produzidos posteriormente. O autor destaca que no Brasil, nenhuma outra construção pré-fabricada em ferro tem tamanha aceitação e serventia quanto o mercado público.

Lemos e Lisboa se inspiraram na modernidade e no embelezamento da *Belle Époque* parisiense. Contrataram profissionais da área de construção civil para projetar ruas largas e retas, áreas verdes, saneamento, iluminação e substituição do velho pelo novo – como os “pavilhões de madeira” (VEIGA, 2007, p. 60) que foram substituídos pelos de ferro pré-fabricado do Mercado Bolonha em Belém e os repugnantes galpões que ladeavam o Adolpho Lisboa em Manaus. Costa (2001, p. 11) afirma que as metrópoles brasileiras “recebiam objetos ‘modernos’, frutos de uma tecnologia de ponta da época, sem que o país tivesse vivido o processo de industrialização e modernização”.

As cidades da Amazônia brasileira dialogaram de maneira particular com a experiência do moderno que então formava-se na Europa.

A divulgação, a comercialização e o processo de manufatura do ferro fundido, aliaram-se a eventos internacionais, com o propósito de disseminar a tecnologia de ponta que era inovadora para a época. A Exposição Universal de Paris, realizada no ano de 1889, em celebração do centenário da Revolução Francesa, foi um fenômeno da visualidade. Os expositores apostavam, de certa forma, que visitantes e imprensa expandissem seus relatos mundo afora sobre o que presenciaram. O acontecimento durou seis meses e abrangeu os setores industrial e comercial, com destaque para os edifícios inteiros pré-fabricados em ferro.

O evento gerou um intercâmbio social e cultural entre a América Latina e a Europa, mostrando ao cenário latino-americano diversas inovações que originaram transformações na paisagem das cidades, bem como no hábito de suas populações. No Brasil, a importação dos edifícios metálicos, conforme os relatos de Beatriz Kühl (1998, p. 81) “esteve intimamente ligada à ampliação das relações comerciais com a Europa”, que disputava com os Estados Unidos o domínio do continente americano. A Exposição Universal contribuiu, sob a forma de visão da atualidade e divulgação, com a implantação de complementos arquitetônicos e edificações em ferro fundido no território brasileiro.

Com isso, empresas como *Saracen Foundry, de Walter MacFarlane & Co.*, de Glasgow, Escócia, expandiram a venda de seus produtos através de catálogos ilustrativos. Os edifícios e monumentos pré-fabricados em ferro que foram obtidos por meio desses instrumentos de venda, tiveram uma aceitação relativamente fácil no Brasil, pois representavam uma inovação vinda de países considerados modelos. De acordo com Silva (1986), essas arquiteturas não foram reproduzidas e nem reinterpretadas como outros modelos arquitetônicos europeus, já que nessa época, a siderurgia brasileira ainda não era capaz de tal produção.

Em Belém, os Pavilhões pré-fabricados em ferro foram implantados por ocasião da remodelação idealizada pelo Intendente Antônio Lemos e supervisionada pelo engenheiro Francisco Bolonha. Situado no pátio interno do Mercado de Carne da cidade, foram recebidos com bastante entusiasmo pela população, imprensa, governantes e trabalhadores do espaço, sendo um dos primeiros momentos da arquitetura industrial na capital do Pará. Do mesmo modo, encontram-se em Manaus os Pavilhões pré-fabricados em ferro que ladeiam o Mercado Adolpho Lisboa, frutos dos Catálogos Ilustrativos de *Walter Macfarlene*. Os edifícios converteram-se em pontos de referência da cidade, às

margens do rio, sendo um dos mais importantes remanescentes da arquitetura importada no Brasil.

Neste sentido, as arquiteturas pré-fabricadas em ferro implantadas no Mercado Bolonha em Belém e no Adolpho Lisboa em Manaus, adquiridas pelos Catálogos Ilustrativos, em específico, o Suplemento Especial para a América Latina, demonstraram uma nítida busca pela modernidade, expressada aqui tanto pela importação dos materiais – o ferro – como pelo uso desse protótipo de edificação, que se cometia no restante do mundo, no que tange ao comércio de alimentos. De acordo com Costa (2001), essas aquisições das arquiteturas pré-fabricadas, se explicam, por um lado, pela desenvoltura técnica das empresas europeias, que proporcionavam aos compradores a eficácia, a praticidade e a durabilidade dos produtos e, por outro, pelo atraso da siderúrgica brasileira e peculiaridade econômica, cujas ligações comerciais com os países europeus determinavam a compra, o local e as firmas fornecedoras.

No cenário dessa Arquitetura de ferro se encontram as percepções apreendidas nas pesquisas etnográficas. O olhar para o passado a partir do presente se traduz na frase: Uma arte singular da arquitetura pré-fabricada em ferro guarnecida de reminiscência. Adotou-se como fundamento de trabalho os elementos construtivos da memória coletiva produzida pelos estímulos cognitivos e afetivos presentes nos referidos Mercados.

Durante as incursões, estudou-se o enquadramento das lembranças apreendidas em pesquisa etnográfica desenvolvida no âmbito interno dos Mercados, sendo abordada no estudo de Pollak (1989), que esclarece a dualidade entre memória pessoal e social. Observando todos os pontos analisados e fazendo uma descrição densa, proposta nos estudos de Geertz (2008), tudo poderá ser percebido, tornando-se fonte para o pesquisador. Nas imersões, foram realizadas entrevistas, tomando como preliminar as abordagens despreziosas e as elaboradas previamente, coletando, desta maneira, o registro da memória afetiva dos atores e, concomitantemente, o reconhecimento da área no entorno dos Pavilhões em ferro dos Mercados. O cenário reproduzido é um recorte da realidade vivida pelos integrantes do espaço observado durante a pesquisa de campo.

No entanto, para apreender a memória dos envolvidos, aplicou-se alguns métodos. Um desses, utilizado no Mercado Bolonha, foi o reconhecimento nas formas da estrutura metálica com as representações românticas, destacando um coração em forma de flecha de cupido, outros, sobre o formato do painel em ferro, comparado aos raios do sol e o fechamento da grade que parece um pano com renda. Já no Mercado Adolpho Lisboa, buscou-se uma inspeção onde foi mostrada a gravura de ornamento, apartada da

arquitetura do estabelecimento, equiparando-a com figuras da natureza, colhendo-se, desta forma, as lembranças da infância, amorosas e históricas da memória resguardada.

Em todas essas circunstâncias, percebeu-se que a valoração da arquitetura metálica, dialogada no âmbito interno do estabelecimento, trouxe referências para compor o paralelo que há entre os dois Mercados. As similaridades e diferenças encontradas no percurso do estudo, serão demonstradas por intermédio de quadros comparativos, enquadrando a economia do Ciclo da Borracha, a história da implantação dos Pavilhões, a forma arquitetônica sugerida pelos Intendentes, escritas em seus distintos relatórios, e as reformas ocorridas no decorrer do tempo. O principal propósito desse estudo é apreender a percepção do transeunte e do trabalhador perante a arte metálica, buscando a memória, a história e o cotidiano resguardado na sua vida.

No que tange à evolução do projeto de pesquisa, relata-se aqui que, a análise sofreu algumas modificações desde o momento em que tive a oportunidade de assistir as aulas do Programa de Pós-graduação, ainda como aluna ouvinte. Idealizava estudar os “Mercados do Ver-o-Peso e Francisco Bolonha: história, tipologia e industrialização”. O interesse neste assunto surgiu na identificação pessoal com este tipo de edificação, com sua singularidade arquitetônica e com a dinâmica do local.

No decorrer do ano de 2016, ainda como aluna ouvinte, pude compartilhar do convívio no LAHCA¹, que me adicionou conhecimento para reformular a temática pretendida. Neste período, tomei ciência da empresa *Saracen Foundry, de Walter MacFarlane & Co.*, de Glasgow, Escócia, que exportava peças arquitetônicas e até edificações inteiras para o mundo, inclusive para o Brasil. Com posse deste conhecimento, sobre a arquitetura pré-moldada em ferro, enveredei-me sobre esse estudo, e ajustei o tema inicial.

Com o ingresso no Programa de Pós-graduação, o tema elaborado foi direcionado para outra linha de pesquisa. Com isso, houve a permuta do Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica para o de Memória e Patrimônio Cultural, e consequentemente, a necessidade de ajustar novamente a proposta, visando contribuir com as pesquisas desenvolvidas no LAMEMO². Neste sentido, o projeto orientado pela

¹ Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica da Universidade Federal do Pará, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Celma Chave, coorientadora desta pesquisa.

² Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural da da Universidade Federal do Pará, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Cybelle Salvador Miranda, orientadora desta pesquisa.

prof.^a Dr.^a Cybelle Miranda, iniciou com a temática: “Os Pavilhões em Ferro do Mercado Bolonha e Adolpho Lisboa: Patrimônio de uma arquitetura pré-fabricada”.

Com a reformulação da temática – já ajustada às pesquisas do LAMEMO, sem deixar de mencionar que tanto o objeto de estudo como o recorte temporal não foram alterados –, comecei a participar das disciplinas. As aulas de Método Etnográfico para Pesquisa em Arquitetura e Memória e Patrimônio Arquitetônico, aproximaram-se dos Mercados Bolonha e Adolpho Lisboa. O olhar como pesquisadora, por meio das pesquisas etnográficas, proporcionou a percepção do Patrimônio Arquitetônico e da memória viva que habita no pátio interno da edificação.

Outro fato ocorrido durante o percurso acadêmico, foi o convite para participar do livro *Olhares Sensíveis ao Centro Histórico de Belém – Vivências e Temporalidades*, em parceria com os professores Cybelle Miranda e Ronaldo Marques de Carvalho, cujo capítulo intitulado “A Memória no Cotidiano do Mercado Bolonha em Belém” foi de minha autoria.

A produção desta obra comprovou que a pesquisa de campo em torno do Pavilhão pré-fabricado em ferro no estabelecimento belenense, contribuiu para a questão da percepção na valorização da arquitetura, integrando, neste contexto, o passado e o presente, a memória, a história, a paisagem, a edificação metálica e o ornamento, permitindo, assim, a representação da identidade do lugar.

O interesse pela pesquisa enquadra-se por duas razões principais. A primeira está relacionada em compreender como as cidades da região amazônica – Belém e Manaus – transformaram-se em réplica da civilização europeizada, implantando na área urbana edificações inteiramente pré-fabricadas em ferro, importadas das usinas da Europa, em um momento, talvez único, em que arquiteturas completas eram vendidas através de catálogos, tornando-se verdadeiras mercadorias.

A segunda razão, relaciona-se em assimilar de que forma – sob o olhar antropológico – os Pavilhões pré-fabricados em ferro trazidos da Europa e adquiridos pelos catálogos ilustrativos da empresa *Saracen Foundry, de Walter MacFarlane & Co.*, são percebidos e vivenciados pelos transeuntes e trabalhadores do Mercado Bolonha em Belém e do Adolpho Lisboa em Manaus, nos quais foram implantados, formulando parâmetros para compor um paralelo entres as duas arquiteturas. A escolha por um trabalho de campo de teor etnográfico justificou-se pela crença de que tal metodologia permitiu entrar no universo da história, das memórias e do cotidiano dos envolvidos que transitam pelo percurso do estudo.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o papel do ornamento dos Pavilhões pré-fabricados dos Mercados Bolonha e Adolpho Lisboa, de modo a identificar a relação da vivência dos usuários na valoração da Arquitetura de ferro. Quanto aos objetivos específicos, buscou-se entender como os Mercados estão inseridos no processo das transformações ocorridas durante o Ciclo da Borracha em Belém e Manaus; investigar as aquisições da arquitetura pré-fabricada em ferro adquirida pelos catálogos da *MacFarlane's Castings*; contextualizar de que maneira esses catálogos chegaram às duas capitais; compreender o papel do ornamento em ferro conectando os usuários com a arquitetura, e por fim, fazer um paralelo entre os Pavilhões em ferro do Bolonha e do Adolpho Lisboa, no que se refere às noções sobre as memórias apreendidas nos relatos das entrevistas elaboradas previamente e durante as conversas informais interpretadas em pesquisa etnográfica, onde procurou-se abordar a relação entre a vivência do transeunte e do trabalhador na valoração da Arquitetura de ferro.

A pesquisa adotada foi de base qualitativa, de caráter descritivo, composta das seguintes investigações bibliográficas: arquitetura pré-fabricada em ferro; contexto histórico, econômico e social das cidades que foram pesquisadas; averiguação documental, para fornecer subsídios sobre as construções das edificações, transformações e intervenções pelas quais passaram ao longo do tempo; pesquisa etnográfica, com entrevistas informais e elaboradas previamente para identificar o olhar dos usuários nos Mercados acerca da arquitetura pré-fabricada em ferro e, concomitantemente, observações visuais e registros fotográficos do lugar em estudo; exame iconográfico, baseado em fotos de época, plantas arquitetônicas, postais, etc., que forneceram informações sobre as arquiteturas; sondagem das edificações nos catálogos da empresa europeia, utilizadas nas arquiteturas em destaque desta investigação.

A partir dos argumentos anteriores e da análise dos objetivos – geral e específicos –, a presente dissertação estruturou-se em três capítulos, a saber: no Capítulo 1, intitulado “A Arquitetura de ferro na Amazônia no início do séc. XX”, apresentou-se o cenário no qual os Mercados foram implantados, retratando as reformulações pelas quais as cidades de Belém e Manaus passaram. No primeiro momento, foram abordadas as transições urbanas que ambas sofreram durante o Ciclo da Borracha, com o propósito de relatar um breve quadro a respeito da gênese das metrópoles, da extração e comercialização da goma e das metamorfoses sucedidas na ‘Paris n’América’ e na ‘Paris tropical’ durante a fase áurea gomífera. Posteriormente, fez-se um estudo sobre a construção do Mercado no passado, suas transformações e como ele se encontra no presente, considerando a sua

forma arquitetônica e as reformas que sofreu no decorrer do tempo. Explanou-se, também, sobre a Arquitetura de ferro na Amazônia, com foco tanto na Exposição Universal que aconteceu em Paris, como nas aquisições dos Pavilhões pré-fabricados em ferro por meio dos catálogos ilustrativos da empresa *Saracen Foundry, de Walter MacFarlane & Co.* Na parte final deste Capítulo, delineou-se a forma de comercialização dos produtos metálicos, os suplementos divididos por exemplares, as peças e os edifícios no contexto deste instrumento de venda e a montagem dos Mercados no pátio da usina europeia.

No Capítulo 2, “A Memória no Cotidiano dos Pavilhões de Ferro do Mercado Bolonha e Adolpho Lisboa”, o conteúdo central foram as lembranças dos colaboradores no dia-a-dia dos Mercados, onde, no primeiro tópico, realizou-se uma análise em ambos os Pavilhões, com o auxílio do método etnográfico, buscando conceituar a reminiscência através dos estudos de vários autores. O segundo objetivou sondar a percepção e a memória dos atores envolvidos no pátio interno dos estabelecimentos, dedicando-se a apreender o olhar do transeunte e do trabalhador sobre os Mercados em estudo, constatando-se, através dos relatos, que não há experiências homogêneas e sim recordações, narrativas históricas, comparações na estrutura metálica com formas conhecidas cotidiano de cada um.

No Capítulo 3, “A Relação entre a Vivência do Transeunte e do Trabalhador na Valorização da Arquitetura de Ferro”, que finaliza esta dissertação, teve como ponto principal a relação existente na valoração da arquitetura perante a percepção da vivência do transeunte e do trabalhador no contexto do mercado. Na primeira parte, evidenciou-se o papel do ornamento apartado da arquitetura, representando a busca da memória resguardada nas entrelinhas da vida dos interlocutores, feitas a partir de comparações entre os ornatos e as formas do cotidiano popular. Já na segunda, estudou-se o paralelo entre as duas edificações, abrangendo suas similaridades e diferenças nas questões da forma arquitetônica, reformas e, principalmente, com relação às lembranças do passado de cada pessoa interpelada.



1 A ARQUITETURA DE FERRO NA AMAZÔNIA NO INÍCIO DO SÉC. XX

1.1 O Ciclo da Borracha na região amazônica

As manifestações da Idade de Ouro, entendida com *Belle Époque*³, remetem para a Paris do final do século XIX e começo do XX, período em que houve um forte imaginário acerca do progresso e de uma civilização alinhada aos padrões europeus, fomentando o ideal de uma cidade projetada, limpa, higiênica e com ares modernos. Daou (2004) aponta que a história da *Belle Époque* amazônica está ligada à riqueza da borracha, trazendo a euforia social decorrente das sociedades paraense e amazonense.

O anseio das elites amazônicas, instigado por perspectivas vanguardistas e impulsionado pela economia gomífera, transformaram de modo marcante as cidades de Belém e Manaus. De acordo com Daou (2004), a borracha, cientificamente denominada de *Hevea brasiliensis*, foi um material do progresso que forneceu às sociedades das duas províncias uma aproximação sociocultural com a Europa. Em suas palavras, a exportação da borracha para setores industriais europeus, foi “responsável pela notável visibilidade que teve a Amazônia durante a chamada *Belle Époque*” (DAOU, 2004, p. 18), ostentando hábitos do Velho Mundo, como o culto às artes, em particular à arquitetura. De acordo com Sarges (2000, p. 20), a “[...] construção de *boulevards*, praças, bosque, asilo, mercados, calçamento de ruas, bem como de uma rigorosa política sanitária” constituíam a presença visível de um cenário de luxo da época, no qual a burguesia desfrutou desses espaços para expor seu prestígio e sua riqueza.

Neste panorama de cenário de luxo, a elite, juntamente com o poder público, almejou a implantação dos Pavilhões pré-fabricados em ferro, sendo quatro no pátio interno do Mercado Bolonha em Belém e dois ladeando o Adolpho Lisboa em Manaus, ambos edificadas durante o apogeu do Ciclo da Borracha. Nesse período, as duas cidades vivenciaram transições econômicas, sociais, políticas e culturais. Em consequência das mudanças ocorridas nessa época é relevante contextualizar a implantação destes Mercados dentro do cenário urbano, explicando um breve quadro a respeito da extração

³ Ana Maria Daou (2004) retrata em seu livro que a *Belle Époque* foi um período que representou a manifestação das conquistas burguesas, em uma época caracterizada por grandes avanços materiais e tecnológicos e pela vasta ampliação dos mercados e das relações comerciais.

e comercialização da goma e das metamorfoses sucedidas nas capitais do Pará e do Amazonas durante a fase áurea gomífera.

1.1.1 Belém: a Paris n'América

Trabalhos historiográficos produzidos acerca de Belém, demonstram que seu crescimento foi lento e difícil. De acordo com Penteado (2017), “em 1649 tinha apenas 6.500 habitantes e, em 1830, isto é, quase duzentos anos depois, sua população era tão somente de 12.400 habitantes”. O autor continua seu comentário, afirmando que somente “[...] na segunda metade do século XIX, graças à abertura do rio Amazonas à navegação internacional (1867) e ao Ciclo da Borracha (1870–1910), recebeu um forte impulso”. (PENTEADO, 2017, p. 66). Tal fato proporcionou ao município um significativo aumento do número de residentes.

Belém vivenciou um período de desenvolvimento econômico em função da extração e exportação do látex. Daou (2004) relata que:

[A borracha] já era conhecida pelos europeus desde o século XVIII, quando La Condamine (1736) descreveu sua aplicação pelos nativos da Amazônia para diversos fins, como na fabricação de diversos utensílios de uso cotidiano, como sapatos e garrafas, ou no revestimento de tecidos. (DAOU, 2004, p. 18).

No entanto, é somente quando a produção do látex é utilizada a nível industrial, com o nascimento do pneumático, que a goma assume um papel expressivo no cenário mundial. A autora menciona, ainda, que, “na Exposição Universal de 1876, em Paris, a borracha foi exibida como produto incorporado pela técnica, como matéria-prima de pneus em veículos movidos a cavalo⁴”. O material tornou-se relevante por sua qualidade de impermeabilização e por sua grande elasticidade.

À medida em que o látex alcançava importância no mercado internacional, Belém se integrava aos centros hegemônicos do capitalismo. A economia local usufruiu do momento em que Bueno (2012, p. 37) denominou de “o maior surto econômico da região”, que ocorreu durante os anos de 1870 a 1910. Devido à expansão dos negócios da borracha, a estrutura social belenense teve um aumento significativo, surgindo na sociedade novos personagens, uma classe de homens políticos e burocratas, comerciantes, profissionais liberais, grupos que contavam com o apoio do Estado, a quem interessava o recolhimento dos impostos. Esses recém-ricos almejavam melhorias no município, que

⁴ Idem, p. 19.

visava o progresso na capital, remodelando suas ruas para que estas viessem a ter o brilho da *Belle Époque* (SARGES, 2000).

Nesse período, Belém foi marcada por uma metamorfose na paisagem urbana, tornando-a uma metrópole com ares modernos. De acordo com Sarges (2000):

O processo de modernização da cidade de Belém só foi possível em razão do enriquecimento que atingiu certos setores sociais da região a partir da segunda metade do século XIX. Reforçando o processo de inserção da Amazônia no sistema capitalista mundial, toda atividade econômica da região passou a girar em torno da borracha a partir de 1840. Em decorrência dessa nova ordem econômica, Belém assumiu o papel de principal porto de escoamento da produção gomífera, canalizando parte do excedente que se originou dessa economia para os cofres públicos, os quais direcionaram o investimento para a área do urbano, com calçamento de ruas com paralelepípedos de granito importados da Europa, construção de prédios públicos, casarões em azulejos, monumentos, praças, etc. (SARGES, 2000, p. 20).

Dentro deste panorama de reformulações ocorridas na cidade, a figura de Antônio José de Lemos⁵ – Intendente no período de 1897 a 1911 – surge como personagem tão importante que chega, inclusive, a ser associado à própria Era da Borracha. A montagem de uma nova estrutura urbana e o modo de vida, através da modernidade⁶, tinham o sentido de mostrar ao mundo civilizado que a capital do Pará era símbolo de progresso, sendo este proporcionado, em parte, pela riqueza que vinha das matas, em especial das seringueiras, e por meio de empréstimos. Segundo Castro (2010):

Para reformar Belém, Antônio Lemos não dispôs, no entanto, das próprias rendas da cidade: Belém possuía, nesse tempo, uma receita anual que girava em torno de 7 mil contos de réis. Durante os primeiros anos da sua administração, ainda no final do século XIX, Lemos contraiu uma dívida de cerca de 20 mil contos de réis para implementar a suas reformas centrais (os sistemas de higienização e expansão da cidade). (CASTRO, 2010, p. 152).

No contexto em que se insere essa investigação a respeito dos empréstimos adquiridos na administração de Lemos, observa-se que foram ultrapassados todos os limites orçamentários possíveis para realizar as reformas e modernizar a cidade. O

⁵ O Intendente Antonio José de Lemos assumiu o cargo de administrador de Belém no auge do ciclo gomífero, dispondo de recursos financeiros para efetuar melhoramentos urbanos, promovendo, desta forma, inúmeras obras públicas. “Sanear e embellezar uma cidade é, por assim dizer o eixo do programma de uma boa administração municipal”. (LEMOS, 1908, p. 192).

⁶ Para Maria de Nazaré Sarges (2000, p. 19), a modernidade foi entendida como expansão de riqueza, ampliando as possibilidades, caracterizadas pelo avanço de tecnologia (Revolução Industrial), construção de ferrovias, expansão do mercado internacional, urbanização e crescimento das cidades (em área, população e densidade), mudança de comportamento público e privado e bafejo da democracia, transformando as ruas em lugares onde as pessoas circulavam e exibiam seu poder conferido pela riqueza.

Intendente, tomado pelos ideais haussmanianos⁷, juntamente com a elite local, aspirava por projetos de novos bairros, de abertura de grandes vias – os *boulevards* –, de calçamento urbano, de bonde elétricos, de instalação da iluminação elétrica, de equipamentos urbanos (tais como bosques, praças, asilo, mercados, etc.). Belém foi dominada por um francesismo, sendo chamada de “Paris n’ América”.

A economia local, proporcionada pela borracha, empréstimos e arrecadações tributárias, oportunizou a abertura de portos marítimos favorecendo, desta forma, o contato com os produtos e a cultura de outros países – em especial, a Europa e Estados Unidos – beneficiando a incessante busca de alinhar a sociedade local aos padrões internacionais. Sarges (2010) esclarece que, por sua estratégica posição geográfica, Belém assumiu o papel de principal porto de escoamento da produção do látex, o que lhe originou grande acúmulo de bens, além de torná-la a vanguarda cultural da região.

Com o acentuado aburguesamento da elite paraense, aliado ao sucesso da economia da borracha e a modernização do espaço urbano, ampliou-se a oferta de produtos importados. Penteado (1968) relata que o custo de vida em Belém aumentou e a capital se tornaria uma das mais caras do continente americano. Lemos avançou com o seu projeto de embelezamento urbano, inspirando-se na modernidade parisiense, idealizando ruas largas e retas, áreas verdes, saneamento e substituição do velho pelo novo, como a troca dos Pavilhões de madeira⁸ pelos de ferro pré-fabricado do Mercado de Carne.

Os donos de seringais passaram a morar na capital e “[...] construíram suas residências inspiradas no estilo *Art Nouveau*, com azulejos de Portugal, colunas de mármore de Carrara e móveis de ebanistas franceses”. (BUENO, 2012, p. 46). A decisão de morar no centro da urbe foi acentuada na busca do conforto e da diversão proporcionada pela metrópole. Devido a esse desejo dos hábitos parisienses, foram abertas inúmeras casas de lazer, como cafés, o cinema e o Teatro da Paz⁹, lugares onde

⁷ Segundo Bergerot (2005), o prefeito de Paris, Barão Haussman, figura emblemática da transformação de Paris em modelo de metrópole moderna, executada entre os anos de 1853 e 1870, traçou planos de modernização e embelezamento de lugares e momentos, como a realização de grandes trabalhos urbanos, capazes de metamorfosear uma cidade, abrindo novas avenidas, transformando a cidade em um modelo acabado de metrópole do século XIX.

⁸ De acordo com Veiga (2007, p. 60), no Mercado Municipal de Belém foram “montados quatro Pavilhões de ferro vindos de Glasgow no local dos antigos pavilhões de madeira, onde foram instalados os novos talhos para comercialização da carne”.

⁹ O Teatro da Paz foi construído a partir de planos do engenheiro José Tibúrcio Pereira de Magalhães, sendo inaugurado em 1878. O Teatro viveu seus dias mais gloriosos durante o período áureo do Ciclo da Borracha, quando nele foram realizadas célebres apresentações de produções européias e nacionais.

os coronéis da borracha desfilavam com suas prostitutas de luxo, cujos vestidos eram trazidos diretamente da Europa¹⁰.

Em linhas gerais, Belém cresceu e sua paisagem urbana já se esculpia de acordo com as novas concepções europeias. Para Daou (2004, p. 13), este processo de “[...] embelezamento da cidade resultava de alterações urbanísticas e arquitetônicas estimuladas por uma legislação que procurava modernizar os espaços públicos e dotar de certas características as edificações [...]”. A forte ligação entre Belém e as duas grandes capitais europeias, Londres e Paris – a primeira proveniente da dependência financeira e comercial e a segunda da relação cultural – tornou a cidade um verdadeiro centro de consumo.

Neste sentido, o Ciclo da Borracha propiciou a aquisição de uma gama de produtos importados. Segundo Penteado (1968, p. 127), com o látex, “Belém se transformaria em um centro exportador de borracha e importador e redistribuidor de grande quantidade de produtos variados, desde os alimentares até utensílios e equipamento diversos”. É neste quadro de transformações que a sociedade local presenciou, naquele momento, a importação de quatro Pavilhões pré-fabricados em ferro para o Mercado Municipal belenense. Uma arte singular da Arquitetura de ferro vinda da Europa, produzida pela empresa *Saracen Foundry, de Walter MacFarlane & Co.*, de Glasgow, na Escócia, que vendia seus produtos através de catálogos ilustrativos.

O emprego do ferro pré-fabricado na arquitetura, além de disponibilizar o benefício da rapidez de construção, ainda trouxe consigo o sinônimo da modernidade almejada pelas elites da região. Por este ângulo, nota-se que os quatro Pavilhões implantados no Mercado Municipal de Belém destacaram-se entre os Patrimônios Arquitetônicos projetados na época da exportação gomífera. Silva (1986) revela que é um dos exemplos mais significativos desse período e destaca que no Brasil nenhuma outra construção tem tamanha aceitação e serventia quanto o Mercado Público.

¹⁰ Ricardo Bueno (2012) relata que na Belém do século XIX, mulheres das classes abastadas tinham um zelo especial pela indumentária, de tal forma que precisavam mandar buscar seus vestidos em Londres e/ou Paris. Para resolver essa questão, surgiram na cidade estabelecimentos comerciais para atender o requinte das damas e cavalheiros, entre eles estão: Paris N’América, Bom Marché, Maison Française, além de lojas ambulantes que vendiam em carros e tabuleiros, fazendas francesas, inglesas e diversas miudezas.

1.1.2 Manaus: A Paris tropical

No litoral do rio Negro, foi edificado em 1669 o Forte de São José do Rio Negro. A região foi “construída em pedra e barro, contou com mão-de-obra de nativos catequizados pelos missionários, reunindo tribos dos Tarumã, Manáos, Baré, Passe e Banibes” (CORRÊA, 2011, p. 53), sendo o núcleo urbano, formado no entorno da construção militar, elevado à categoria de Vila da Barra. O desenvolvimento da localidade foi lento¹¹ e viveu anos com uma economia pouco representativa. Suas ruas não possuíam esgotos nem iluminação elétrica e seu centro era repleto de casebres cobertos de palha. O desejo de tornar-se uma cidade se deu somente em 1848. No ano de 1852, foi efetivada a criação da penúltima província do império brasileiro e em 1856 passou a se chamar Manaus. Era o território mais distante da capital do Império, pois estava situada no coração da floresta.

A criação de uma província autônoma ocasionou muitas promessas de melhoria. No entanto, Manaus por mais de uma década, ainda não se apresentava como uma capital. Na verdade, este panorama – de ruas sem esgotos, sem iluminação e casebres cobertos de palhas – começou a mudar a partir do final do século XIX e início do XX, quando a cidade vivenciou um dos maiores crescimentos econômicos do norte do Brasil, a riqueza gerada pelo látex. O historiador Hermetes Reis de Araújo (1998) relatou que o aumento da extração da borracha e sua industrialização fomentou o crescimento na economia de Manaus:

[...] industrialização da borracha na segunda metade do século XIX, ao articular mundialmente a aplicação de tecnologias de ponta, uma rápida operação de penetração territorial e a canalização de um fluxo massivo de matérias-primas, colocou, praticamente em um só golpe, a maior floresta do mundo na órbita econômica e geopolítica das sociedades industriais. (ARAÚJO, 1998, p. 65-66).

Logo, a província do Amazonas ocupou uma condição de destaque na extração do látex, ocasionando, dessa forma, uma ascensão na economia da região, oportunizando mudanças significantes nos aspectos, econômicos, políticos, populacionais, urbanístico e culturais. Dentro desse cenário de remodelação ocorrida em Manaus, é importante

¹¹ De acordo com Corrêa (2012), a cidade de Manaus possuía, em 1787, três ruas, com uma população formada por 47 brancos, 243 índios e 11 pretos escravos. Quarenta anos mais tarde, a população aumentou para 3.000 habitantes. Em 1852, instalou-se a província do Amazonas, na qual já contava com 4.000 pessoas e não possuía um edifício público. Neste período, a cidade tinha uma praça e dezesseis ruas, sem calçamento, sem iluminação e as lojas não tinham nenhuma ostentação.

destacar o papel do governador Eduardo Ribeiro (1892-1896), que ao assumir o comando da administração, iniciou imediatamente as reformas de melhoramento para a capital. Corrêa (2012, p. 16) comenta que Manaus “[...] ganhou ruas novas, igrejas, prédios públicos, mas seu destino era o de ser uma cidade republicana, que se realizaria sob a administração de Eduardo Ribeiro e dos governadores que o sucederam”.

Neste sentido, a paisagem do Amazonas começa a ter modificações na metade do século XIX, quando a metrópole recebeu um grande número de imigrantes nacionais e estrangeiros, passando de 29.334 habitantes, em 1872, para 645.300 em 1900¹². A exploração em larga escala do látex e a construção de um porto flutuante essencial para escoar a goma para os grandes centros capitalistas, transformou Manaus em um núcleo moderno. Em rápido resumo, essa é a gênese da cidade que ostentaria o *status* de “capital da borracha”. No que concerne à higienização, a cidade foi uma das primeiras do Brasil a vivenciar esse espírito, “[...] transformando-se de um simples vilarejo à beira do rio Negro em uma pujante cidade, dotada de infraestrutura urbana moderna, tornando-se a sede dos negócios que giravam em torno da borracha na Amazônia ocidental”. (BUENO, 2012, p. 49).

Com o capital proveniente da borracha, Eduardo Ribeiro teve a possibilidade de alterar as acanhadas feições urbanas da capital, por meio da expansão da malha. O ritmo de trabalho era intenso, pois iria desde o arruamento e calçamento das vias públicas, até a construção de prédios públicos; o embelezamento da cidade fazia parte do rol das novas exigências econômicas e sociais da época. Daou (2004) acrescenta que os igarapés e rios foram destruídos e no lugar construiu-se edificações comerciais e praças. Socialmente falando, a economia gomífera introduziu novos padrões e modificou costumes. Sobre tal questão, Dias (2007) mostra que a cidade de Manaus

[...] não só substitui a madeira pelo ferro, o barro pela alvenaria, a palha pela telha, o igarapé pela avenida, a carroça pelos bondes elétricos, a iluminação a gás pela luz elétrica, mas também transforma a paisagem natural, destrói antigos costumes e tradições, civiliza índios transformando-os em trabalhadores urbanos, dinamiza o comércio, expande a navegação, desenvolve a imigração. (DIAS, 2007, p. 29).

As metamorfoses oferecidas pela economia da borracha, ocorrida em Manaus, atraíram muitos homens enriquecidos com os negócios da *Hevea brasiliensis*,

¹² População das Capitais dos Estados do Brasil (1872, 1890, 1900). Disponíveis em: https://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/populacao/1908_12/populacao1908_12v1_058_a_065.pdf. Acesso em: 30 jul. 2018.

estabelecendo, desta forma, suas residências no centro da cidade. No entanto, a capital não viveu somente com os valores arrecadados do negócio do látex, pois o poder público encontrava-se, em algumas situações, impossibilitado de colocar em prática os serviços de manutenção da administração pública. O recolhimento estava cada vez mais baixo e, somava-se a essa situação, os pagamentos adquiridos por empréstimos¹³.

Os empréstimos vultosos, justificados pelo ideal de modernização da localidade pautada no arquétipo francês, foram feitos e transformaram a cidade de Eduardo Ribeiro. Corrêa (2012, p. 60) acrescenta que o lema para o manauara se traduz em uma frase edificante: “Viver como na Europa, mesmo estando na selva”. Ou seja, o município que nasceu no meio da floresta equatorial se transformou e cresceu à margem da sociedade mais civilizada do Velho Mundo.

Transformar Manaus em Paris era o objetivo dos grandes homens públicos, que sonhavam com uma Cidade-Luz em meio à selva amazônica, modificando as características rústicas da localidade para ares mais modernos, preparando-a para atrair o capital investidor. De acordo com Pinheiro (2003), a elite da região converteu a cidade na ‘Paris dos Trópicos’, com a construção de vários de seus monumentos vultosos, como o Teatro Amazonas, o Palácio da Justiça, os grandes casarões, o Mercado Adolpho Lisboa e o porto flutuante.

A construção do Mercado Municipal Adolpho Lisboa teve início dentro deste cenário de transformação do espaço urbano de Manaus. Em 1890, foram construídos dois Pavilhões iguais na lateral da edificação central. Na verdade, eram galpões abertos, com estrutura em madeira e cobertos de telhas de zinco, sem nenhuma ostentação de uma arquitetura requintada.

O lugar não comportava mais a demanda da cidade e, com isso, em 1902, o administrador Adolpho Guilherme de Miranda Lisboa, contratou Felinto Santoro¹⁴, para fazer a reforma e ampliação do antigo Mercado Municipal, uma estrutura em ferro fundido da empresa *Francis & Morton, Engineers*, de Liverpool, construindo sua fachada

¹³ Empréstimo que as administrações passadas adquiriram no *London and Brazilian Bank, Limited*, realizado em 1906, no valor de 350.000 libras esterlinas, alvo de críticas dos administradores da época. Texto retirado do Relatório apresentado à Intendência Municipal de Manaus, pelo Superintendente Dr. Antonio Ayres de Almeida Freitas. Sessão ordinária de 14 de julho de 1918. Typographia do Ca’ e La’, Rua Joaquim Sarmiento, 12, 1918. p. IV

¹⁴ Engenheiro italiano que chegou ao Brasil muito novo, passando por algumas capitais brasileiras, como, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Manaus, Belém e Bahia. Derenji (1998) comenta que a data na qual Felinto Santoro chegou em Manaus é imprecisa e deve-se considerar que de 1897 a 1900, o engenheiro foi acometido no Brasil por uma grave moléstia, fazendo com que passasse três anos na Itália em tratamento.

voltada para a Rua dos Barés em alvenaria de tijolos. No entanto, a construção seria concluída por outro empreiteiro, Afonso Campora. Segundo Leong (2011), o Intendente concluiu a obra de reforma em 1906, período correspondente ao final de seu mandato, colocando seu nome no novo frontão e deixando que a história se encarregasse de batizar a edificação. No que tange aos Pavilhões laterais, foram demolidos os dois galpões velhos de zinco que auxiliavam o prédio central, pois não comportavam mais a demanda da região. Foram montados dois novos, ornados de ferro e vidros coloridos, fornecidos pela empresa *Walter MacFarlane*, que apresentavam beirais abertos, com o formato da cobertura de arcos metálicos.

Desta forma, foram implantados os Pavilhões da Carne (a oeste) e do Peixe (a leste), com uma arquitetura ao estilo da *Art Nouveau*, concebida no Velho Mundo através do emprego das estruturas metálicas importadas e pré-fabricadas em ferro. Evidentemente que o refinamento dessas edificações não poderia ser considerado, naquela época, um costume brasileiro, no entanto, foi assimilado pelo desejo da modernidade.

1.2 A construção do Mercado no passado refletido no presente

O Mercado Bolonha em Belém e o Adolpho Lisboa em Manaus, como mencionado anteriormente, são representantes arquitetônicos dos tempos áureos da época da borracha na Amazônia brasileira. Os debates sobre a necessidade iminente de saúde pública aos padrões de progresso, naquele momento, fomentaram a criação de teorias e concepções higienistas que ocasionariam o planejamento de mercados públicos cobertos. Derenji (1987) afirma que, além das idealizações de construções públicas, havia também as edificações privadas com características requintadas, pois:

[...] o poder aquisitivo do Estado e da classe enriquecida permitia a escolha dos produtos mais sofisticados e de melhor qualidade em disponibilidade nos centros industrializados. Os produtos pré-fabricados em ferro preencheriam todas essas condições. (DERENJI, 1987, p. 162).

Neste contexto, as metrópoles da região amazônica assumiram a postura de cidades em pleno crescimento e, com isso, os espaços que atendiam inicialmente a pequena demanda do comércio local, tinham que romper com o passado. Os quatro Pavilhões internos¹⁵ do Mercado de Carne de Belém (Figura 01) e os dois que ladeiam o

¹⁵ “Os quatros Pavilhões internos; que abrigam os talhos, serão completamente reformados e melhorados; os seus pilares de madeira cederão o lugar a elegantes columnas de ferro [...]”. (LEMOS, 1902).

Mercadão¹⁶ em Manaus (Figura 02), foram demolidos¹⁷ com a autorização dos Intendentes de cada cidade.

Figura 1 – Mercado Municipal de Belém antes da reforma, com apenas um pavimento



Fonte: Álbum de Belém do Pará – 15 de novembro de 1902.

Figura 2 – Mercado Municipal de Manaus, construção que contava com um Pavilhão central e dois galpões laterais



Fonte: Manaus Sorriso, álbum 1901/1902 – Coleção Jorge Herrán.

¹⁶ Mercadão – nome popular que os cidadãos manauaras chamam o Mercado Adolfo Lisboa. Otoni Mesquita chama-o de “Mercado de Ferro” (MESQUITA, 1992, p.84).

¹⁷ Os mercados foram demolidos devido não atenderem mais o aumento da demanda local, pois, com a exploração da borracha, muitas pessoas vinham de outros lugares para habitarem as cidades de Belém e Manaus.

1.2.1 As Transformações dos Mercados

As reformas que ocorreram nos Mercados em estudo, os transformaram em uma beleza singular da época da borracha. Segundo Costa (2001), a escolha em usar estruturas de ferro e aço para modernizar a arquitetura implantada no Mercado de Belém e de Manaus, foi decisiva para resolver os problemas sanitários agravados pela urbanização. Os trabalhos iniciais de transformação no Mercado Bolonha em Belém foram para melhorar o antigo reboco das paredes externas, além de refazer as arcadas no lado oriental do prédio. Certifica-se, no Relatório¹⁸ de 1904, o início das obras com:

Os trabalhos de ampliação e elevação do Mercado Municipal, contractados com os commerciantes Joaquim da Silva Vidinha, Joaquim Mendes Corrêa, Bernardino da Cunha Mendes e o industrial major Antonio Pinto Xavier, estão sendo desempenhados com escrupulosa observancia da planta approvada, sob a competente fiscalização do illustre sr. dr. João Antonio Luiz Coelho, secretario effectivo da Intendência e fiscal das alludidas obras”. (BELÉM, 1929).

De acordo com o mencionado Relatório, no mês de novembro daquele ano, os trabalhos da travessa Oriental do Mercado estavam finalizando e os do *boulevard* da República, na cobertura, estavam em andamento. O prédio do Mercado Bolonha foi edificado em linhas do neoclássico (Figura 03), acrescentando um pavimento a mais na edificação. Sua planta baixa tem formato retangular e na fachada quase não há ornamentação, o adorno se restringe apenas aos frontões triangulares.

Figura 3 – Mercado Municipal de Belém com fachada após reforma



Fonte: BELÉM, 1905, p. 121.

¹⁸ BELÉM, 1904, p. 129.

As mudanças no Mercado Municipal foram autorizadas por meio da Lei nº. 384, de 04 de março de 1904, sendo publicada somente em 1905 no Relatório de Antônio Lemos. Deste modo, a primeira fase da obra foi iniciada em 01 de agosto de 1904, sendo concluída em 30 de setembro de 1905 (LEMOS, 1905). Tais modificações abrangeram a composição do pavimento superior com as mesmas dimensões do térreo, além dos serviços de cobertura desse novo andar e da renovação das fachadas. Entretanto, logo depois do término da referida reforma, a Intendência resolveu realizar, do mesmo modo, melhorias nas galerias, nos boxes para venda de carne, etc., e coube ao engenheiro Francisco Bolonha¹⁹ conduzir os melhoramentos. Após os trabalhos de ampliação e reforma, a configuração ficou da seguinte forma:

- Ao centro do pátio interno, houve a instalação de um moderno ‘gabinete de comodidade’, que contava com 5,00 metros de comprimento por 4,00 metros de largura, com *water-closets*, mictórios, lavatórios e um especial para a guarda do estabelecimento (Figura 04). “O chálet destinado a essa instalação é metálico, de apurado gosto artístico e construção francesa”. (LEMOS, 1905, p. 124);
- Construção da marquise em volta de toda parte retangular interna do estabelecimento, sob a qual teria uma cobertura de 2,00 metros com chapas de vidro, proporcionando assim o abrigo da chuva para pequenos comerciantes, locatários de aparadores, sem que se perdesse a iluminação natural (Figura 05);
- A substituição dos quatro portões em madeira da entrada por outros mais modernos em ferro batido, com aplicações de metal amarelo e, sobrepostos a eles, o brasão do município de Belém e as iniciais que traziam as letras MM – de Mercado Municipal – circundadas por guirlandas de louro em bronze. Ainda segundo o Relatório²⁰, “[...] as quatro fachadas, na parte correspondente a cada porta de entrada, fôram ornamentadas com decorações feitas com arte, nos centros das quaes, em relêvo, dominam as armas da cidade”;
- Os quatro Pavilhões foram completamente reformulados e melhorados, cada um com duas ordens – ou fileiras – de 10 boxes para a comercialização de carne, com dimensão equivalente a 2,00 metros de largura por 2,50 metros de

¹⁹ Figura histórica de Belém, o engenheiro Francisco Bolonha participou de muitas obras realizadas durante o período áureo do Ciclo da Borracha.

²⁰ Idem, 1905, p. 123.

fundos. Essas fileiras delimitavam-se por um corredor central de 1,00 metro de largura, utilizado pelos comerciantes e que dava acesso ao interior dos açougues através da parte posterior dos mesmos;

- Os pilares de madeira cederam lugar para os de ferro, entre os quais havia uma grade metálica com portas do mesmo material, auxiliando no controle e fiscalização, o que permitiu que, ao término do trabalho, os permissionários pudessem fechar seus pontos sem terem o prejuízo da ventilação interna;
- Na frente dos açougues, tem-se um corredor com 1,50 metros de largura, servindo como área de circulação dos pavilhões. Os painéis frontais são compostos por grades de ferro e motivos de ornamentação floral pintados em metal amarelo, que sustentam um balcão em mármore de 45 centímetros de largura (Figura 06);
- O material dos boxes são todos novos, com ferragem de aço polido e metal amarelo, de fácil limpeza diária, ferramentas apropriadas para o manuseio do trabalho, mesas de mármore para o corte da carne substituindo os cepos de madeira;
- Substituição dos velhos aparadores dos corredores laterais por elegantes armários, com mais capacidade que os anteriores, todos metálicos, com prateleira de mármore para uns e ferro esmaltado para outros, com quatro modelos: “uma para legumes, flores e fructos; outros para gêneros alimentícios a retalho; outros para armarinhos e quinquilharias; e finalmente, um último para instalação das cozinhas econômicas, ali existentes em número considerável”. (LEMOS, 1905, p. 125);
- As tampas das caixas de inspeção de esgoto foram substituídas por placas de ferro fundido, com argolas para facilitar reparo quando houvesse necessidade;
- O reservatório de água – com capacidade para dezesseis mil litros – e que estava disposto sobre uma coluna de ferro fundido de 6 metros de altura, tem como acesso uma escada helicoidal, com o mesmo material do Pavilhão (Figura 07);
- Os quatro Pavilhões estavam separados por duas ruas internas com 5,00 metros de largura, que cruzavam no centro do ‘gabinete de comodidade’, e outras quatro com largura variável, entre 2,00 a 5,00 metros, paralelas às paredes internas do quadrilátero do prédio de alvenaria.

Figura 4 – ‘Gabinete de comodidade’ com *water-closets*, mictórios e lavatórios; na atualidade somente o posto administrativo



Fonte: Adaptação feita pela autora a partir do Indicador Ilustrado do Pará. Rio de Janeiro: Courrier & Billiter, 1910, p. 27 e do arquivo pessoal (2018).

Figura 5 – Marquise interna do estabelecimento e como se encontra hoje



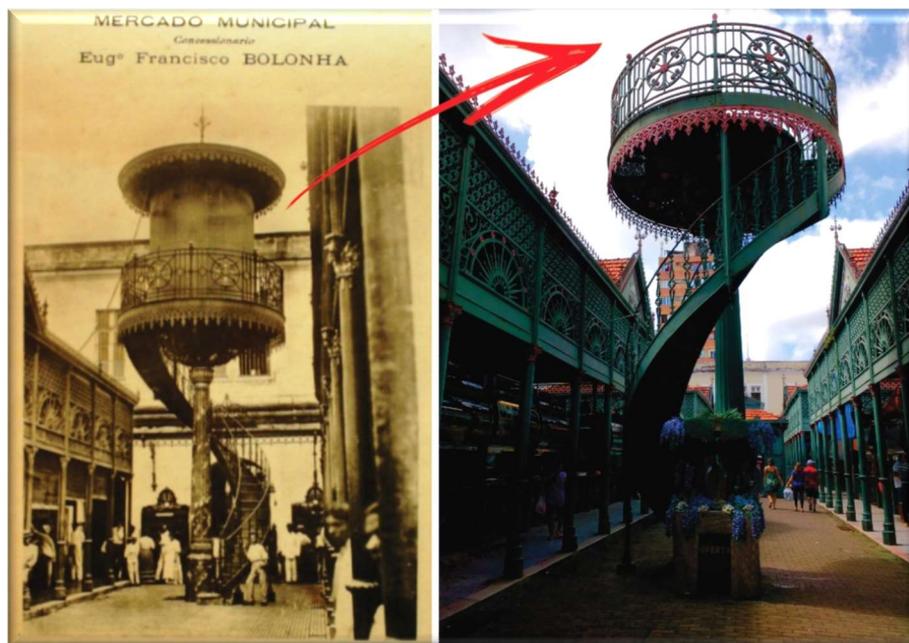
Fonte: Adaptação feita pela autora a partir do Indicador Ilustrado do Pará. Rio de Janeiro: Courrier & Billiter, 1910, p. 28 e do arquivo pessoal.

Figura 6 – Frente dos boxes do Pavilhão em ferro



Fonte: Adaptação feita pela autora a partir de arquivo pessoal.

Figura 7 – Escada helicoidal com reservatório que hoje serve como mirante



Fonte: Adaptação feita pela autora a partir do Indicador Ilustrado do Pará. Rio de Janeiro: Courrier & Billiter, 1910, p. 26 e do arquivo pessoal (2018).

Após as alterações na edificação, a permissão de uso do Mercado foi direcionada a Francisco Bolonha²¹. “O contrato de concessão ofertada e assinada pelo Engenheiro Bolonha reforçou a discussão dos embates políticos vigentes neste período, enfatizando os privilégios partidários presentes no cenário político de Belém” (MORAES, 2017, p. 51). Com relação às lojas que compõem a edificação em alvenaria, elas abrem diretamente para as ruas, tornando-as totalmente autônomas do prédio, limitando o quadrilátero do Mercado. Compunham um total de 51 portas que constituíam os quartos – ou lojas – externas do edifício. Esses ambientes eram muito espaçosos, arejados e voltados para a via pública, conforme atesta o trecho a seguir:

[...] uma só porta com uma dependência de dimensões inferiores, também servida por duas janellas, dando para o pateo interno da casa, as quaes serão protegidas por gradis de ferro, para evitar o assalto de ladrões. N’uma pequena divisão de tabique, á direita do compartimento menor, há dois gabinetes, com latrina ingleza e banheiro. Além d’esse pavimento, cada quarto do rez do chão possui um amplo sótão, com cerca de 2 metros de altura, sem inclinação alguma no tecto, perfeitamente ventilado pelas bandeiras das portas correspondentes, constituindo optimo deposito²².

Enclausurado a esse novo prédio, encontram-se os quatro Pavilhões pré-fabricados em ferro importados da Europa, destinados ao comércio de carne (Figura 08). “O Mercado passou a apresentar uma tipologia classificada como mercado aberto e com um grande pátio interno, uma edificação de material misto, estrutura em alvenaria e pavilhões metálicos”. (MORAES, 2017, p. 50).

²¹ A Resolução nº. 151, assinada pela Intendência, concedeu ao engenheiro Francisco Bolonha a exploração dos talhos existentes no Mercado, a padronização dos aparatos de venda e a garantia da salubridade nos mercados e feiras.

²² BELÉM, 1905, p. 122.

Figura 8 – Mercado Municipal de Belém – Pavilhão em ferro



Fonte: Indicador Ilustrado do Pará. Rio de Janeiro: Courrier & Billiter, 1910, p. 25.

O Mercado não sofreu intervenções no decorrer dos anos. O que se encontra são apenas registros de reformas. Segundo Débora Veiga, através de sua pesquisa para a dissertação de mestrado, “no andar superior, aparentemente ocorreram muitas modificações no que se refere à disposição dos ambientes” (VEIGA, 2007, p. 72). A autora, menciona que apenas uma das lojas apresenta forma semelhante à descrita nos relatórios da Intendência Municipal. Sobre a estrutura metálica, o ‘gabinete de comodidade’ foi o que mais sofreu mudanças, perdendo suas características iniciais, pois servia de abrigo, com os *water-closets*, mictórios e lavatórios e transformou-se em uma sala para a administração do Bolonha. Com relação ao sumiço da caixa d’água, o autor Luiz Rabelo Silva (2017), relatou que:

As descrições minuciosas da época de inauguração não poupam elogios ao material empregado, o que pode ser ainda constatado apesar de algumas modificações que o mercado passou, como por exemplo, a desintegração da caixa d’água, a qual hoje é composta apenas por uma escada circular. (SILVA, 2017, p. 37).

Em maio de 1988, o Mercado Bolonha sofreu um incêndio que não teve grandes prejuízos. Porém, dois meses depois, ocorreu outro com maior gravidade, abalando um trecho da estrutura. A causa não foi descoberta. O que se teve de informação, por notícias

de jornais, foi a restrição apenas da parte de alvenaria, não atingindo, portanto, os Pavilhões pré-fabricados em ferro. No entanto, por um bom tempo, houve um abandono na edificação. Nas imagens contidas nos estudos de Débora Veiga (2007), é possível observar que as peças ornamentais metálicas do estabelecimento ficaram desgastadas, apresentando alguns pontos de oxidação e corrosão²³. Somente depois da reforma que ocorreu em 2011 que esses problemas foram solucionados.

No que se refere ao Mercado Adolfo Lisboa, pode-se dizer que o edifício é preservado, sendo um representante da memória e da cultura da cidade. No entanto, vale ressaltar um pouco da história de sua implementação, mais precisamente pela segunda metade do século XIX, quando não existia um prédio abrigando o comércio de produtos alimentícios, já que eram vendidos à margem do rio Negro, vindos do interior do estado. Este lugar era conhecido como Ribeira dos Comestíveis. Para a construção da primeira edificação para esse fim, o presidente Satyro de Oliveira Dias (mandato de 1880–1881), desapropriou um terreno com 5,400 m² próximo ao porto, localizado na Rua dos Barés, antigo bairro dos Remédios, com o intuito de construir um novo lugar para as vendas de alimentos (Figura 09).

Figura 9 – Porto de Manaus – área compreendida entre o “Igarapé da Ribeira” à direita o Mercado Municipal



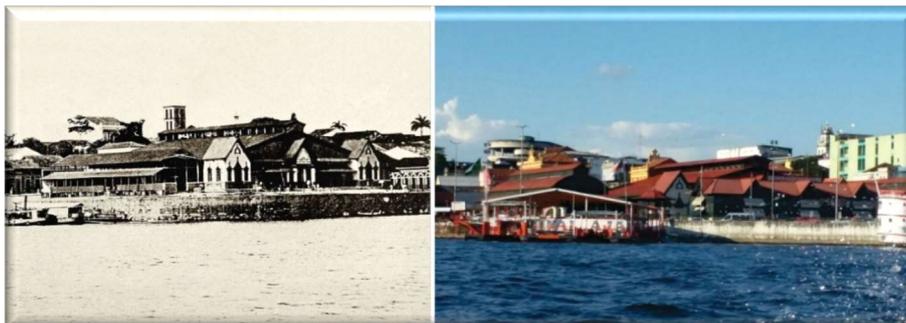
Fonte: Manaus Sorriso. Autor desconhecido.

Passados alguns anos, depois de sua inauguração, o prédio ficou inapropriado para o emergente progresso que a cidade estava atravessando. Na época de sua construção, era composto de apenas um único Pavilhão em ferro e alvenaria com fachada voltada para o rio. Na década de 1890 recebeu mais dois Pavilhões laterais provisórios, de feição mais

²³ Para ver mais a respeito desse assunto, consultar: VEIGA, Débora de Fátima Lima. **Os Mercados de Belém:** um estudo sobre a preservação da Arquitetura do ferro. 2007. 163f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

simples, de modo a acompanhar as crescentes demandas da cidade (Figura 10). A elite e o poder público, como mencionado em capítulo anterior, desejavam a tão sonhada modernidade para a cidade manauara. No relatório de Satyro Dias²⁴, observou-se essa questão, quando o administrador relatou que o Mercado público funcionava em “um velho edifício esboroadado e repugnante, que convém substituir por outro, que dê melhor ideia da nossa civilização”. (DIAS, 1880, p. 25).

Figura 10 – Vista do Mercado, antes dos Pavilhões em ferro e como se encontra hoje



Fonte: Adaptação feita pela autora a partir de imagem da internet e do arquivo pessoal (2018).

Em outro relatório descrito pelo Intendente Adolpho Lisboa, de 1903, elaborado para a reunião quadrimestral da Intendência realizada em novembro, conforme mencionado por Mendonça (2008), ressaltou a ampliação do Mercado (Figura 11). Relatou também nesse documento, a competência com que o Intendente administrou o município de Manaus:

Como sabeis o principal escopo da minha primeira passagem por esta administração, foi o ampliamto do atual mercado, aproveitando o mais possível às condições do terreno em que ele se acha edificado. Para esse fim, mandei proceder ao mais minucioso estudo por técnicos competentes, e contratei todas as obras necessárias para o acabamento do edifício, tendo em vista não somente a sua amplitude e comodidade, como também a sua elegância e arte. [...] A planta apresentada a esta superintendência pelo contratante o engenheiro civil, Dr. Filinto Santoro, [...]. A necessidade de se aumentar o edifício do mercado, foi primeiramente reconhecida pelo Dr. Arthur Araújo, antigo superintendente deste município, que nos últimos relatórios da sua administração destaca a pequenez daquele edifício para o crescente aumento da população. (MENDONÇA, 2008, p. 137-138).

²⁴ Sátyro de Oliveira Dias nasceu em Inhambupe (BA). Foi presidente das províncias do Amazonas, de 1880 a 1881.

Figura 11 – Mercado Municipal de Manaus, na Rua dos Barés, com realce da fachada de alvenaria construída durante a gestão municipal de Adolpho Lisboa



Fonte: Manaus Sorriso. Foto de um cartão postal.

O progresso e a higienização, como parte de um processo civilizador, conduziram o Mercado Adolpho Lisboa para grandes reformas em seu ambiente. O Intendente relatou a necessidade de se aumentar a edificação, que foi “reconhecida pelo meu antecessor, Dr. Luna Alencar, que em todos os seus relatórios, de 15 de agosto de 1902 e 13 de maio e 15 de agosto de 1903, não se cansa de clamar pela continuação das obras executadas na minha administração [...]”. (MENDONÇA, 2008, p. 138).

Com isso, os dois galpões que ladeiam a edificação principal, objeto deste estudo, foram renovados. De acordo com Costa (2001, p. 134), “entre 1905 e 1908 dois Pavilhões de *MacFarlane*, destinados ao comércio de peixe e carne, foram instalados no lado ocidental e oriental do edifício [...]”, as arquiteturas são idênticas, apresentando arcos de ferro e cobertos com placa de zinco, erguidos com alvenaria de 1,00 metro de altura e em cima desta um gradil metálico. Vale ressaltar que a preocupação com as altas temperaturas da região era aparente na edificação, por meio dos elementos arquitetônicos como lanternins, venezianas e a construção de meia parede na vedação lateral (Figura 12).

Figura 12 – Pavilhão de Peixe do Mercado Municipal em 1982 e como se encontra na atualidade



Fonte: Adaptação feita pela autora a partir do registro de Silva (1986, p. 168) e de arquivo pessoal (2018).

Desta maneira, “o Mercado Adolpho Lisboa é composto por um conjunto de construções, erguidas em diferentes épocas [...]”. (MESQUITA, 1992, p. 84). Ao longo da história, a edificação e seu entorno passaram por diversas transformações, com destaque para dois pontos relevantes: o aterro da orla²⁵, em fins da década de 1980, que resultou na atual Avenida Manaus Moderna, extinguindo a escada e a rampa na lateral do Pavilhão (Figura 13) e a desobstrução da Rua Marquês de Santa Cruz, que estava tomada de barracas, dificultando o acesso ao setor de carne (Figura 14).

Figura 13 – Imagem da escada na lateral do Pavilhão de carne e a praia da feira



Fonte: Adaptação feita pela autora a partir de imagem da internet.

²⁵ Neste local, bem antes do Mercado Municipal ser construído, em 1883, surgiu a “Feira da Praia”, depois “Feira da Rampa Praia do Mercado”, na qual produtos primários dos mais diversos gêneros – pescados, quelônios, hortaliças, etc. – vindos das mais remotas localidades do interior eram comercializados diretamente com a população. Disponível em: <https://www.facebook.com/318107561622534/photos/a.318113424955281/1683506101749333/?type=3&theater>. Acesso em: 01 mar. 2019.

Figura 14 – Mercado Adolpho Lisboa 1975, parte posterior e lateral do setor de carne



Fonte: Adaptação feita pela autora a partir de imagem da internet (2018).

Atualmente, os Pavilhões pré-fabricados em ferro do Mercado Bolonha (Figura 15) e do Adolpho Lisboa (Figura 16), expõem um caráter de valorização arquitetônica com fachadas ricamente decoradas, ressaltando os projetos estético da obra. Além dessas características, ambos são formadores de memória local e do cotidiano das duas cidades, incorporando a paisagem urbana como componente marcante das metrópoles da região amazônica.

Figura 15 – Mercado Bolonha em Belém, vista dos Pavilhões na atualidade



Fonte: Imagem retirada da internet, de autoria de Ângela Sales. Disponível em: <https://www.facebook.com/quitanda.bolonha/photos/a.1413564678971409/1497659627228580/?type=1&theater>. Acesso em: 01 mar. 2019.

Figura 16 – Mercado Adolpho Lisboa em Manaus, vista dos Pavilhões na atualidade



Fonte: Imagem retirada da internet. Disponível em: https://3.bp.blogspot.com/-tCxTH3oswtY/VvV_TrhbQWI/AAAAAAAAAX2U/d_AFzHM0gQINELiZp-w4CJ9e_BKq4tsQ/s1600/photo%2B%25281%2529.jpg. Acesso em: 01 mar. 2019.

1.3 A Arquitetura de ferro: da produção mundial para a região amazônica

O uso do ferro como matéria-prima na edificação é bastante antigo. Beatriz Kühl (1998, p. 19) comenta que é comum a aplicação desse elemento metálico “[...] em tirante e peças para consolidar paredes, a exemplo de grampos, objetivando equilibrar as forças horizontais na alvenaria”. Segundo a autora, o ferro foi utilizado em maior escala a partir da segunda metade do século XVIII, com os novos métodos industriais de fabricação, obtendo um aumento em sua produção, tanto quantitativamente como qualitativamente. A Arquitetura de ferro surgiu nessa época de transformações técnicas, sociais e culturais associadas ao advento da Revolução Industrial.

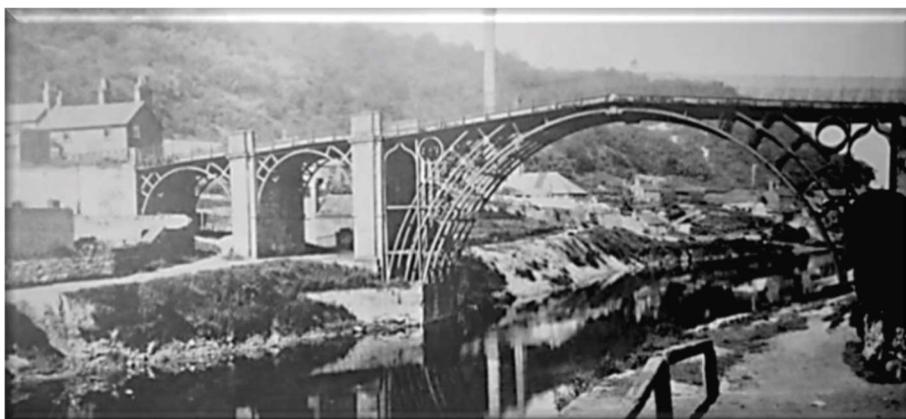
Nesse período, o emprego do material metálico destacou à ostentação do ferro fundido. Kühl (1998, p. 19), mencionou que na Europa esse novo mecanismo “era obtido no alto-forno e, posteriormente, através de descarburização [...]”. Com esse processo de fabricação, visando o aperfeiçoamento das formas de utilização, a manufatura dessa ferramenta moldável foi difundida para o uso de peças ornamentais na arquitetura, surgindo assim, uma nova abordagem tipológica. A partir desse momento, o desenvolvimento tecnológico, segundo o pensamento da autora²⁶, passou a ser usado em substituição aos “métodos artesanais de fabricação”, deslocando parcialmente o canteiro de obra para dentro da indústria.

²⁶ Idem, p. 20.

A manufatura do ferro foi introduzida em diversas frentes de trabalho, como construções de edificações, ferrovias, locomotivas, navios, maquinaria, sistemas de instalações sanitárias e de gás, entre outras, provocando um frenético desenvolvimento da indústria metalúrgica com as mais variadas formas de concepção do produto. Segundo os estudos de Souto Maior (2015), foi nas pontes e nas coberturas de grandes galpões exigidos pelas tecelagens, que a estrutura metálica foi moldada pela primeira vez. A primeira ponte de ferro fundido foi erguida sobre o rio Savern, na Inglaterra, executada entre 1775-1779.

O formato da ponte sob o rio Savern (Figura 17), segundo as concepções de Giedion (2004), não tinha ambições artísticas, nem representava nenhuma grande realização na época, mas abria um caminho para construções de larga importância. Com isso, a partir de 1830, houve o aparecimento das ferrovias resultando em alterações no sistema de transporte da época, trazendo consigo, um novo tipo arquitetônico, como estações, depósitos, garagens de locomotivas, entre outros. Concomitantemente à idealização das primeiras pontes metálicas, o ferro, do mesmo modo, foi aplicado em coberturas de edificações arquitetônicas.

Figura 17 – Ponte Savern (1775-1779)



Fonte: GIEDION, 2004, p. 196.

O crescimento da produção do ferro e o preço acessível, fez com que o material fosse disseminado em grande escala na primeira metade do século XIX. As edificações da época aproveitaram o momento da propagação, utilizando em sua arquitetura as colunas metálicas, devido terem grande resistência à compressão e, principalmente, possibilitavam a moldagem com variados efeitos. Kühl (1998, p. 28) argumenta que, “[o] desenvolvimento das técnicas de fabrico de materiais de construção não se limitava ao

ferro. A industrialização do vidro também mostrou grandes progressos, que permitiram sua fabricação em placas de dimensões maiores e com custo menor”.

A industrialização do vidro conciliado com o ferro foi utilizada na construção de estufas, jardins de inverno, expositores de lojas, mercados cobertos e estações ferroviárias. Essa combinação ocasionou à arquitetura do século XIX maior leveza na aparência das edificações pré-fabricadas.

A Arquitetura de ferro foi uma novidade que adveio de um tempo de modificações sociais e tecnológicas ligadas à Revolução Industrial. Os edifícios metálicos se converteram em artigos industrializados, na sua grande maioria pré-fabricados, com preços parcialmente baixos²⁷ e com característica portátil, que poderiam ser montados, desmontados e remontados em distintos lugares. Desta forma, surge outra particularidade relacionada a essa espécie de edificação metálica: a ausência do elo da construção com o seu sítio original.

Em consequência de um panorama econômico relativamente baixo e de uma frenética modernização relacionada à Revolução Industrial, surgiram na Europa, mais especificamente na França, exemplares de Mercados Públicos em ferro. Silva (1986, p. 37) relata que “tratava-se do Mercado Central de Paris, projetado por Victor Baltard, arquiteto, funcionário da prefeitura de Paris, então sob a administração do grande reformador Haussmann” (Figura 18). O *Les Halles Centrales*, foi muito discutido e conceituados por diversos autores. Guardia (2010) contribuiu com seu pensamento para esse assunto, quando o mencionou no trecho a seguir.

Os mercados de alimentos, como nova forma de arquitetura e de urbanismo, se implantaram na Europa urbana no início do século XIX e se generalizaram no continente com a difusão dos mercados de ferro e vidro durante a segunda metade do século. Chegaram a converter-se em uma das mais claras manifestações do orgulho municipal, da inovação arquitetônica, da renovação urbana e das novas formas comerciais da cidade capitalista. (GUARDIA, 2010, p. 11, tradução nossa)²⁸.

²⁷ De acordo com Kühl (1998), os valores dos edifícios pré-fabricados eram parcialmente baixos, se igualados aos das edificações feitas com os métodos construtivos tradicionais. Quanto à mobilidade dessa arquitetura, era mais em conta transportar os edifícios metálicos de Glasgow a Londres por navio do que de trem, o frete desse transporte, em geral, ficava de 2% do custo da edificação.

²⁸ *Los mercados de alimentación como nueva forma de arquitectura y de urbanismo se implantaron en la Europa urbana al comenzar el XIX y se generalizaron en el continente con la difusión de los mercados de hierro y vidrio durante la segunda mitad del siglo. Llegaron a convertirse en una de las más claras manifestaciones del orgullo municipal, de la innovación arquitectónica, de la renovación urbana y de las nuevas formas comerciales de la ciudad capitalista.*

Figura 18 – *Halles Centrales* – vista externa



Fonte: SILVA, 1986, p. 37.

1.3.1 A Exposição Universal em Paris

A Exposição Universal realizada em Paris no ano de 1889, em celebração ao centenário da Revolução Francesa, foi um fenômeno visual. O espaço reuniu delegações emergentes de todos os continentes e das regiões promissoras fontes de matérias-primas, como a América Latina. Teve a finalidade de expor o progresso da indústria e a propagação de ideias e valores, com o objetivo de cientificar a população não tão informada com as novidades do mundo capitalista. Barbuy (1999) mostra bem a visão sobre o evento, quando relata que:

Entendemos as exposições como modelos de mundo materialmente construídos e visualmente apreensíveis. Trata-se de um veículo para instruir (ou industrializar) as massas sobre os novos padrões da sociedade industrial. [...] vê-se que são extremamente planejadas e que se constroem como verdadeiras materializações de uma visão de mundo que se quer, conscientemente, difundir. (BARBUY, 1999, p. 1).

Percebe-se nos registros historiográficos que a Exposição Universal constituiu, ao mesmo tempo, a história da construção do ferro. O governo francês, promotor da Exposição, anunciou um concurso para desenvolver um projeto para o monumento que seria erguido como portal de entrada. Entre as centenas de projetos apresentados, o Comitê do Centenário escolheu aquele proposto pelo engenheiro Gustave Eiffel, que acabou dando nome à Torre (Figura 19). O mirante metálico, a princípio reprovado por artistas, engenheiros, jornalistas, escritores, entre outros, causou tremendo impacto na inauguração do evento.

A Torre Eiffel assim incandescente é, em primeiro lugar uma referência a si própria, ao material de que é feita, a um seu estágio anterior de moldagem do ferro num sentido amplo, à própria indústria metalúrgica, em seu auge no século XIX, relativamente às construções de ferro. (BARBUY, 1999, p. 99).

Figura 19 – Cartão-souvenir da *Brasserie d’Arcueil*, Paris



Fonte: BARBUY, 1999, p. 24.

Alguns cronistas que acompanhavam de perto o evento – relatado nos textos de Barbuy (1999) –, atestaram suas visões sobre a construção da Torre Eiffel, alegando que a fabricação de um gigantesco mirante construído em tempo recorde, montado e a ser desmontado de modo relativamente simples, comprovava ter-se atingido o avanço da tecnologia. O evento durou seis meses e abrangeu os setores industrial e comercial, destacando, em suma, a divulgação dos edifícios pré-fabricado em ferro, a começar pelas próprias construções destinadas às exposições. Observa-se nos comentários de Giedion (2004), que as exposições se tornaram um campo de experimentação, já que a maioria dos expositores tinha como estrutura a composição metálica. Nas palavras do autor:

[...] os edifícios das exposições eram projetados visando à montagem e à desmontagem rápidas, ambas facilitadas pelo uso do ferro. Além disso, os componentes de ferro para tais edifícios podiam ser fabricados em estabelecimentos diversos. Finalmente, o ferro era em toda parte considerado, nesta época, o meio de expressão mais adequado para o período. Porém os edifícios das exposições não demandavam simplesmente o uso do ferro; seu caráter provisório e o fato de serem erguidos em curtos intervalos de tempo encorajavam o emprego experimental do ferro. (GIEDION, 2004, p. 271).

O evento abrangeu uma área que continha 96 hectares envolvendo o Campo de Marte, e as regiões do Trocadero e da Esplanada dos Inválidos – 35 países participaram da festa que reuniu 61.722 expositores, atraindo 32 milhões de visitantes²⁹. Conforme os comentários de Tórtima (1990), o Brasil teve a sua participação na Exposição Universal de 1889, nos últimos meses de Império (Figura 20). A demora de sua confirmação no evento, fez com que as respectivas representações ocupassem o terreno antes reservado a jardins e restaurantes, aos pés da Torre Eiffel. No interior do Pavilhão brasileiro, encontravam-se as *vitrines* dos exportadores de matérias-primas, como minérios, madeiras, peles, mármore, carvão de ferro e borracha. De acordo com Kühl (1998, p. 75), a delegação da Inglaterra dominou amplamente esse mercado, porém, outros países também se destacaram, como é o caso da “[...] participação francesa e alemã seguida por algumas intervenções esporádicas e pontuais da Bélgica”.

Figura 20 – Pavilhão do Brasil na Exposição Universal em 1889 em Paris



Fonte: <https://www.unjourdeplusaparis.com/paris-reportage/exposition-universelle-1889>. Acesso em: 03 jan. 2019.

²⁹ *L'Exposition Universelle de Paris 1889*. Disponível em: <https://www.unjourdeplusaparis.com/paris-reportage/exposition-universelle-1889>. Acesso em: 23 jan. 2019.

De maneira geral, a Exposição trouxe um ponto em comum entre os expositores, o fenômeno da visualidade. Apostando de certa forma, nos relatos de visitantes e na imprensa, já que ambos narraram e comentaram o que presenciaram. O entrecruzamento de informações entre os 35 países da Exposição, permitiu “[...] o contato direto entre os produtores e compradores em potencial, a exemplo dos representantes das delegações estrangeiras, das administrações dos países coloniais e das companhias ferroviárias internacionais, entre outros” (KÜHL, 1998, p. 77).

A Exposição gerou o intercâmbio comercial e cultural entre os países latino-americanos e os europeus, trazendo ao cenário desses continentes diversas inovações que originaram transformações na paisagem das cidades, bem como, no hábito de suas populações. De certa forma, as regiões portuárias foram os locais onde mais se desenvolviam essas modificações, sempre tendo Paris como paradigma da modernidade urbana. Novos materiais e métodos construtivos, com destaque para as estruturas metálicas pré-fabricadas, ampliaram o surgimento de edifícios importados do território britânico, que, na época, desfrutava de uma posição de comando na manufatura do ferro fundido. Neste sentido, a América Latina era visualizada pelo Europa como um território onde poderia empreender e escoar os artefatos. Os Estados Unidos, já em plena expansão comercial, disputavam com a Europa o domínio do continente americano.

No Brasil, a importação dos edifícios metálicos, conforme os relatos de Beatriz Kühl (1998, p. 81) “esteve intimamente ligada à ampliação das relações comerciais com a Europa”. A Exposição Universal contribuiu, sob a forma da atualidade e divulgação, com a implantação de complementos arquitetônicos e edificações em ferro fundido, que tiveram muita representatividade devido à siderurgia brasileira ter, na época, pouca expressão no âmbito nacional. A Arquitetura de ferro teve “[...] uma aceitação relativamente fácil, pois se tratava de uma inovação vinda de países considerados modelos” (KÜHL, 1998, p. 83).

O reflexo da Exposição Universal de 1889 atingiu um público mais extensivo do que os que a visitaram, perpetuando-se através de cartazes, convites, revistas, jornais, livros, fotografias e catálogos. Esses impressos reproduziram um histórico do evento francês, divulgando os modelos, a economia e os produtos. Os periódicos traduziram a dimensão do evento, fazendo com que a Exposição pudesse, inclusive, ser visitada simplesmente com a leitura dessas descrições.

1.3.2 A Arquitetura de ferro na região amazônica

A arte metálica oriunda da Europa foi empregada em diversas utilidades, como estruturas, ferrovias, mercados, quiosques, relógios, postes de iluminação, fontes e todo tipo de acessórios de construção. Costa (2001, p. 9) menciona que a “[...] procedência variava, sobretudo, entre Grã-Bretanha, França, Bélgica e Alemanha”. Existem diversos exemplos encontrados pelo mundo, como na Argentina, Peru, Chile, Uruguai, Paraguai, México, Egito, Vietnã, Índia, Marrocos, Austrália, África do Sul, Caribe, entre outros.

Outro fator que pode ser sublinhado sobre as importações ocorridas entre o Brasil e a Europa, segundo Costa (2001), foi a abertura dos portos brasileiros em 1808. Tem-se conhecimento que o país ficou à margem da Revolução Industrial, no ofício de provedor de matéria-prima e consumidor de manufaturados, de forma que este processo resultou na entrada de produtos europeus em larga escala, transformando o padrão da vida social dos brasileiros. A compra dos artigos metálicos, além de otimizar a construção com rapidez, fomentou, inclusive, o embelezamento, o progresso tecnológico, o conforto, a higiene e a modernidade para muitas cidades brasileiras. Diante da aquisição desses produtos, Costa (2001, p. 37) argumenta que não foram importados somente os artefatos em ferro, foram adquiridos também, “tijolos, mobiliário, acabamento de vidro e madeira, tecidos, papéis de parede e todo tipo de utensílio e materiais de construção e decoração”.

Contudo, a importação dos edifícios pré-fabricados em ferro não se deu em grandes proporções, nem abrangeu todas as regiões brasileiras. Kühl (1998, p. 82) menciona que, “[...] normalmente esse tipo de edificação apareceu em lugares que apresentavam rápido crescimento econômico no período, crescimento esse ligado à produção e exportação de produtos agrícolas”. As cidades brasileiras como São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Fortaleza, Belém e Manaus foram as que mais importaram as estruturas metálicas do continente europeu. Nesse quadro de mudanças, as construções metálicas tornaram-se marcos na paisagem urbana das cidades citadas, estando ligados à memória local, construindo, dessa maneira, um prolongamento da europeização na localidade, com destaque para a inglesa e francesa.

Na região amazônica, essas importações transformaram completamente dois centros urbanos, Belém e Manaus, os quais passaram de cidades inexpressivas a importantes e modernas metrópoles brasileiras. Esse crescimento acelerado deve-se ao Ciclo da Borracha, que culminou tanto na implantação de várias construções públicas e

privadas, quanto em novos grupos sociais emergentes³⁰ vinculados ao comércio e à expansão dos contratos de importação e exportação. Derenji (1993, p. 162) atribui que, “[...] o poder aquisitivo do Estado e da classe enriquecida permitia a escolha dos produtos mais sofisticados e de melhor qualidade em disponibilidade nos centros industrializados”. Do mesmo modo, essa questão é enfatizada por Bueno (2012), no trecho:

Graças à riqueza proporcionada pela exportação do produto, Manaus e Belém viveram momentos de luxo e glamour. As duas cidades passaram a ser as mais desenvolvidas do Brasil e das mais prósperas no mundo, principalmente Belém, não só pela sua posição estratégica – quase no litoral –, mas também porque sediava um maior número de residências de seringalistas, casas bancárias e outras importantes instituições. (BUENO, 2012, p. 42).

Foi durante essa época que Belém e Manaus tiveram um grande salto, no que diz respeito à arquitetura pré-fabricada em ferro. Edifícios metálicos e complementos arquitetônicos, provindos das usinas europeias, eram usados como modismo. De acordo com Costa (2001), essa importação encomendada, se explica, por um lado, pela desenvoltura técnica das empresas europeias, que proporcionava aos compradores a eficácia, a praticidade e a durabilidade dos produtos, e, por outro, pelo atraso da siderurgia brasileira e peculiaridade da economia, cujas ligações comerciais com os países europeus determinavam a compra, o local e as firmas fornecedoras.

Contudo, a região amazônica não viveu só de importação atrelada à Arquitetura de ferro. Segundo Derenji (1993, p. 160) desde “[...] a segunda metade do século XIX a própria região Norte possuía algumas oficinas que trabalhavam com fundição de ferro”. Apesar de serem oficinas fundidoras voltadas basicamente para a navegação, funcionaram como formadoras de mão-de-obra qualificada para a localidade, pois, com o avanço das aquisições de edificações inteiras pré-fabricada metálica, houve a necessidade de especializar o trabalhador regional. Para atender a esta demanda, o Instituto Lauro Sodré³¹ manteve um *atelier*, que contribuiu para a formação de profissionais de alto nível em diversas especialidades.

A arte pré-fabricada, representada pelas mais variadas formas do ferro fundido, aliada ao mecanismo mercadológico, resultou em um sortido catálogo de produtos

³⁰ Profissionais liberais, constituído de bacharéis, médicos, engenheiros, jornalistas, literatos, entre outros, provenientes das academias de ensino superior disseminadas pelo Brasil e no exterior.

³¹ Segundo Sousa (2015), o Instituto Lauro Sodré – que era mantido pelo Estado do Pará – era uma escola profissional gratuita para meninos órfãos, que formava profissionais de alto nível em diversos tipos de especialidades, tais como serralheria, marcenaria, carpintaria, ferraria, etc., além de produzir, em suas oficinas, mobiliário para as escolas públicas locais, impressão e encadernação para as publicações do governo estadual e grades de ferro forjado de grande qualidade.

ilustrativos à disposição dos compradores internacionais. Empresas como *Saracen Foundry Walter Macfarlane & Co.*, fundada em 1850, produzia, no final do século XIX, 200 mil toneladas de ferro fundido, onde 75% do total desta produção era destinada à exportação³² (COSTA, 2001, p. 38). Alguns de seus suplementos ilustrados direcionados para o público internacional foram divulgados em espanhol na Exposição Universal de Paris. Apesar de ser muito difundido durante o evento, esse instrumento de venda não era mais especificado por arquitetos europeus, por considerarem suas peças vulgarizadas demais, de modo que a arquitetura de catálogo fazia sucesso fora da Europa.

Os catálogos com a arquitetura metálica foram apresentados aos profissionais da área da construção e alcançavam os lugares mais afastados; as peças eram conceituadas como sendo a última palavra em beleza e modernidade. Assim, esses instrumentos de vendas que as companhias produziam chegaram na região amazônica. Os Pavilhões pré-fabricados em ferro do Mercado Bolonha em Belém e do Adolpho Lisboa em Manaus são exemplares de edificações escolhidos através dos Suplementos Ilustrativos da empresa de *Walter MacFarlane*.

A incidência da importação da Arquitetura de ferro para os Mercados citados da região amazônica, deu-se em um cenário de prosperidade econômica e abertura cultural. Optava-se por esta arte metálica por ser funcional, mas, também, por se querer aspirar ares mais saudáveis e modernos. Ademais, procurava-se a elegância e gosto pela arte que, no entendimento das elites e governantes, só era possível encontrar na Europa. No entanto, quando esses edifícios chegavam em terras brasileiras, já estavam defasados com relação à modernidade do Velho Mundo, mas aqui eram vistos como símbolo de *status* social e econômico.

A desenvoltura, a formosura e a beleza singular da Arquitetura de ferro, empregada nos Pavilhões dos Mercados que foram montados em Belém e Manaus, eram sempre assuntos valorizados nos relatórios dos governantes e Intendentes das duas cidades. Na obtenção do edifício, a própria empresa sempre mandava ao comprador um manual de instalação, um especialista para montagem e as peças devidamente numeradas.

Em Belém, os Pavilhões do Mercado Bolonha foram importados em uma época de grandes reformulações urbanas pelas quais a cidade passava. O prédio que ocupa uma quadra inteira (Figura 21), tem uma edificação de material misto, estrutura em alvenaria e arquitetura metálica.

³² ENCICLOPÉDIA Britânica Boston, vol. 6, p. 171.

O edifício tem uma forma de um quadrilátero, limitado pelo *Boulevard* da Republica, Rua Quinze de Novembro e dois bôcos denominados travessas Occidental e Oriental do Mercado. Interiormente consta de quatro grandes pavilhões destinados aos talhos de carne verde. Estes pavilhões ficam dois á direito e dois à esquerda, separados ao meio por uma rua longitudinal, que partindo da porta central da fachada vae desembocar no *Boulevard* da Republica (ÁLBUM DE BELÉM, 1902, p. 57).

Figura 21 – Mapa de localização do Mercado Bolonha



Fonte: Adaptação feita pela autora a partir de dados do *Google Earth* (2018).

Os quatro Pavilhões pré-fabricado em ferro, vindos de Glasgow, foram recebidos em Belém (Figura 22), compondo o pátio interno do Mercado de Carne em Belém – conhecido como Mercado Municipal, também denominado de Mercado Bolonha – edificação que integra o Complexo do Ver-o-Peso³³. Em 1906, Francisco Bolonha³⁴, um dos mais importantes construtores da época, firma contrato com Antônio Lemos – Intendente de Belém – para realizar a reforma e ampliação do Mercado. Observou-se, nas descrições do Relatório³⁵ de autoria de Lemos, que ele concedeu ao engenheiro, a concessão pelo prazo de 30 anos a exploração dos talhos onde era vendida a carne verde.

Em 17 de dezembro de 1908, a nova arquitetura metálica foi instalada. Segundo Lemos, em seu Relatório de 1908³⁶, os melhoramentos feitos no Mercado Municipal dão “[...] um outro e novo aspecto, agradável sob todos os pontos de vista, da hygiene, da estabilidade e, direi mesmo, da esthetica”.

³³ É um bem tombado pelo IPHAN com inscrição em três dos quatro livros criados pelo Decreto nº. 25, de 30 de novembro de 1937 (que conceitua e organiza a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), a saber: Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (inscrição de número 69, fls 16); Livro de Tombo Histórico (inscrição número 460, fls 77) e Livro de Tombo das Belas Artes, sob a inscrição de número 525 (fls 96).

³⁴ O Engenheiro Civil Francisco Bolonha (1872-1938), natural de Belém do Pará, imprimiu no espaço urbano desta cidade, significativos exemplares de um novo estilo de arquitetura: o ecletismo, que reúne estilos como o Neoclássico, o *art-nouveau*, o barroco e o rococó.

³⁵ BELÉM, 1906, p. 104.

³⁶ BELÉM, 1908, p. 144-145.

Figura 22 – Os quatro Pavilhões de ferro do Mercado Bolonha



Fonte: Adaptação feita pela autora a partir de imagem da internet (2018).

Os Pavilhões em ferro são elegantes e medem 10,00 x 20,00 metros e têm 4,00 metros de altura. Suas coberturas são mistas, compostas por telha francesa, na parte mais baixa, e uma claraboia posicionada na porção superior central, além das venezianas metálicas com 1,00 metro de altura. Suas composições foram pensadas para atender o clima local. Existem dois conjuntos de talhos, com 2,00 x 2,50 metros, distanciados por uma circulação de serviço, com 1,00 metro de largura (Figura 23).

Figura 23 – Circulação de serviço entre os boxes



Foto: CRAVO, 2017.

Vários autores pesquisaram sobre o Mercado Bolonha. Alguns deles mencionaram sobre as exigências ditadas para sua concepção, uma dessas, composta na dissertação da Francianny Moraes (2017, p. 53), foi o ideário higienista, como o vão aberto entre os Pavilhões, “pensados com o intuito de permitir a circulação do ar, pois

evitaria o surgimento de doenças e deixaria o espaço mais arejado”. Chaves (2018, p. 7) menciona outro quesito sobre a instalação dos Pavilhões, adquiridos nos Catálogos Ilustrativos de *Walter MacFarlane* “[...] com 10 boxes para a comercialização de carne, peixe e outras mercadorias, separadas apenas pelas grades de ferro, que auxiliou no controle e fiscalização de cada espaço³⁷”.

Em Manaus, os Pavilhões de Carne e de Peixe que ladeiam o Mercado Adolpho Lisboa são idênticos e possuem um estilo *Art Nouveau*, bastante em voga neste período, idealizados durante a intendência municipal. Vieram para substituir os barracões abertos cobertos com madeira e zinco. A edificação possui duas fachadas, uma de frente para a Rua dos Barés e outra para o rio Negro, cuja relação direta foi interrompida na década de 1980 com a construção da atual Avenida Lourenço Braga. Destinam-se à venda de peixe – voltado para a Travessa Tabelação Lessa – e de carne – voltado para a Rua Marquês de Santa Cruz – (Figura 24). O pesquisador Otoni Mesquita (1992) ressalta que não se tem uma data exata de sua inauguração.

Ignora-se quando estas construções adquiriram o aspecto atual, mas é possível deduzir que tenha sido depois de 1902, pois até aquele período pode-se observar, em fotografias, galpões com um aspecto bastante rudimentar. Posteriormente suas fachadas ganharam um aspecto mais atraente, com a instalação de um jogo de frontões superpostos, trabalhados em ferro batido e vidro colorido. (MESQUITA, 1992, p. 89).

Figura 24 – Mapa de localização do Mercado Adolpho Lisboa



Fonte: Adaptação feita pela autora a partir de dados do *Google Earth* (2018).

O projeto de embelezamento para Manaus, analisado no texto de Otoni Mesquita (1992), foi executado por Eduardo Ribeiro, governador do Amazonas naquela ocasião. Segundo Mesquita, era mais que uma obra particular de um dirigente público, era uma

³⁷ [...] con 10 puestos para la comercialización de carne, pescado y otras mercancías, separados sólo por las rejas de hierro, que auxiliaban en el control y fiscalización de cada espacio. (CHAVES, 2018, p. 7).

visão do que tinha de mais moderno para a cidade, em que o progresso era a mola propulsora dos atos da administração pública.

Os dois Pavilhões do Mercado Adolpho Lisboa (Figura 25), adquiridos pelo Catálogo Ilustrativo, têm cerca de 360 m² cada. Sua fachada é composta por frontões curvos acompanhando a forma dos arcos da cobertura, que exibem ornatos em vidro colorido. A edificação se assenta sobre base de 1,00 metro de altura em alvenaria e acima dessa, um gradil em ferro fundido, intercalado por colunas que tem impressa a origem da empresa escocesa (Figura 26). Os lanternins, as venezianas e os gradis de vedação interpretam a preocupação que os construtores tinham com a ventilação no ambiente, amenizando a alta temperatura da região.

Figura 25 – Os Pavilhões de ferro do Mercado Adolpho Lisboa



Fonte: Adaptação feita pela autora a partir do arquivo pessoal (2018).

Figura 26 – Coluna com a impressão do nome da empresa escocesa



Foto: CRAVO, 2018.

Não se tem conhecimento, ao certo, de que maneira os Catálogos Ilustrativos chegaram nas mãos dos responsáveis pela implantação dos Pavilhões pré-fabricados nos Mercados de que se trata. No entanto, averiguou-se durante esta pesquisa que o engenheiro Francisco Bolonha, atuando em Belém, e Filinto Santoro³⁸, em Manaus, responsáveis pela reforma, viajavam muito. Contudo, não se têm evidências da participação dos dois profissionais na Exposição Universal de 1889 em Paris. Ainda assim, considera-se que, se os engenheiros de cada município não foram ao evento, de certa forma, esse chegou ao conhecimento de cada um, seja pelas revistas que noticiavam as atualidades mundiais ou por informações de outrem, que se impressionou com a arte singular da Arquitetura de Ferro.

1.4 Os Catálogos Ilustrativos da *Saracen foundry, de Walter MacFarlane & Co.*

O emprego do ferro fundido vindo da Europa, em particular o pré-fabricado, foi utilizado na composição de muitos edifícios como peças de suporte de carga ou como ornamentações arquitetônicas. O culto do progresso, o desejo de higiene, o conforto e o anseio de construir cidades com rapidez, idealizaram a aquisição de ornamentos arquitetônicos comprados por catálogos. Devido a toda essa oferta e, conseqüentemente,

³⁸ Filinto Santoro teve uma estadia na cidade de Belém por dez anos. Trabalhou com a classe dirigente onde, “projetou e construiu a residência do governador do Estado, de políticos proeminentes, prédios públicos variados e a sede do maior jornal da região A Província do Pará [...]. Nesses projetos as características de seus trabalhos se repetiram o que pode ser exemplificado na construção do Mercado de São Braz (1910-1911)”. (DERENJI, 1998, p. 146).

a procura de um elemento inovador, várias empresas investiram nesse ramo de confecção metálica, transformando-o em um componente no processo modernizador.

Empresas como a *Saracen Foundry*, situada na Escócia, em Glasgow, mais especificamente no distrito de Possilpark, fabricavam edifícios e elementos arquitetônicos em série e, na época, eram consideradas como “a sede da grande manufatura de ferro”³⁹. Segundo Costa (2001) a fábrica foi fundada por Walter MacFarlane e James Marshall, em 30 de dezembro de 1850 e em dois anos após a inauguração, Thomas Russel, também se tornou sócio da usina. A autora comenta que o empreendimento começou a crescer:

Em 1862, os sócios abriram um escritório em Londres, com Robert Fulton como representante, e em 68 foi montado um depósito na capital. Entre 1869 e 1870, conforme atesta a notícia publicada em Glasgow, a firma mudou-se novamente, desta vez para Possilpark, ao norte de Glasgow, onde permaneceu até 1967. (COSTA, 2001, p. 51).

Em 1885, com a morte de seu fundador, a empresa passou a ser dirigida pelo seu sobrinho e filho adotivo Walter MacFarlane Jr. O sucessor do mentor da empresa foi destinado a perpetuar o negócio do seu tio e expandi-lo para o seu auge, permanecendo na direção até 1936. A partir de então, o comando da usina passou para seu filho, que também tinha o mesmo nome. A companhia permaneceu como sociedade privada até 1935, quando se tornou uma sociedade limitada, pelo registro de companhias da Escócia, no dia 12 de abril de 1935; em seguida uniu-se a um grupo de fundições – a *Federated Foundries Limited*. (COSTA, 2001, p. 63).

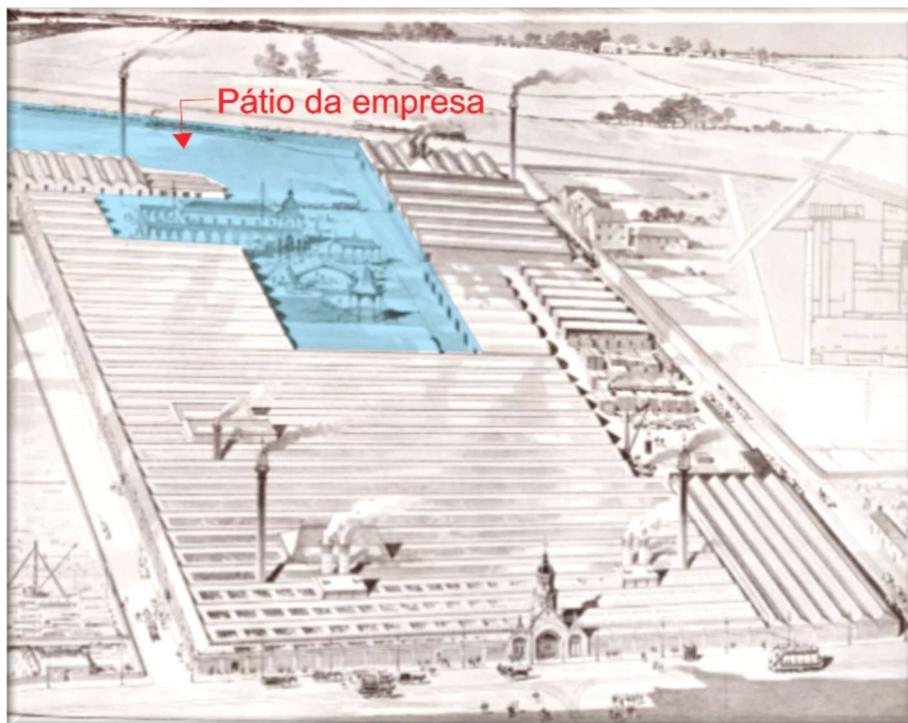
A fábrica localizada em Possilpark não tinha problema com relação à escala, pois nas obras mais importantes eram realizados desenhos em tamanho natural. Costa (2001) menciona que o setor de montagem ocupava uma grande área na parte posterior da indústria (Figura 27). As edificações pré-fabricadas em ferro fundido eram montadas antes de seu embarque para lugares longínquos. Depois de tudo averiguado, a mercadoria era devidamente numerada e embalada para ser remontada em seu lugar de destino, sendo feita, geralmente, por especialista da própria empresa. A autora comenta que os edifícios:

[...] vinham completos e podiam ser montados facilmente. Os componentes modulados, em ferro fundido, formavam a estrutura que era montada com a ajuda de uns poucos parafusos. Frisos e acabamento ornamentais eram acrescentados ao gosto do usuário, para criar instantaneamente um ‘estilo’(COSTA, 2001. p. 11)⁴⁰.

³⁹ HUME, John R.; MOSS, Michael S. **Beardmore**: The History of a Scottish Industrial Giant. London: Pearson Education, 1979. p. 11.

⁴⁰ HIX, John. **The Glass House**. Cambridge, 1974, p. 107.

Figura 27 – Vista área do pátio da empresa de *MacFarlane* da 6ª edição do Catálogo



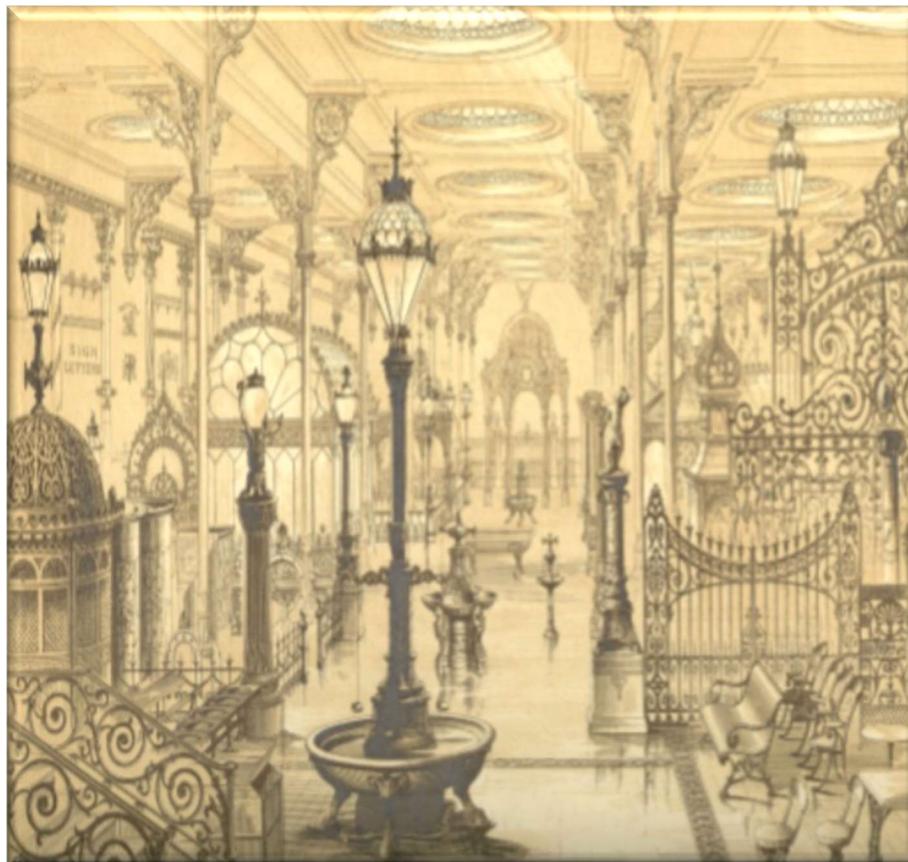
Fonte: MITCHELL, 2009. Adaptação feita pela autora.

Na parte da frente da fábrica de *MacFarlane* se alojava o *show room*, onde eram encontrados os produtos *Saracenos*, o salão iluminado por abóbada de ferro e vidro (Figura 28), além de uma série de fontes, portões, pilares e postes de iluminação que ficavam expostos para que os clientes pudessem contemplar e adquirir. Todos esses artefatos foram representados nos Catálogos de venda, que possuíam mais de 2.000 páginas, contendo cerca de 6.000 ilustrações, apresentados para o mercado internacional. Costa (2001), informa que:

A companhia, como era uso na época, produzia extensos catálogos de componentes e desenhos de edifícios que despertavam o desejo dos compradores, e alguns de seus suplementos ilustrados estavam voltados especialmente para a exportação, havendo inclusive um redigido em espanhol. Na época, esses catálogos constituíam poderosos instrumentos de venda e hoje são “[...] estudados pelos pesquisadores e historiadores da arquitetura, compondo uma preciosa fonte primária de documentação da arquitetura de ferro”⁴¹.

⁴¹ GAYLE, Margot. Introduction to the Dover Edition. In: **Badger’s Illustrated Catalogue of Cast Iron Architecture**. New York, 1981. p. V.

Figura 28 – *Show room* da empresa de *MacFarlane* da 6ª edição do Catálogo



Fonte: MITCHELL, 2009.

1.4.1 Os Catálogos Ilustrativos

O *corpus* documental analisado, principal divulgador da arte ornamental metálica para o mundo, refere-se aos Catálogos Ilustrativos das peças de ferro fundido da empresa *Saracen Foundry, de Walter MacFarlane & Co.*, que vendiam utensílios sanitários, componentes arquitetônicos e até edifícios sofisticados, abrangendo residências, hospitais, mercados, estações de trem, indústrias, igrejas, etc.

A comunicação desta forma impressa tinha o objetivo de tornar acessível ao consumidor final, as centenas de artefatos arquitetônicos que poderiam contribuir para uma obra personalizada. Os Catálogos ofereciam aos consumidores uma visão da grande variedade de produtos manufaturados e mantinham os compradores em todo o mundo atualizados com os últimos artefatos lançados. Para atingir o padrão de exigência dos modelos idealizados, a empresa empregou os melhores arquitetos de Glasgow; os desenhos eram técnicos e cada peça possuía um código, facilitando a comunicação entre o comprador e a usina dos produtos metálicos.

Walter MacFarlane & Co., investiu na aparência, na estética dos produtos e na arte gráfica desse instrumento de venda, com riqueza de informações. O investimento nos catálogos de comercialização foi alto, tanto pelo custo da produção quanto pela necessidade de aumentar o número de amostras desenhadas. A empresa compreendeu os benefícios desse projeto gráfico detalhado, facilitando assim o contato direto com os engenheiros, *designers* e arquitetos. Esses profissionais podiam selecionar os componentes, estruturais ou decorativos, e mandá-los para sua montagem. Costa (2001, p. 66) adverte que “as vantagens que traziam na área comercial, principalmente nas vendas para o exterior, compensavam o investimento, e os catálogos foram um dos principais responsáveis pela difusão das peças de ferro fundido no mundo todo”.

Muitas firmas concorrentes tiraram vantagem dessa propaganda ilustrativa, pois facilitavam as réplicas dos componentes arquitetônicos. Costa (2001, p. 47) comenta sobre esse assunto, alegando que, “para evitar as falsificações, que pelo detalhamento dos catálogos eram extremamente facilitadas, o fabricante deixava claro que só eram de sua usina as peças que trouxessem a marca registrada”. (Figura 29).

Figura 29 – Marca registrada da empresa nas peças em ferro



Fonte: COSTA, 2001, p. 47.

A exportação desses produtos através de catálogos de comercialização era frequente para países não tão industrializados e com um razoável desenvolvimento econômico. Frampton (2000, p. 29) argumenta que “a natureza pré-fabricada desses sistemas de ferro fundido garantia não apenas certa rapidez de montagem, mas também a possibilidade de transportar kits de edifícios por longas distâncias”.

No decorrer da aquisição do produto industrializado, observou-se algumas adversidades. A primeira foi com relação ao deslocamento para lugares mais distantes, como os países latino-americanos, pois os compradores além de custearem a produção das peças em ferro, teriam que arcar com os encargos do transporte marítimo, causando um custo alto para o comprador. A segunda, refere-se às despesas da montagem dos edifícios, mesmo a edificação sendo previamente montada no pátio da usina; havia o receio sobre a instalação da mercadoria arquitetônica, já que não existia mão-de-obra

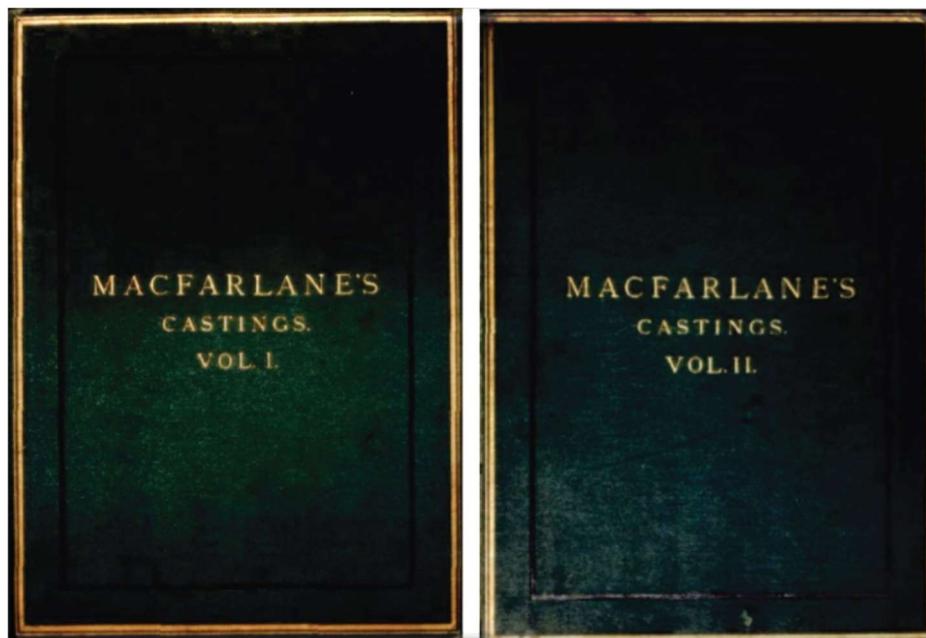
especializada nas localidades implantadas. Para resolver essa questão, Silva (1986) comenta que:

As firmas exportadoras reconheceram o problema e procuravam evitá-los montando previamente os edifícios nos terrenos das fábricas onde eram produzidos, numerando todos os componentes, desmontando todo o edifício e, só então, embalando tudo para embarque, juntamente com técnicos da companhia que iriam supervisionar a montagem no local de desembarque. É possível que esse procedimento tenha dado melhores resultados, no entanto não se deve esquecer que todas essas operações prévias e a assistência durante a montagem final tinha também um custo. (SILVA, 1986, p. 49).

Entretanto, muitos compradores internacionais não se importavam com essas questões e encomendavam as peças em ferro fundido para ornamentar suas obras. A *Saracen Foundry* ganhou reputação e perfil internacional com a nova técnica de venda de produtos industrializados por encomenda. De acordo com Mitchell (2013), a notabilidade da empresa era tal que, com o tempo, o uso das peças de *Saraceno* era desejável em todo mundo. Arquitetos de qualquer região poderiam projetar e especificar em torno da *Walter MacFarlane & Co.*, através de seus catálogos.

A 1.^a Edição do Catálogo foi dividida em dois volumes, sendo água de chuva e artigos de canalizador como Volume I e ferro fundido e aparelhos sanitários como Volume II (Figura 30).

Figura 30 – Capa dos Catálogos padrões *Saracen* ‘Peças fundidas’ Vol. I e Vol. II



Fonte: MITCHELL, 2009.

Os Volumes I e II da 6.^a edição, foram divididos em vinte e três seções, onde se visualiza todos os artefatos do *Catalogue of MacFarlane's Castings – Sixth Edition*. A usina chegou a ter duas mil peças relacionadas na 6.^a edição, de 1882. No Quadro 1, foram selecionadas as divisões das seções por volume.

Quadro 1 – Divisões das seções – Vol. I e Vol. II

<i>Catalogue of MacFarlane's Castings – Sixth Edition – Volume I.</i>	<i>Catalogue of MacFarlane's Castings – Sixth Edition – Volume II.</i>
SEÇÃO I – TUBOS Para água de chuva, solo, fumo, ventilação.	SEÇÃO X – ASSENTOS, DECK, MESA Para escolas, igrejas, salão, teatro, sala de recreação do jardim, navio.
SEÇÃO II – CALHAS	SEÇÃO XI – LINHA DE LAVATÓRIOS Para escolas, hospitais e instituições públicas.
SEÇÃO III – CUMEEIRA Para pavilhões, dormitórios, torres e mansardas.	SEÇÃO XII – BANHOS, BOMBAS Para habitações, instituições públicas, navios de passageiros.
SEÇÃO IV – TERMINAIS Para telhados, torres e decoração de edifícios.	SEÇÃO XIII – FONTE Para rua, praça, parques de estradas, jardim, escola.
SEÇÃO V – TRILHOS Para cada tipo de cercas, painéis e decoração do edifício.	SEÇÃO XIV – URINAIS Para a rua, praça, ferrovias, fábricas, escolas e instituições.
SEÇÃO VI – PORTÕES Para moradias, mansões, quadras, mercados, jardim, parque, cemitérios.	SEÇÃO XV – ARRANJOS DE ÁGUA Para escolas, fábricas, instituições, ferrovias, ruas, parques.
SEÇÃO VII – PAINÉIS E GRÁFICOS Para ventilação, iluminação, vista, proteção e ornamento.	SEÇÃO XVI - ARREGOS SECOS Para escolas, obras, fábricas, instituição, ferrovia, jardins, rua.
SEÇÃO VIII – ESCADA Para todo tipo de acesso e comunicação interior e exterior.	SEÇÃO XVII – SILOS DE AREIA Para mansões, moradias, fábricas, quadras, jardins, estábulos.
SEÇÃO IX – VARANDAS Separada e contínua, por conveniência, segurança, perspectivas e decoração.	SEÇÃO XVIII – LÂMPADAS Público e privado para gás, eletricidade e óleo.
	SEÇÃO XIX – SUPORTES Estruturais e decorativas, para trabalhos em pedra, tijolo, madeira ou ferro.
	SEÇÃO XX – COLUNA Para arquitetura, engenharia e construção em geral.
	SEÇÃO XXI - ENRIQUECIMENTOS E SINAIS Para edifícios de pedra, tijolo, madeira e ferro.
	SEÇÃO XXII – JANELAS Para telhados, paredes, divisórias, porta.
	SEÇÃO XXIII – ESTRUTURAS Para as instalações comerciais abrigo, descanso, sombra, recreação e ornamento.

Fonte: Produzido pela autora.

As possibilidades plásticas do ferro uniam-se a esse artifício mercadológico, poderoso para a época, em um variado catálogo de produtos que servia de instrução ao cliente. O fabricante oferecia diversas alternativas, se colocando sempre à disposição dos

compradores, em geral, compostos por comerciantes ou pelo poder público, satisfazendo o gosto e a necessidade desse grupo. Na imagem da fachada (Figura 31), que se encontra nas páginas introdutórias, podia-se ler:

Saracen Foundry de Walter MacFarlane & Co. Fundição de peças arquiteturais, sanitárias e de ferro em geral: Inventores registrados de aparelhos sanitários públicos em ferro fundido, banheiro, lavatórios, fornalhas, repuxos, calhas, sanitários, mictórios, caixas para cinzas etc. Inventores patenteados de condutores de água de chuva, cortadores, acabamentos para telhados, balaústres, portões, varandas, escolas, moldes para encanadores, construtores etc. (COSTA, 2001, p. 80).

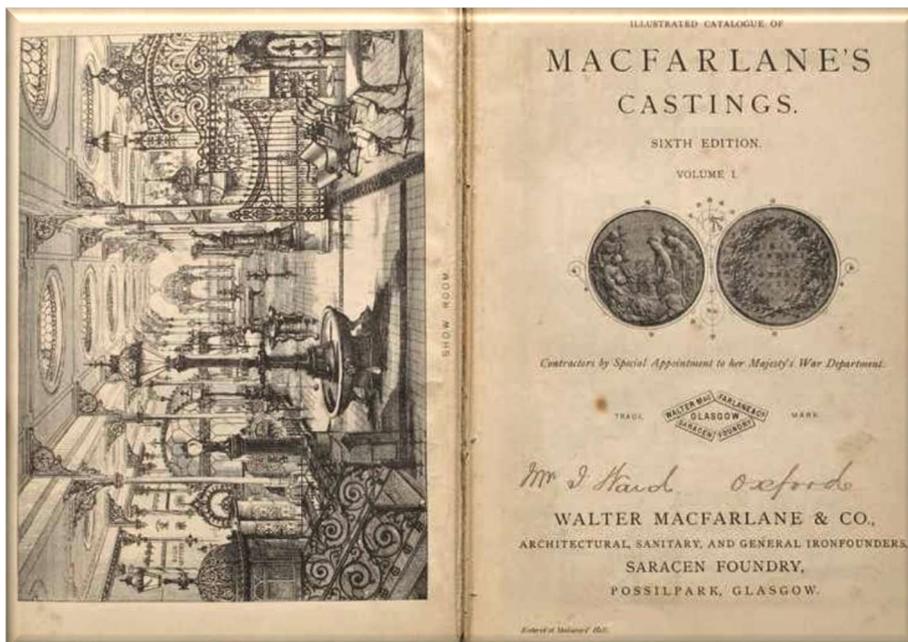
Figura 31 –Fachada da fundição no Catálogo *MacFarlane's Castings*



Fonte: *Illustrated Catalogue of MacFarlane's Castings – Sixth Edition – Volume I.*

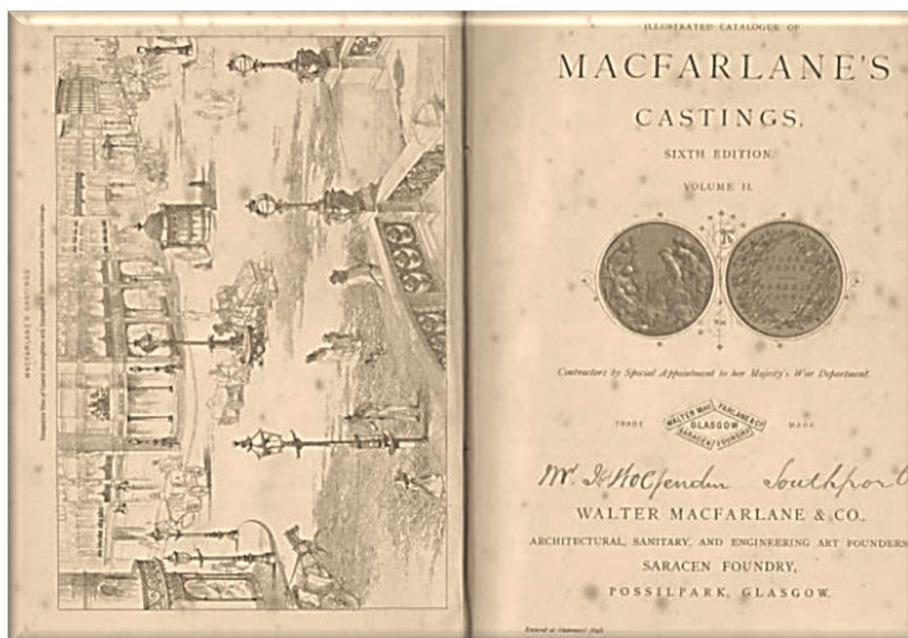
Nas páginas iniciais do *Catalogue of MacFarlane's Castings – Sixth Edition – Volume I*, consta a perspectiva do *showroom* da empresa como uma vasta 'vitrine' para os produtos (Figura 32). Já o *Catalogue of MacFarlane's Castings – Sixth Edition – Volume II*, apresenta um protótipo de uma cidade imaginária, ostentando o uso do ferro fundido (Figura 33). Encontra-se também nessas folhas iniciais, a localização da fábrica e suas principais vias de acesso.

Figura 32 – Páginas de abertura do Catálogo *MacFarlane's Castings* (Volume I)



Fonte: *Illustrated Catalogue of MacFarlane's Castings – Sixth Edition – Volume I.*

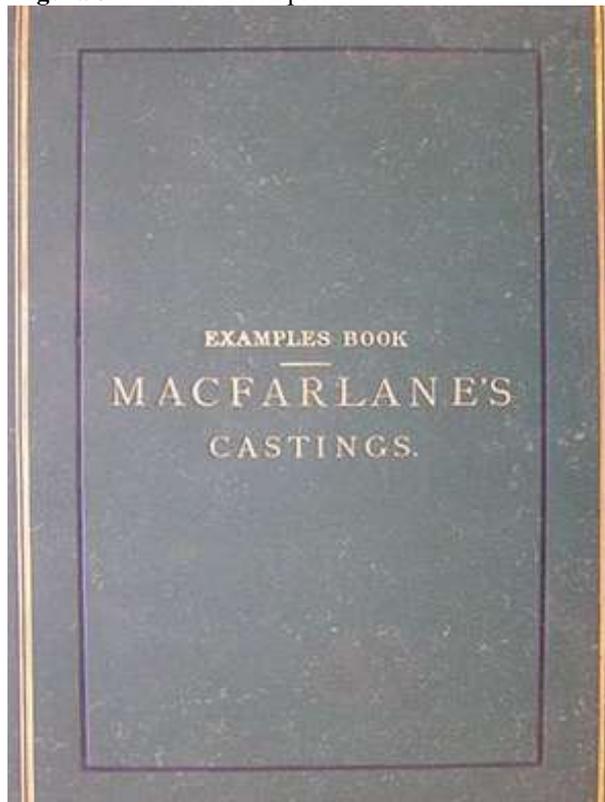
Figura 33 – Páginas de Abertura do Catálogo *MacFarlane's Castings* (Volume II)



Fonte: *Illustrated Catalogue of MacFarlane's Castings – Sixth Edition – Volume II.*

Os livros Exemplos foram impressos como edições auxiliares, com capa em tecido verde e dourado, seguindo sempre a qualidade do primeiro Catálogo (Figura 34). Ao todo, foram produzidas oito edições, em uma variedade de tamanhos, desde as versões de bolso (Figura 35), até as de livros grandes. São verdadeiras obras de arte, quase não dispendo de texto, a linguagem do conteúdo fala por si só.

Figura 34 – Livro ‘Exemplos’



Fonte: MITCHELL, 2013.

Figura 35 – Folheto de bolso



Fonte: *Illustrated Catalogue of MacFarlane's, Rainwater Heads.*

Na introdução do *Macfarlane's Castings, 3rd Edition Catalogue*, o pesquisador David Mitchell (2013, p. 446) comenta sobre os avanços técnicos na fabricação e acentua que o objetivo da empresa é “Melhorar a qualidade e incorporar arte até mesmo nas

produções mais comuns”⁴². Enfatiza, também, que a arquitetura de catálogo é adaptável aos distintos climas, inclusive aos tórridos, e a fabricação das peças em ferro fundido são reproduzidas apenas como sugestões para o emprego nas obras, deixando os compradores à vontade para escolher os itens metálicos que realmente pudessem compor sua edificação.

Costa (2001, p. 81) acrescenta que, no Catálogo, havia o seguinte texto: “[A *MacFarlane*] informa que a fábrica continua em expansão e neste momento ocupa 24 acres, estando equipada com o que há de mais moderno e avançado em tecnologia de ferro”. As tiragens desse instrumento de venda não continham o ano de publicação para evitar que eles ficassem desatualizados no decorrer do tempo.

Na capa de abertura, nota-se o desenho de uma cidade imaginária, que era atualizada do catálogo *MacFarlane’s Castings ornamental Fountains & Co.* para o *MacFarlane’s Castings Examples* (Figura 36). Como bem observa Costa (2001, p. 83) “onde carruagens foram substituídas por automóveis e bicicletas; as luminárias a gás por modelos de iluminação elétrica; as roupas dos transeuntes mudaram de acordo com a moda, e foi introduzido um bonde movido a eletricidade”.

Figura 36 – Cidade Imaginária *MacFarlane’s Castings ornamental Fountains & Co.* e *MacFarlane’s Castings Examples*



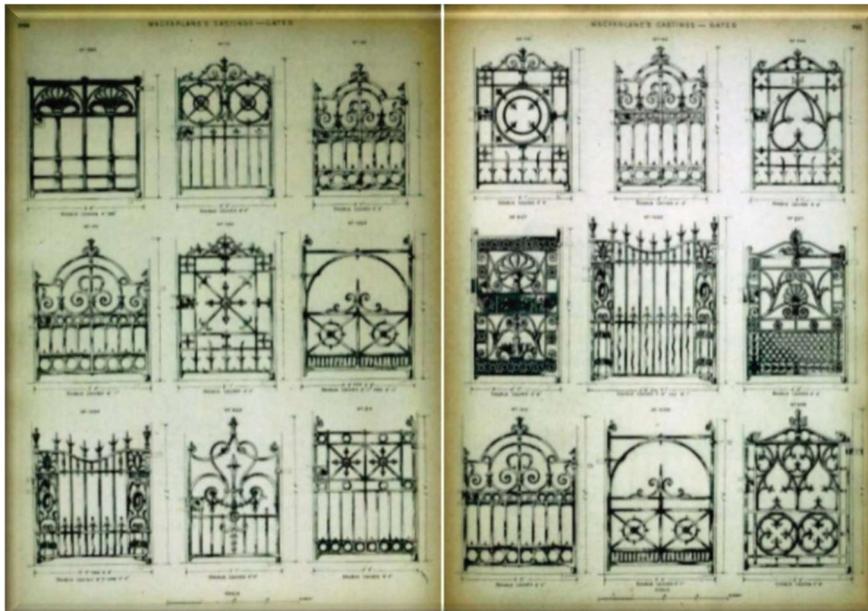
Fonte: Folha de guarda do livro – O Sonho e a Técnica: arquitetura de Ferro no Brasil.

Os Catálogos, possuíam, sobretudo, o poder de divulgação, comercialização e apreciação dos artefatos, com suas ilustrações realistas aliadas ao aprimoramento das publicações, sempre diagramados e impressos em papel de boa qualidade (Figuras 37, 38). Os preços dos artefatos encontravam-se em tabela à parte dos produtos apresentados,

⁴² *Improve quality, and embody art in even the most commonest of their productions. (Macfarlane’s Castings, 3rd Edition Catalogue, sem data).*

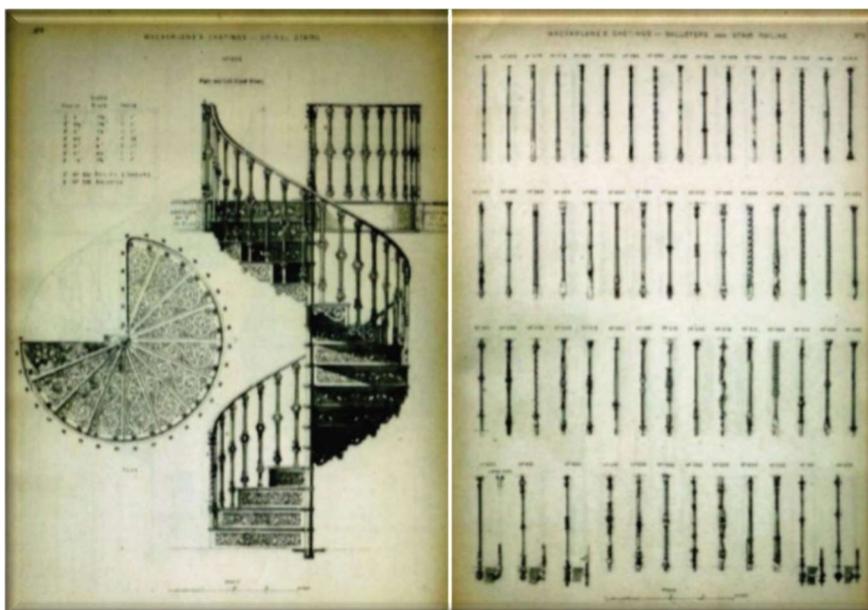
no entanto, as medidas e a planta baixa dos exemplos estavam compostos na própria página do desenho. Em cada seção, logo na primeira página, constam as orientações para os pedidos que poderiam ser realizados mediante a numeração de cada peça.

Figura 37 – Modelos de Seção VI – Portões



Fonte: *Illustrated Catalogue of MacFarlane's Castings – Sixth Edition – Volume I* (p. 294 -295).

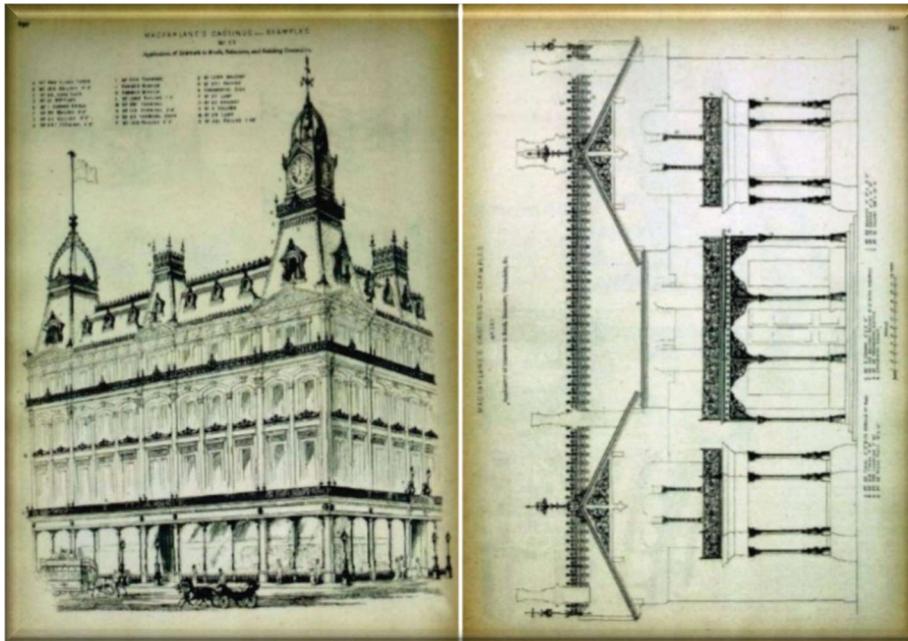
Figura 38 – Modelos de Seção VIII – Escada



Fonte: *Illustrated Catalogue of MacFarlane's Castings – Sixth Edition – Volume I* (p. 372 -373).

Nas páginas finais dos Catálogos eram sugeridos desenhos com diferentes composições das peças e modelos de montagem de edifícios metálicos. Em geral, apresentavam-se diferentes protótipos de fachadas de lojas e frontões (Figura 39).

Figura 39 – Páginas com exemplos de montagens de fachadas e frontões



Fonte: *Illustrated Catalogue of MacFarlane's Castings – Sixth Edition – Volume I* (p. 290 -291).

Neste contexto, era notável o sucesso da empresa com a publicação desse instrumento de venda. A MacFarlane Castings, “publicou também alguns catálogos especiais voltados para a exportação e um suplemento em espanhol, especial para a América Latina, possivelmente de 1912, com algumas obras escolhidas entre as inúmeras apresentada nos grandes catálogos”. (COSTA, 2001, p. 82). Segundo a autora, neste caderno especial latino-americano, pode-se ler em seu prefácio:

Temos muito prazer em submeter à apreciação dos interessados este pequeno suplemento com ilustração de algumas obras de nossa fabricação e construção, escolhidas entre as muitas que figuram em nossos vários catálogos completos. Este suplemento servirá como índice dos nossos diversos produtos arquitetônicos, sanitários e para engenharia, mas é necessário termo indicações especiais do que se necessita em cada caso, para permitir-nos enviar o catálogo específico que trata dos produtos de referência, ou submeter desenhos e preços de construções adaptadas às necessidades do cliente⁴³.

Com o tempo, os Catálogos na Europa foram cessando, no entanto, eles “[...] continuaram a existir somente para exportação, sendo que até os anos de 1920 ainda era

⁴³ *Tenemos mucho gusto en someter a la consideración de los interesados este pequeño Suplemento con ilustraciones de algunas obras de nuestra fabricación y construcción, escogidas entre las muchas que figuram en nuestros varios Catálogos Completos. Este Suplemento servirá como índice de nuestro varios productos arquitectónicos, sanitarios y para ingeniería, per es descable darnos indicaciones especiales de lo que se necesite en cada caso, para permitirnos enviar el catálogo especial que trata los productos de referencia, o someter diseños y precios de construcciones adaptadas a las necesidades del cliente. (SUPLEMENTO Ilustrado Fundiciones MacFarlane, citado por COSTA, 2001, p. 82).*

possível adquirir por meio deles as variadas peças desta arquitetura de componentes”. (COSTA, 2001, p. 84). A última publicação que se tem notícia data do ano de 1963.

A importação dos produtos metálicos através de Catálogos Ilustrativos fascinou países latino-americanos que buscavam o progresso empreendido no continente europeu. Desta maneira, Argentina, Brasil, Chile, dentre outros, possibilitaram a entrada de edifícios metálicos e artigos ornamentais em ferro fundido, que chegavam pelos transportes marítimos para essas localidades. Segundo Costa (2001, p. 94), “para as emergentes burguesias da América Latina, seus teatros, mercados e demais edificações representavam uma ligação com o estilo de vida europeu, algo que as integrava à comunidade considerada civilizada”.

Quanto à adaptação na região, Costa (2001) comenta que, apesar das edificações serem instaladas em clima com temperatura alta, não havia um desconforto térmico no interior da construção, “pois as estruturas vazadas se prestavam a manter a circulação do ar e aproveitar a luminosidade natural de maneira extremamente feliz”. (COSTA, 2001, p. 96).

A ornamentação dessas peças, na Europa, já não era vista com bom grado por arquitetos e críticos dos países produtores, pois, segundo Costa (2001), esses profissionais começaram a atacar severamente a maneira com os fundidores manipulavam os ornamentos vindos para Belém e Manaus. A descrição e a ilustração do Mercado Público belenense (Figura 40), encontra-se no *Suplemento Especial para a América Latina*. Costa (2001) enfatiza que estão descritos por *MacFarlane*:

Nº CCXXXII – Pavilhão de mercado.

Este pavilhão é um dos quatro que desenhamos e construímos recentemente. Comprimento 20,20m, largura 9,20m de centro a centro das colunas; altura até os beirais dos telhados, 5m. Altura extrema, 9mm. Todos os quatro têm o mesmo desenho, porém podem ser utilizados para mercadorias diferentes. Estas estruturas possuem persianas de aço que correm em canaletas por trás das colunas, permitindo assim o fechamento do prédio inteiro. As partes superiores das paredes externas são vazadas para assegurar a boa ventilação, para que o contribuem também as aberturas com claraboias. A parte mais baixa do telhado tem uma cobertura de telhas de fabricação local, e a parte de cima é envidraçada. O interior está dividido em duas fileiras de lojas com uma passagem entre as mesmas para a circulação. As lojas são separadas umas das outras por meio de tabiques cuja parte inferior, até o nível da mesa consiste em uma madeira maciça com molduras, enquanto na parte superior há um gradeado de ferro lavrado, galvanizado, de novo modelo. Como coroamento de tudo, terminais de latão polido. Os gradeados com adornos na parte inferior da mesa são de ferro forjado e as mesas são de mármore da Sicília. Estes pavilhões de mercado são exemplos do tipo e desenho mais moderno e bem-sucedido de mercado público, de construção aberta. (COSTA, 2001, p. 151-152).

Figura 40 – Pavilhão do Mercado Belém. *Suplemento Ilustrado Fundiciones de MacFarlane*



Fonte: COSTA, 2001, p. 151. Adaptação feita pela autora.

Do mesmo modo, encontram-se em Manaus, os Pavilhões pré-fabricados em ferro que ladeiam o Mercado Adolpho Lisboa, frutos dos Catálogos Ilustrativos de *Walter Macfarlane* (Figura 41). Os edifícios converteram-se em pontos de referência da cidade, às margens do rio, sendo um dos mais importantes remanescentes da arquitetura importada no Brasil. As edificações pertencem ao acervo de prédios em estrutura metálica, implantados em terras manauara, característicos do Ciclo da Borracha na Amazônia. De acordo com Costa (2001, p. 134), a descrição e o desenho desses dois edifícios constam no *Suplemento Ilustrado Fundiciones de MacFarlane*, onde se lê:

Nº CCXXXIINN – Pavilhões de mercado.

Esses pavilhões foram idealizados e executados por nossa casa. Comprimento 36m, largura 10,25m de centro a centro das colunas. Altura até as abas do telhado 4m, altura máxima 10,236m saliências dos toldos em toda a volta dos edifícios 2,5m. Os pavilhões apoiam-se sobre paredes de pedras. A grade entre as colunas é de ferro forjado de modelo simples, porém de maneira que não se possa subir. O teto é de aço. As portas são sustentadas através de polias por trás dos beirais para evitar qualquer obstrução à circulação. Características especiais são os bonitos guarda-ventos envidraçados do teto e as telhas superpostas de zinco com adorno que o cobrem. O edifício completo constitui modelo excelente de mercado público de construção aberta.

Figura 41 – Pavilhão do Mercado de Manaus. *Suplemento Ilustrado Fundiciones de MacFarlane*



Fonte: COSTA, 2001, p. 135. Adaptação feita pela autora.

Nesse panorama, as construções metálicas exportadas para a América do Sul, especificamente para o Brasil, pelos Catálogos de comercialização da *Saracen Foundry de Walter MacFarlane & Co.*, apoderaram-se de conceitos como valor cultural, modernização e progresso, aformoseando as paisagens das cidades de Belém e Manaus. A indústria do ferro deixou vestígios significativos na região Amazônica, incorporados ao embelezamento que a sociedade emergente e a administração pública almejavam naquele momento. Os Pavilhões pré-fabricados em ferro dos Mercados em pauta são considerados Patrimônios Arquitetônicos tombados pelo IPHAN⁴⁴ e imortalizados na história.

⁴⁴ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.



2 A MEMÓRIA NO COTIDIANO DOS PAVILHÕES DE FERRO DO MERCADO BOLONHA E ADOLPHO LISBOA

Olhar para o passado a partir do presente é uma atividade que as sociedades foram aprimorando com o passar dos tempos, apoiadas em diferentes objetivos, metodologias e protagonistas. O objeto deste estudo⁴⁵ se traduz em uma frase: Uma arte singular da arquitetura pré-fabricada em ferro guarnecida de reminiscência. Deste modo, a pesquisa etnográfica abordada no âmbito interno dos Mercados, foi importante para desenvolvimento desta análise. Adotou-se como fundamento de trabalho os elementos construtivos da memória coletiva produzida pelos estímulos cognitivos e afetivos presentes nos referidos monumentos históricos.

Desta maneira, a arquitetura e a paisagem trazem consigo a memória de várias gerações. Analisando por esse ângulo, os Mercados em pauta reproduzem as lembranças coletivas e individuais das pessoas interpeladas. Além disto, observa-se que o Bolonha e o Adolpho Lisboa, são pontos de encontro e um ambiente de sociabilidade que reúnem os mais distintos grupos sociais em uma esfera que congrega dicotomias, como o sagrado e o profano; a tradição e a modernidade; o trabalho e o passeio.

Busca-se mostrar o cotidiano dos Mercados Bolonha e Adolpho Lisboa, apreendendo os relatos, observações, registros fotográficos e conversas informais e, com isso, registrar em diário de campo. A representação da lembrança, do passado edificado, tem como foco a história de um lugar ou de uma vida, pois o cenário de narrativa ajuda o indivíduo na construção da memória coletiva.

2.1 O Mercado e a Memória

A análise realizada no Mercado Bolonha e no Adolpho Lisboa, com auxílio do método etnográfico, tem o propósito de sondar a percepção da memória dos atores envolvidos no pátio interno destes centros de abastecimento (Figuras 42 e 43). Nota-se que nesses ambientes, que estão em constante movimentação, encontram-se cores, conversas e um passado que está ligado a um tempo presente, ressignificando, desta forma, que as edificações não são somente abrigos, elas são muito mais do que isso, são

⁴⁵ Os Pavilhões pré-moldados em ferro situados no Mercado Bolonha em Belém e os que ladeiam o Mercado Adolpho Lisboa em Manaus, são considerados o objeto de estudo desta pesquisa.

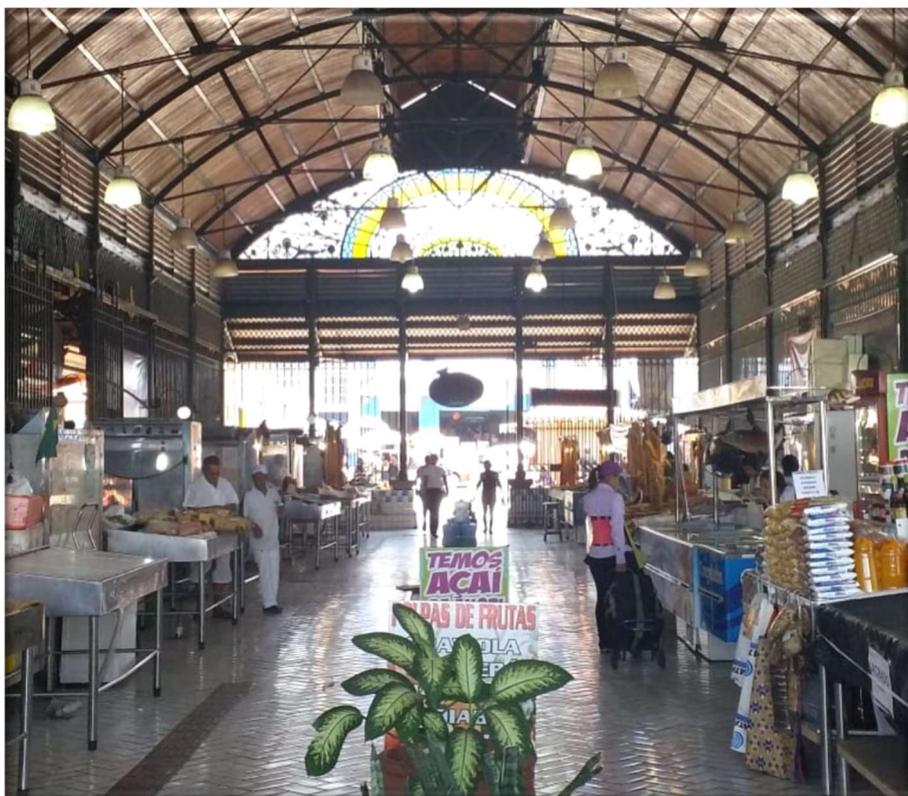
lugares onde se exprimem sentimentos, presenciando aquilo que Miranda (2016, p. 415) reportou, que “a Arquitetura não é uma expectadora da história, e sim um ente no qual as várias etapas se impregnam, se juntam ou se excluem”.

Figura 42 – Pátio interno do Mercado Bolonha em Belém



Fonte: CRAVO, 2017.

Figura 43 – Pátio interno do Mercado Adolpho Lisboa em Manaus



Fonte: CRAVO, 2017.

Os Pavilhões pré-fabricados em ferro destacam-se entre os monumentos arquitetônicos na época da exportação gomífera. Silva (1986) argumenta que o Mercado é uma das construções mais significativas da *Belle Époque* e salienta que no Brasil nenhuma outra arquitetura tem tamanha aceitação e serventia quanto esse modelo de Patrimônio Público. Nesse episódio de mudanças, as capitais do Pará e do Amazonas foram marcadas pelo reordenamento urbano, retratando a paisagem das cidades ao modelo de urbanização europeia, sobretudo a parisiense.

No âmbito desse reflexo de transformações urbanas, valoriza-se o testemunho dos acontecimentos pessoais e sociais, que proporcionaram a formação da memória coletiva, incluindo, assim, as atividades humanas como a arte, a arquitetura, a história e os afazeres do dia a dia.

A Memória, enquanto evento pessoal e mental, se estrutura como uma reunião de fatos que concedem ao ser humano a capacidade de armazenamento, de constância e de informações. O enquadramento das lembranças, apreendidas em pesquisa etnográfica desenvolvida no âmbito interno dos Mercados, é abordado pelo estudo do sociólogo e historiador austríaco Pollak (1989) que esclarece a dualidade entre memória pessoal e social. Por um lado, há um pensamento particular, decorrente de acontecimentos vividos pessoalmente; por outro, a recordação de tempos vivenciados por membros do grupo, assumidos como memória coletiva.

Atribui-se também a essas lembranças o fato de que não se referem apenas à história de vida da pessoa interpelada, mas, em parte, à maneira como foi herdada de um passado histórico, social ou até mesmo afetivo. No momento de sua estrutura individual, ela “grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”. (POLLAK, 1992, p. 204). A coleta dessas reminiscências durante a investigação de campo, permitiu averiguar os elementos construtivos presentes nos pensamentos dos envolvidos, materializando a percepção destes sobre o ambiente da pesquisa.

A *priori*, compreende-se que a memória coletada na pesquisa etnográfica se assemelha a um episódio individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. No entanto, Halbwachs (1990) comenta que ela deve ser entendida como atributos coletivos e sociais, isto é, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.

Para adentrar nesta questão da memória da coletividade, reportou-se aos estudos de Pollak (1989), quando se referiu aos fatores intrínsecos relacionados aos elementos

construtivos nas lembranças, como o acontecimento, as pessoas e os lugares. Para o autor, os acontecimentos concernem ao sentimento de um único indivíduo ou da coletividade, uma vez que “é perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada”. (POLLAK, 1992, p. 203). Logo, existem episódios dos quais nem sempre a pessoa envolveu-se, mas tomaram grande dimensão que, talvez, ela não consiga saber se participou ou não.

Quanto às sujeitos, exemplifica-se da mesma forma que os acontecimentos; falar de personagens que participam de suas vidas, direta ou indiretamente, que se transformaram quase que em conhecidas, porém que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo do indivíduo. Por fim, os lugares, que podem ser um espaço vinculado diretamente às recordações, à zona da memória, uma localidade ligada a lembrança, que pode ser até um pensamento pessoal. Estes três fundamentos manifestam-se na história de vida da pessoa e na identidade social do objeto de estudo.

Deste modo, cabe observar que a identidade do Mercado, diagnosticada pelo interpelado, é influenciada pelo ambiente, que é o “*locus* do estudo” (GEERTZ, 2008, p. 16). Neste sentido, a lembrança desse lugar se traduz em uma memória coletiva, unindo o Patrimônio em questão aos indivíduos e aos grupos sociais. A percepção do olhar dos trabalhadores e transeuntes, nos Pavilhões pré-fabricados em ferro, ancora-se na memória de um passado estabelecido dentro da história do cotidiano do Mercado.

Percebe-se que no recinto deste centro de abastecimento, não há experiências homogêneas, existem recordações, relatos históricos transmitidos através do convívio dos atores dentro do âmbito interno do edifício compreendido como Patrimônio Arquitetônico. A memória foi um dispositivo essencial para os registros da pesquisa etnográfica, pois foi coletado aquilo que se percebeu, que foi contemplado e experimentado no decorrer do trabalho em campo. Aliado a este método de estudo, têm-se, ainda, as imagens fotográficas da época, os documentos oficiais e os Catálogos da empresa de *Walter MacFarlane & Co.*

De fato, os registros que há nas lembranças possibilitou contextualizar os fragmentos da história da Arquitetura de ferro pré-fabricado interpretados no diário de campo. A leitura dos depoimentos apreendidos, inclui o Mercado naquilo que Michael Pollak (1989) chamou de “enquadramento da memória”. O autor comenta em sua obra –

intitulada de “Memória, esquecimento, silêncio”⁴⁶ – a contribuição de Maurice Halbwachs e Pierre Nora para ao estudo da memória, destacando a importância atribuída aos monumentos, ao Patrimônio Arquitetônico e a outras representações coletivas que estruturam o imaginário social.

Outro ponto considerado na pesquisa referente ao objeto de estudo é sobre a memória coletiva e a sua forma científica, a história, dispondo de duas categorias de material: o documento e o monumento, elementos abordados por Le Goff (2003). Segundo este autor, o documento não é um produto consumido pelo passado, mas sim o artigo fabricado pela sociedade, de acordo com as intenções das autoridades existentes, e “o monumento tem como características, o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas”. (LE GOFF, 2003, p. 462).

Seguindo esse viés, o Bolonha e o Adolpho Lisboa, analisados a partir da definição descrita por Jacques Le Goff (2003), são entendidos como uma memória da cidade, como um documento visual, tomando como base os registros escritos⁴⁷ e como um monumento arquitetônico, pois possuem características que os ligam ao poder de perpetuação. Os Pavilhões dos Mercados, têm seu valor na história contada por trás do ferro, um símbolo ímpar nas arquiteturas paraense e manauara, representadas pela importação de ornamentos arquitetônicos vindos da Europa, contextualizando, desta forma, um lugar de referência para a memória.

2.2 Construindo uma Etnografia: entre a Memória e o Patrimônio

Para o levantamento dos dados relevantes à aplicação das análises, foi adotado o método etnográfico. O recorte estabelecido para o estudo concentrou-se no pátio interno do Mercado Bolonha em Belém e no Adolpho Lisboa em Manaus. Tal método compõe-se do compartilhamento de atividades, anotações, conversas e experiências percebidas na fase exploratória da pesquisa.

Para uma análise mais detalhada foram feitas três imersões no Mercado Bolonha e duas no Adolpho Lisboa, nas quais identificou-se: as peças arquitetônicas dos Pavilhões pré-fabricados; a logomarca da empresa de *Walter MacFarlane Co.*, presente nas colunas; e outros detalhes arquitetônicos mencionados no diário de campo de cada Mercado.

⁴⁶ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p 3-15.

⁴⁷ Os registros escritos referem-se aos Relatórios do município de Belém, feitos pelo Intendente Antônio Lemos. Já os Catálogos Ilustrativos são de *Walter Macfarlane Co.*

Observando os pontos analisados, fazendo uma descrição densa, proposta nos estudos de Geertz (2008), tudo poderá ser percebido, tornando-se fonte para o pesquisador.

A pesquisa etnográfica, segundo a visão de Geertz (2002), é interpretativa e microscópica, visto que possibilita ao pesquisador desenvolver a convivência no cotidiano da vida social do outro e, ao mesmo tempo, o entendimento das significações das produções simbólicas, assegurando a identidade do grupo, confirmando diferenças, propiciando, assim, elementos sobre o papel da cultura na vivência humana.

Durante as imersões, foram realizadas entrevistas, tomando como preliminar uma abordagem despreziosa: o registro da memória afetiva dos atores e o reconhecimento da área no entorno dos Pavilhões em ferro dos Mercados. O cenário reproduzido é um recorte da realidade vivida pelos integrantes do espaço e que foi observado durante a pesquisa de campo. Essa análise permite ter a percepção da relação do usuário do ambiente com a Arquitetura de ferro ali presente, presenciando a nítida lembrança afetiva e histórica. Neste sentido, Miranda (2016) menciona que a memória é:

[...] o elemento essencial à identidade, simbolizando a rotina do capital necessário à sobrevivência do grupo, [...] no mundo contemporâneo, percebe-se a valorização da memória simbolizada pelos elementos materiais do passado, como as obras arquitetônicas e os objetos de arte [...]. (MIRANDA, 2016, p. 23-24).

A valorização da memória é uma das questões que nortearam a pesquisa de campo, relatando costumes de uma pessoa ou de grupos desses centros de abastecimento, proporcionando ao pesquisador uma experiência *in loco*. Sobre o método etnográfico adotado, Rocha e Eckert (2001, p. 3) afirmam que “[o] etnógrafo descreve, tradicionalmente em diários, relatos ou notas de campo, seus pensamentos ao agir no tempo e espaço histórico do Outro-observado, delineando as formas que revestem a vida coletiva no meio”.

Desta forma, durante o percurso da investigação no cotidiano do Mercado, adotou-se a pesquisa etnográfica como um meio para chegar às recordações dos interlocutores no trabalho de campo, constatando-se, assim, que as duas edificações metálicas são lugares de conversas que permitem muitas reflexões; as narrativas ali expressas dão um significado singular ao espaço de reconhecimento. Tais relatos provêm das colaborações compartilhadas pelos participantes no trajeto etnográfico, sempre evocando o sentido da memória, na descrição da história do monumento arquitetônico em estudo, já que “o

edifício representa a ambiguidade do passado que convive com o presente. [...]” (MIRANDA, 2016, p. 415).

Consequentemente, o processo do diário de campo para esta investigação, proporcionou o desenvolvimento escrito dos registros, apurados nas lembranças, nos espaços e nas opiniões que ocorreram no lugar de estudo, de tudo o que foi visto, ouvido e vivido. Algumas anotações foram descritas dentro do cenário de estudo; outras, foram realizadas horas depois. Contudo, o propósito é demonstrar a direção desta pesquisa que tem sua metodologia apoiada na abordagem qualitativa.

Vale ressaltar, que a teoria e a prática são essenciais para essa atividade. Com isso, antes de ir para o espaço estudado, foi necessário ter o conhecimento produzido sobre a temática e o grupo a ser pesquisado. Na verdade, a realidade do campo sempre superará os conceitos teóricos, isto é, o local de desenvolvimento da pesquisa etnográfica irá sempre surpreender o pesquisador.

2.2.1 Mercado Bolonha: o olhar etnográfico nos Pavilhões pré-fabricados em ferro

O Mercado Bolonha, localizado em Belém, Pará, é uma edificação que integra o Complexo do Ver-o-Peso, estando intimamente ligado à imagem da cidade e à memória coletiva paraense, tornando-se um importante marco referencial para capital. Buscou-se, nesta pesquisa, mostrar seu cotidiano por meio de relatos, observações, registros fotográficos e conversas informais. A investigação tem como base os estudos de Geertz (2002), o qual indica que é preciso ir aos lugares e voltar com informações sobre como as pessoas vivem e tornar esses dados disponíveis à comunidade, de uma forma prática.

Na primeira incursão, em 15 de maio de 2017, fundamentei-me nas informações do Sr. Geraldo⁴⁸ sobre o funcionamento do local. Conferi, em sua companhia, as dependências administrativas do pavimento superior daquela edificação. O objetivo principal, naquele momento, foi a busca pelo conhecimento *in loco* da história da importação dos Pavilhões pré-fabricados em ferro. Na segunda visita, no dia 03 de junho de 2017, houve algumas conversas informais com transeuntes e trabalhadores do espaço, contextualizando suas percepções sobre a arquitetura.

Na terceira incursão, no dia 29 de novembro de 2017, quinze pessoas foram abordadas aleatoriamente no pátio interno. Estes colaboradores tinham idades entre 19 e

⁴⁸ Administrador do Mercado há cerca de 15 anos, não possui um horário fixo no estabelecimento, no entanto, seu trabalho é essencial para os trabalhadores, consumidores e turistas.

33 anos, todos naturais de Belém, com ensino médio completo. A coleta dos dados se deu por meio da utilização de entrevista, sendo o roteiro dividido em duas categorias: Patrimônio e Memória. O conteúdo básico do roteiro da entrevista, a partir das categorias, visou o delinear da percepção dos atores no Mercado em relação à arquitetura pré-fabricada em ferro.

2.2.2 O cotidiano no Mercado Bolonha

No dia 15 de maio de 2017, realizei o trabalho de campo no Mercado Bolonha. Tomei como apoio a visita técnica ao Complexo do Ver-o-Peso, programada com o arquiteto Fernando Luiz Lara⁴⁹, que estava de passagem por Belém para ministrar uma palestra no Seminário “Arquitetura na Amazônia – Construindo Processos e Desconstruindo Mitos”. Éramos um grupo de treze pessoas, vinculados a dois laboratórios da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPA, o LAMEMO e o LAHCA, organizadores do evento. O ponto de encontro foi a Estação das Docas⁵⁰, delineando pela feira de artesanato no Ver-o-Peso até chegar no Mercado Bolonha; a trajetória da caminhada continuou até o Complexo Feliz Lusitânia, no entanto, reporto-me até o objeto de estudo desta pesquisa (Figura 44).

⁴⁹ Arquiteto brasileiro formado pela Universidade Federal de Minas Gerais (1993) e PhD pela Universidade de Michigan (2001). É professor da Universidade do Texas (USA), autor de vários livros e centenas de artigos, escrevendo extensivamente sobre questões relativas ao ambiente construído na América Latina.

⁵⁰ Antigo porto fluvial de Belém, onde atualmente funciona um complexo turístico, que oferece, em um só lugar, opções de gastronomia, moda, lazer e eventos, com conforto e segurança. Localizado à beira da Baía do Guajará, possui 500 metros de extensão voltados para a orla e comporta três armazéns, distribuídos em 32 mil metros quadrados, além de um terminal para embarque e desembarque de passageiros. Disponível em: <http://www.estacaodasdocas.com.br/institucional/sobre/>. Acesso em: 19 mai. 2017.

Figura 44 – Localização dos pontos de parada durante a visita



Fonte: Adaptação feita pela autora a partir das imagens retiradas da internet e do arquivo pessoal (2017).

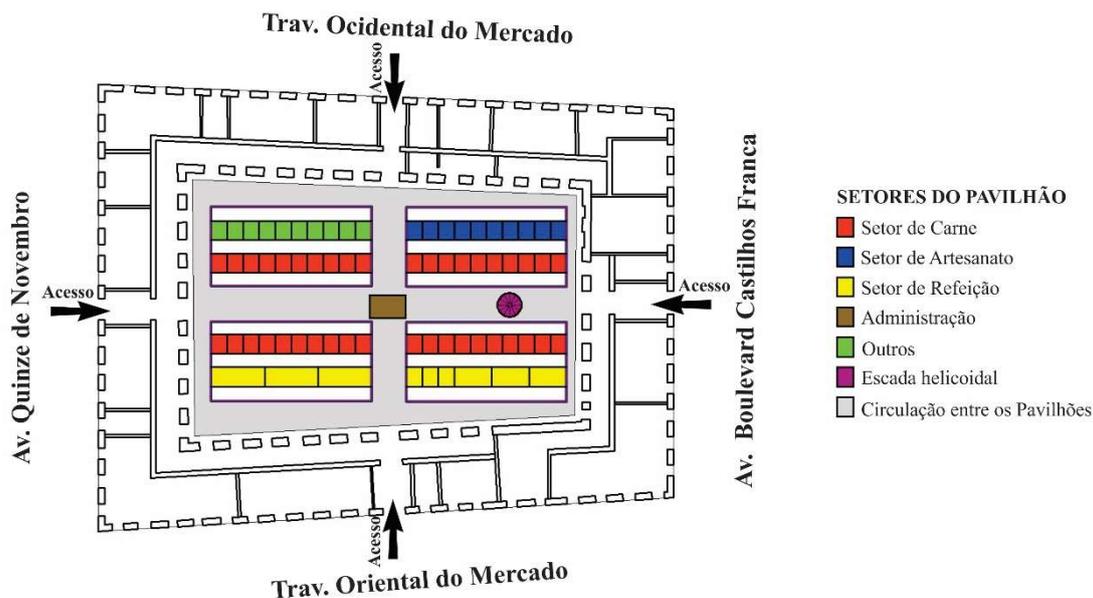
A caminhada foi enriquecida por muitas observações, conversas e risadas, no entanto, a enorme vontade de chegar ao Mercado Bolonha era perceptível. Já havia estado no local outras vezes, porém, agora teria o ‘olhar’ de pesquisadora. Ao entrar no pátio interno, vislumbrou-se os quatro Pavilhões, a administração no quiosque central e a escada helicoidal em ferro fundido com acesso ao mirante. Em cada coluna de sustentação da edificação metálica tem-se a impressão da logomarca da empresa de *Walter MacFarlane Co.* (Figura 45). No interior do edifício importado localizam-se os boxes individuais, divididos em áreas de comércio de carnes, refeições e artesanatos (Figura 46).

Figura 45 – Impressão da Logomarca da empresa *Walter Macfarlane & Co.*, de Glasgow



Fonte: CRAVO, 2017.

Figura 46 – Planta do pavimento térreo – área dos Pavilhões



Fonte: Adaptação feita pela autora a partir da planta esquemática fornecida pela administração local do Mercado (2017).

Constatei que havia poucas pessoas transitando no local, sendo a maioria trabalhadores do ambiente. Analisei, também, a atracação da escada feita com o emprego de parafusos, sistema adotado pela usina escocesa que é uma das características particulares da arquitetura pré-fabricada em ferro (Figura 47).

Figura 47 – Uso de parafusos unindo as peças em ferro



Fonte: CRAVO, 2017.

Há muitos detalhes arquitetônicos nos quatro Pavilhões, gerando a leveza na estrutura de ferro fundido. Nesta caminhada de descobertas sobre o cotidiano do Mercado, aproximou-se de nós o administrador do lugar, o Sr. Geraldo (Figura 48), muito

prestativo, querendo mostrar o prédio e falar sobre sua história. Levou o grupo para o segundo pavimento, mostrando as dependências administrativas da edificação. As janelas do andar superior proporcionam uma vista do telhado da arquitetura metálica. O guia-administrador chegou a comentar sobre as telhas francesas, falando sobre seu encaixe e mencionando que teriam que ser da mesma olaria que forneceu as existentes. Em suas palavras: *“se não estivessem bem encaixadas, proporcionariam muitas goteiras e que, às vezes, ‘tornando-se’ verdadeiras cachoeiras, fazendo que muitos açougueiros usassem até lona para proteger seus boxes de trabalho”*. (Figura 49).

Figura 48 – Sr. Geraldo no quiosque da administração



Fonte: CRAVO, 2017.

Figura 49 – Vista do telhado e detalhe da lona para proteção de goteiras



Fonte: CRAVO, 2017.

Outro ponto comentado foi sobre a caixa d'água em ferro que havia em cima da escada helicoidal. Perguntei ao Sr. Geraldo se sabia onde ela estava; ele respondeu que não tinha conhecimento sobre seu paradeiro, que em alguma administração passada foi retirada e *'simplesmente sumiu'*. Informou também, que *"atualmente o abastecimento de água do Mercado vem de duas cisternas de 7.500 litros"*.

O fraco movimento do Mercado Bolonha se traduz em espaços vazios e a subutilização dos boxes⁵¹. Segundo o administrador, *"a princípio eram todos de carne, porém, com essa pouca demanda de pessoas, alguns deles, que não estão no corredor central, são ocupados pelo 'Museu do Índio', por vendas de discos de vinil, artesanato e outros ficam totalmente fechados"*. O Sr. Geraldo relatou que alguns açougueiros acumularam grandes dívidas, por isso não tiveram mais condições de abrir o ponto comercial para a venda de seus produtos (Figura 50). Nesse primeiro momento, as observações colhidas na visita técnica serviram para o reconhecimento do local de estudo, das características arquitetônicas e da pesquisa etnográfica, que foram bases para a análise desta incursão.

Figura 50 – Boxes fechados



Fonte: CRAVO, 2017.

A segunda visita que fiz ao local foi em uma manhã de sábado, dia 03 de junho de 2017, às 8h30. Logo na entrada percebi outro aspecto no ambiente, comparado à última visita: a movimentação de pessoas era bem maior e os boxes de carne estavam quase todos funcionando. O objetivo, desta vez, era o de envolver-me com o espaço estudado, sem ser percebida, com o intuito de fazer a pesquisa etnográfica. Fundamentei-me nos

⁵¹ Segundo o administrador do Mercado, Sr. Geraldo: *"Os boxes são heranças hereditárias, tendo o direito de permissão de uso, não podendo usufruir deste espaço, por uma questão financeira ou outros, o proprietário pode vender para os estão a mais tempo trabalhando no espaço"*.

conceitos argumentados por Geertz (1997, p. 87) de “experiência-próxima” e “experiência-distante” para desenvolver o estudo proposto.

Com base na classificação formulada pelo psicanalista Heinz Kohut, o conceito de experiência-próxima, segundo o antropólogo Clifford Geertz (1997), consiste em um informante interpretar em campo aquilo que os seus semelhantes veem, sentem, pensam e imaginam, de uma forma que ele próprio compreenderia facilmente se outros utilizassem da mesma maneira. Logo, as pessoas usam espontaneamente essa conceituação, isto é, suas interpretações e usos são concebidos no meio social, por seus sujeitos, de forma natural. Já definição de experiência distante, conforme o pensamento do autor, é aquela em que o etnógrafo ou demais cientistas a utilizam para executarem seus objetivos científicos, filosóficos e práticos.

Com os fundamentos conceituais definidos e não se limitando a nenhum deles, averigua-se se estão em sintonia, de forma que o pesquisador possa interpretar a experiência, transformando-a em palavras, em um acontecimento ou em um hábito que foi observado durante o percurso, de maneira eficaz e esclarecedora.

Nesta perspectiva, continuei com as observações e convergi para a área lateral dos Pavilhões em ferro, no setor de alimentação. Lá, presenciei pessoas fazendo a primeira refeição do dia, saboreando uma sopa ou um café da manhã. Testemunhei a diversidade nesta área: algumas iriam, provavelmente, começar suas jornadas de trabalho; outras, seguravam sacolas de alimentos e que, possivelmente, já haviam concluído suas compras; pessoas que, de posse de máquinas fotográficas, registravam os acontecimentos; as que supostamente nem tinham dormindo ainda; os pedintes, em busca de um trocado para poder se alimentar; as que estavam trabalhando nos boxes e as que estavam apenas de passagem por aquele local (Figura 51).

Figura 51 – Movimentação de pessoas no Mercado Bolonha



Fonte: CRAVO, 2017.

Sentei-me para estudar a movimentação e notei que alguns sons passavam despercebidos por aqueles que frequentam diariamente pelo ambiente, tais como os de conversas das pessoas, os de músicas antigas, gritos dos vendedores misturados às máquinas serra fita⁵². Na mesa ao lado da qual estava, sentou-se o Sr. Felipe⁵³, que pediu um prato com sopa (Figura 52). Logo iniciei uma conversa informal com ele. Disse-me que sempre passava pelo Mercado para se alimentar. Perguntei-lhe o que achava sobre os Pavilhões pré-fabricados em ferro do Mercado e obtive a seguinte resposta: “*É maravilhoso, é lindo*”. Comentou como as peças chegaram a Belém por navio, atracando no porto, vindo direto da França. Acrescentei ao diálogo a verdadeira origem das estruturas. Constatei que a história da implantação do Mercado Bolonha faz parte da memória coletiva de pessoas que transitam naquele ambiente centenário.

⁵² A máquina serra fita é um equipamento para açougue, responsável pelo corte de grandes pedaços de carne, com ou sem ossos.

⁵³ Sr. Felipe trabalhou do lado de fora do Mercado Bolonha, vendendo manteiga e hoje está aposentado.

Figura 52 – Sr. Felipe saboreado sua sopa



Fonte: CRAVO, 2017.

Busquei enfocar, com o Sr. Felipe, na memória de fatos passados que ficaram guardados em sua mente, foi quando ele revelou: *“O mercado já foi frequentado por muita gente, época em que as pessoas de todos os bairros de Belém vinham fazer as compras semanais, período que ainda não tinha feira em outros bairros”*. Nota-se, com isso, a nostalgia dos que vivenciaram aquele momento.

Ao término desta conversa despreocupada, caminhei pelo entorno dos Pavilhões de ferro e reencontrei o Sr. Geraldo na administração. Logo saímos para caminhar pelo andar superior (Figura 53), desta vez, com mais calma, para conhecer cada ambiente daquele espaço, como as salas de administração do Ver-o-Peso, a Guarda Municipal, – a única que fica aberta dia e noite, na qual os policiais têm acesso ao prédio, a qualquer momento –, a Coordenadoria da Mulher de Belém (COMBEL), os dois auditórios – de onde podemos avistar o Mercado de Peixe, Solar da Beira, a feira e a Baía do Guajará –, e o posto médico, que atende todo o complexo do Ver-o-Peso.

Figura 53 – Auditório para reuniões e a circulação do andar superior do Mercado



Fonte: CRAVO, 2017.

Ao descermos do andar superior, continuei caminhando pelo ambiente. Observei o trabalho dos açougueiros e de algumas mulheres que já estavam no preparo do almoço, que é servido diariamente. Era apenas mais um dia na rotina no Mercado Bolonha. Assim, constata-se que o dia-a-dia vai sendo desenhado pelos trabalhadores e pelas pessoas que, de alguma forma, transmitem energia ao local.

Na terceira incursão, tomei como base as entrevistas informais realizadas no trabalho etnográfico no interior dos Setores de Carne e de Peixe do Mercado Adolpho Lisboa na cidade de Manaus em julho de 2017⁵⁴, que objetivaram a caracterização dos entrevistados quanto a sua atividade no centro de abastecimento, naturalidade, nível de instrução, também, para entender a ótica do entrevistado quanto às informações sobre a instalação dos Pavilhões pré-fabricados em ferro e de que forma a arquitetura é percebida pelos usuários.

Neste sentido, após o reconhecimento completo da área em estudo e buscando as percepções iniciais do contexto do Mercado, dei início à pesquisa, apoiada em perguntas elaboradas previamente. A receptividade dos colaboradores foi acolhedora, durante o acesso ao Mercado. Isso pode ser notado quando os informantes foram atraídos pela ideia de expor o seu ponto de vista em relação à percepção da Arquitetura de ferro dos

⁵⁴ A pesquisa etnográfica foi realizada na cidade Manaus por meio de entrevistas com 42 agentes e permissionários, em quatro visitas consecutivas, de 14 a 17 de julho de 2017, nos períodos diurno e vespertino, com o objetivo de apreender as noções que ambos teriam sobre o Patrimônio Arquitetônico. A escolha dos colaboradores foi aleatória, sendo todos foram abordados nos Pavilhões de Carne e de Peixe; já os outros entrevistados se concentravam no setores de hortifrutigranjeiro do restaurante/lanchonete, do artesanato e das estivas em geral.

Pavilhões. O trabalho mobilizou-se na busca da memória coletiva, por meio da emoção e da afetividade das lembranças individuais das pessoas abordadas, fazendo vibrar um passado selecionado, com vistas a preservar a identidade de uma comunidade (CHOAY, 2000).

Enfatizando o contexto do olhar sobre a Arquitetura de ferro, percebe-se a trajetória histórica no conhecimento dos atores. Deste modo, pode-se entender que essa noção atribuída a essa edificação centenária relaciona-se com a memória coletiva. Daí podermos nos apoiar em Choay (2000) ao afirmar que o Patrimônio recorda as vivências, mantém e preserva a identidade de uma nação, de uma família.

2.2.3 Entrevistados no Mercado Bolonha em Belém

Dos quinze entrevistados na pesquisa destacam-se cinco: Márcia, Dione, Carlos, Raimundo e Maurício, pois as informações repassadas acrescentaram significativamente para o estudo proposto. Os cinco conheciam a história da implantação do Mercado, estavam ali com o intuito de almoçar, pois trabalhavam na redondeza.

Márcia⁵⁵ relatou que frequentava o ambiente quase todos os dias para almoçar e que aquele lugar se tornou familiar. Mas ao perguntar-lhe sobre como a arquitetura é percebida por ela, sua fisionomia mudou completamente, demonstrando como a afeição pelo Mercado Bolonha era visível. Nossa interlocutora, ao olhar para os Pavilhões de ferro, descreveu-os como sendo *“um tesouro escondido pelo cotidiano do Mercado”*. Revelou-me que nunca havia pensado sobre como um Patrimônio com mais de 100 anos de inauguração era tão moderno. Sabia que os Pavilhões tinham vindo da Europa e, sem perceber, começou a fazer uma leitura dos elementos arquitetônicos, observando as colunas combinavam com os boxes de carne e o encaixe do telhado na estrutura em ferro; mostrou admiração pela bela ideia da empresa.

De fato, a leitura que Márcia descreveu sobre o “tesouro escondido no cotidiano” (grifo nosso), revela a beleza que a edificação possui. Em sua opinião, deveria ter uma divulgação na mídia para que os paraenses pudessem visitar mais o Mercado Bolonha. A apreensão apresentada pela frequentadora é clara quando demonstra que o Patrimônio Arquitetônico deve ser mantido, mas, ressalta que se as autoridades investissem mais na

⁵⁵ Márcia, trabalhadora de uma loja próxima ao Mercado Bolonha, trancou o curso de História no segundo semestre.

segurança, no conforto para seus visitantes, certamente o ambiente seria mais frequentado pelos moradores da região.

As palavras ‘divulgação’, ‘conforto’ e segurança’, citadas pela entrevistada, remetem à patrimonialidade do Mercado, buscando a valorização deste lugar para a sociedade, segundo o conceito cunhado por Poulot (2009). No entanto, os bens patrimonializados se tornam peças de consumo turístico caracterizados pela monumentalidade arquitetônica transformada em cenários revestidos de valores mercadológicos, em busca da apreensão consumível dos acontecimentos e da cultura e descompromissados em refletir a memória e a história do lugar. (LEITE; PEIXOTO, 2009 apud SERRA; CONCEIÇÃO; BARROS, 2016).

Sendo assim, como bem patrimonializado, o Mercado Bolonha pode tornar-se uma mercadoria espetacular, pois, segundo Choay (2000), a representação do Patrimônio está relacionada ao registro de memória histórica identificada, examinada e promovida pelas indústrias cultural e turística, as quais impulsionam produções alegóricas sobre o passado. De acordo com a autora, essas indústrias atuam, sobretudo, através de recursos tecnológicos e estéticos, assim como iconográficos, audiovisuais e cromáticos, ampliando o poder atrativo da Arquitetura. Ao consultar a dissertação de mestrado do arquiteto Luiz Rabelo, observou-se essa questão destacada pela autora, acerca dos efeitos da industrialização do Patrimônio, quando narra sobre o Festival Sonido⁵⁶

O festival promoveu gratuitamente um espetáculo de música e luzes, trazendo para a capital paraense grandes nomes da música experimental nacional e promovendo encontros da música paraense. Além de música, o Sonido também promoveu um show de iluminação e videomapping especiais que valorizam a arquitetura do mercado [...]. (SILVA, 2018, p. 60).

Mesmo promovendo a indústria cultural e turística, o Patrimônio em estudo, através da aproximação do tempo atual ao passado, constrói a sua identidade e o seu valor histórico. Diante desta realidade relacionada ao passado, através da memória, continuamos com o percurso etnográfico, conversando com Dione⁵⁷, outra colaboradora e frequentadora regular do lugar. Gostava sempre de almoçar naquele ambiente, por achar os alimentos saborosos e com valores mais acessíveis. A entrevistada, logo expôs seu

⁵⁶ Para saber mais a respeito do Festival Sonido, consultar: SILVA, Luiz Henrique Rabelo da. **Mercado Bolonha: Patrimônio Arquitetônico e locus** de práticas culturais comerciais em Belém do Pará. 2018. 119f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

⁵⁷ Dione, natural de Belém, trabalha na feira do Ver-o-Peso por cerca de 10 anos.

sentimento pelo local, no qual a memória afetiva foi identificada por esta pesquisadora. Relatou-me que todas as vezes que entrava naquele recinto, lembrava de um relacionamento amoroso que teve com um açougueiro do Mercado.

A lembrança do passado pronunciada por Dione se materializa nas teorias de Pollak (1989), quando menciona que acontecimentos, pessoas e lugares, são elementos de referências constantes que a inserem na memória da coletividade. A percepção desta frequentadora ao olhar para a Arquitetura de ferro remete a um tempo de convivência amorosa, que talvez não retorne mais.

O amadurecimento do olhar como pesquisadora foi determinante para contemplar as movimentações na parte interna do Mercado Bolonha. Logo após a caminhada com Dione, conversei com um grupo de rapazes que faziam suas refeições em um dos restaurantes do espaço lateral dos Pavilhões. Carlos, Raimundo e Maurício⁵⁸ sempre almoçam no ambiente. Seus depoimentos enfatizaram como o estabelecimento é percebido por eles. Compararam, primeiramente, as formas arquitetônicas da estrutura em ferro com as representações românticas, destacando um coração em forma de flecha de cupido (Figura 54). *“Parece que o serralheiro estava inspirado ao fazer essa peça”*, ressaltou Carlos. Complementei sua observação informando-lhe que o ferreiro seguiu um projeto designado pelos autores dos Catálogos Ilustrativos da empresa de *Walter MacFarlane*. O recurso à história, segundo Verguet (2015, p. 08), *“toma a função de procedimento de legitimação porque ela procura as verossimilhanças e convoca à exatidão. O conhecimento do passado constitui um poder simbólico”*.

Figura 54 – Cantoneira metálica comparada com representação românticas

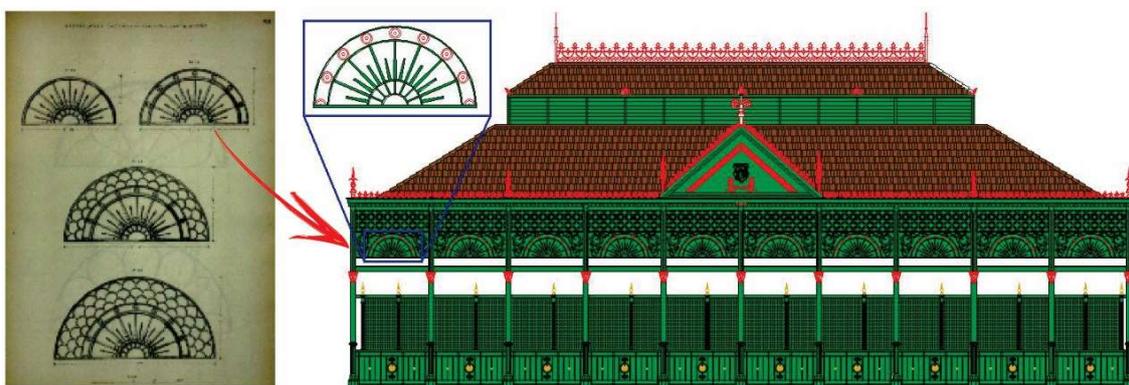


Fonte: CRAVO, 2017.

⁵⁸ Carlos, Raimundo e Mauricio, têm o ensino médio completo e trabalham em uma loja nas redondezas do Mercado.

Raimundo comentou sobre o formato do painel em ferro, comparando-o com os raios do sol (Figura 55) e o fechamento da grade que parece com um pano com renda. Na coleta de informações dos dois colaboradores, foi constatada uma visão da Arquitetura de ferro que provoca analogias figurativas, e até mesmo afetivas, nos elementos geométricos compostos do monumento arquitetônico. Maurício falou que “*o Mercado é um cartão postal de Belém, é bonito, bem conservado, é parada obrigatória para quem visita à cidade e procura conhecer a história*”.

Figura 55 – Detalhe do painel em ferro no Catálogo Ilustrativo da empresa de *Walter MacFalane*



Fonte: Material cedido por Francianny Moraes⁵⁹ e adaptado pela autora (2017).

Na busca por identificar a percepção do olhar na Arquitetura de ferro por meio das conversas que tinha em cada setor por onde caminhei, constatei que as criações mentais que esses informantes revelaram, constituíram referências para manifestarem as associações das formas geométricas com padrões figurativos, até então não percebidas nas pesquisas anteriores. Os demais entrevistados contribuíram com a entrevista, porém, alegaram que o patrimônio era bonito e não conheciam muito a história da implantação dos Pavilhões.

⁵⁹ Arquiteta que desenvolveu sua dissertação de mestrado nos Mercados do Ver-o-Peso e Bolonha. Para mais informações sobre esse assunto, ver: MORAES, Francianny Keyla Cabral. **O Mercado Público como equipamento de modernização urbana: o Ver-o-Peso e o Francisco Bolonha em Belém.** 2017. 118f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

2.2.4 Mercado Adolpho Lisboa: o olhar etnográfico nos Pavilhões pré-fabricados em ferro

As duas arquiteturas estudadas nesta dissertação, mais precisamente a dos Pavilhões pré-fabricados em ferro, são relativamente similares e representam a influência estética e o peso da cultura europeia. Entende-se também que são os protagonistas do Mercado Bolonha em Belém e do Adolpho Lisboa em Manaus. Esses exemplares de modernidade, que aderiram ao processo de industrialização que ocorreu no mundo e que impulsionou a Amazônia brasileira a utilizar novos modelos arquitetônicos que atendessem às necessidades da sociedade, fez-se o ambiente de investigação para esta pesquisa de campo.

Com isso, me desloquei para a cidade de Manaus, com a finalidade de estudar e conhecer de perto a construção pré-fabricada em ferro, especificamente, os Pavilhões que abrigam os setores de carne e peixe do Mercado Adolpho Lisboa, local onde vivenciei o cotidiano dos manauaras e apreendi os relatos dos agentes e permissionários⁶⁰ que fazem parte da paisagem deste estabelecimento centenário. Segui os conceitos que Geertz (2002), abordados no texto “Estar lá”, no qual fala que é preciso ir a lugares e voltar de lá com informações sobre como as pessoas vivem e tornar essas informações disponíveis à comunidade especializada, de uma forma prática.

O Mercado está situado às margens do rio Negro e apresenta-se como símbolo arquitetônico e cultural da cidade. Para algumas pessoas interpeladas no ambiente, ele é o local de sustento, de trabalho; para outras, representa um Patrimônio Histórico, bem como, um lugar de cotidiano heterogêneo onde se constrói identidade particular para muitos que ali convivem diariamente. O Mercado⁶¹ é um Monumento Arquitetônico da cidade, tombado em 1987 pelo IPHAN. O espaço é dividido em diferentes setores: o Central, o de Carne, o de Peixe, o das Tartarugas e os Pavilhões Pará e Amazonas.

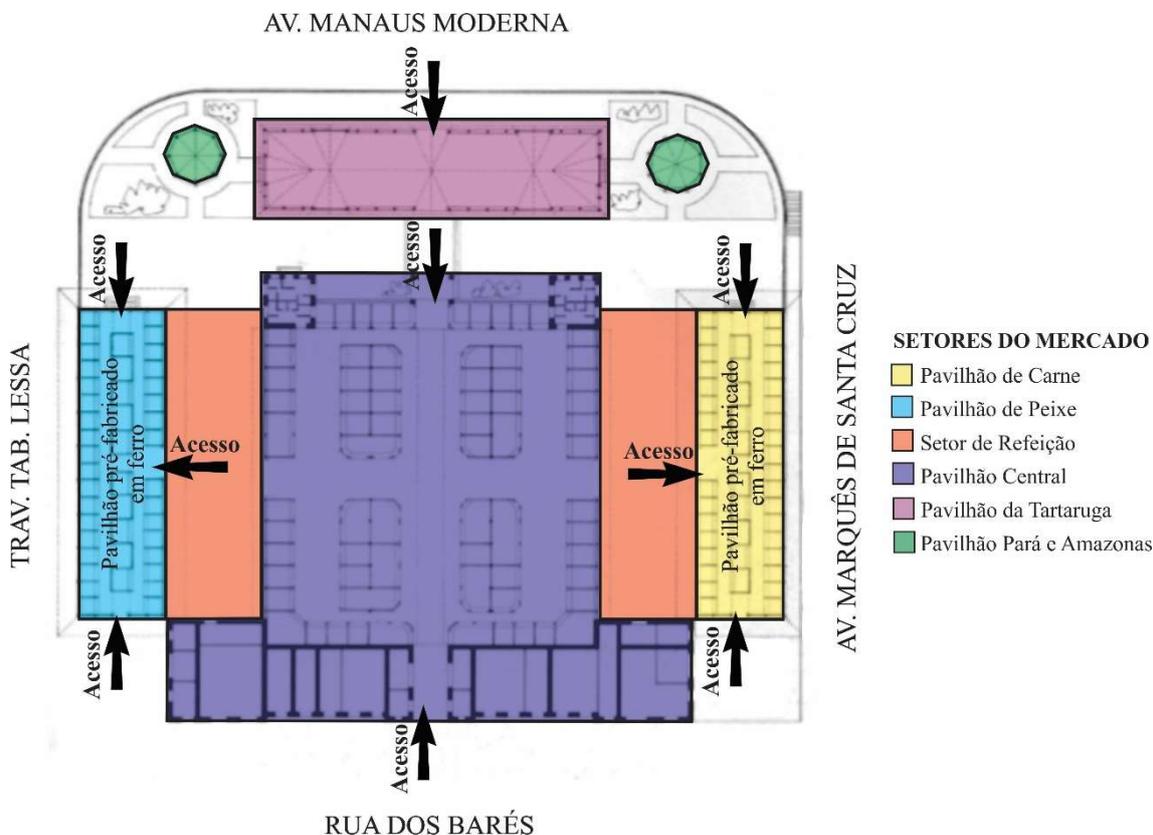
A pesquisa concentrou-se nos Pavilhões de Carne (à Oeste) e de Peixe (à Leste) (Figura 56), ladeando o Mercado Central com estilo *Art Nouveau*. As edificações são idênticas e simbolizam, na atualidade, uma fase da história de essencial valor para o

⁶⁰ A expressão “agente” é considerado, nesse estudo, para nomear todos os que têm contato direto com o Mercado Adolpho Lisboa, seja como clientes ou como visitantes movidos pelo turismo. O termo ‘permissionário’ é direcionado as pessoas que têm permissão pela prefeitura para trabalharem nos boxes do Mercado.

⁶¹ Nome popular que os cidadãos manauaras chamam o Mercado Adolfo Lisboa.

estado do Amazonas, representativo de um momento em que a cidade de Manaus, para muitos, deixava de ser uma simples “aldeia”. (MESQUITA, 1992, p. 84).

Figura 56 – Localização dos Pavilhões de Carne e de Peixe



Fonte: Adaptação feita pela autora a partir dos arquivos do IPHAN (2018).

Em 1977, os Pavilhões, receberam uma pequena reforma, no entanto, foi em 2006 que o Mercado foi completamente interditado por sete anos, para que se realizasse melhoramentos, sendo reinaugurado em 2013. Os relatos dos permissionários, captados no espaço interno dos Pavilhões com relação ao recente melhoramento do ambiente, divulgam a insatisfação que tiveram em alguns pontos distintos, tais como a não adequação da rede pluvial necessária para um perfeito escoamento de água da chuva, o que faz com que algumas áreas do Mercado reformado fiquem alagadas.

A pesquisa etnográfica desenvolvida no Adolpho Lisboa teve característica qualitativa, de caráter exploratório, na qual empregou-se um questionário para identificar o olhar dos agentes e dos permissionários nos Pavilhões de Carne e de Peixe quanto à Arquitetura pré-fabricada em ferro e, concomitantemente, foram feitas observações visuais e registros fotográficos do lugar em estudo. Mediante as perguntas, foi realizado um levantamento de dados através de entrevistas com quarenta e duas pessoas, em quatro

visitas consecutivas, no período de 14 a 17 de julho de 2017, nos turnos diurno e vespertino, para apreender as noções que os colaboradores têm sobre o Patrimônio Arquitetônico.

Nas quatro imersões feitas no Mercado, fundamentei-me nos conceitos de Laplantine (2003), a respeito da necessidade de comunicar-se para compreender os nativos, e nos de Geertz (1997), sobre o diário de campo, que destaca ser necessário que o antropólogo veja o mundo do ponto de vista do nativo para compreender o significado da ação da comunidade investigada, fazer parte do grupo, sem ser um deles. Desta maneira, usufruí do conhecimento da literatura na linha etnológica e dos conteúdos históricos pesquisados sobre o Mercado Adolpho Lisboa, realizados antes da minha viagem para a cidade de Manaus.

A escolha dos entrevistados foi aleatória. Os permissionários e agentes responderam às perguntas conforme suas possibilidades e conhecimento sobre o assunto; encontravam-se nos setores de carne, de peixe, de hortifrutigranjeiro, do restaurante/lanchonete, de artesanato e das estivas. A incursão de campo, definida sob o olhar na Arquitetura pré-fabricada em ferro, organizou-se com a aplicação de questionário com o seguinte roteiro: nome; agente ou permissionário; naturalidade; nível de instrução; quais as informações sobre a implantação dos Pavilhões; de que forma a Arquitetura pré-fabricada em ferro dos Pavilhões é percebida pelos usuários.

2.2.5 O cotidiano no Mercado Adolpho Lisboa

Primeiramente, manifesto minhas percepções ao ingressar no Pavilhão pré-fabricado metálico do Adolpho Lisboa. Constatei um ambiente que exprime beleza e ostentação do ferro fundido em uma época impar para a cidade manauara, causando, em mim, admiração. A arquitetura do Mercado contracenava com a geografia amazônica e com o patrimônio cultural, como produtos, cheiros, tradições culinárias e hábitos.

A singularidade da edificação promoveu uma sensibilidade ao olhar a rigidez do aço tornar-se algo tão delicado, como o conjunto de ornatos visualizados no contexto dos Pavilhões, através dos vitrais coloridos, coroando as fachadas (Figura 57). A percepção como pesquisadora contribuiu para a análise do ambiente, já que houve um estudo prévio sobre a história do local, feito mediante pesquisas bibliográficas. A representação deste conceito vanguardista originou-se na moda parisiense. Devido a este fato, Paris estava presente no imaginário das elites emergentes do Brasil. (PESAVENTO, 2002).

Figura 57 – Vitrais coloridos, coroando as fachadas



Fonte: CRAVO, 2017.

Havia poucos consumidores, no momento da pesquisa etnográfica, no setor de carne e de peixe. Os permissionários se encontravam sem atividade e em conversas com outros trabalhadores da área. Com essa observação inicial, fui buscar outras sobre a pouca demanda nos referidos setores. Iniciei uma conversa informal com um dos permissionários, Sr. Jackson⁶², que relatou que, devido à última reforma, o Mercado sofreu algumas modificações, principalmente no que concerne à organização dos boxes, sendo que a maioria deles era direcionado para o comércio de artesanato, ocasionando, assim, o afastamento dos clientes, que passaram a se deslocar para outros centros de abastecimento na cidade de Manaus.

Entrar no Mercado e vê-lo causou-me emoção. Pude averiguar com calma todas as particularidades que li em livros e textos sobre a cor, os detalhes em ferro, as tonalidades dos vitrais coloridos. Neste sentido, após o reconhecimento completo da área em estudo e buscando as percepções iniciais de seu contexto, iniciei a pesquisa apoiada em perguntas elaboradas previamente. Os quatro dias de incursão no ambiente proporcionaram-me a obtenção de conteúdos fotográficos, relatos históricos guardados na memória viva de cada colaborador – refere-se aos agentes e permissionários entrevistados – e análise presencial da edificação pré-fabricada em ferro.

⁶² Sr. Jackson, permissionário do setor de carne, foi o primeiro abordado para a construção do levantamento de dados da pesquisa etnográfica. Ele trabalha há mais de 40 anos no local, é natural de Manaus e possui nível médio completo.

Durante a pesquisa etnográfica, foi perguntado, primeiramente, os nomes e funções de cada entrevistado, com intuito de me aproximar no momento do levantamento de dados. As informações sobre a naturalidade dos agentes e permissionários revelam a diversidade de pessoas que frequentam o Adolpho Lisboa. Um dos fatos que me chamou atenção, foi a total ausência do sexo feminino na atividade dos Pavilhões de Carne e Peixe. Segundo Sr. Jackson, esta “*é uma profissão rara entre as mulheres*”. Ao longo do percurso, observou-se o nível de instrução dos trabalhadores do Mercado. Constatei que os colaboradores com idade mais avançada têm pouca ou nenhuma escolaridade.

Com relação à pergunta “Quais as informações sobre a implantação dos Pavilhões?”, pude constatar que a maioria das pessoas que foram entrevistadas não possuíam conhecimento sobre a instalação dos Pavilhões de Carne e de Peixe pré-fabricados em ferro, o que me causou surpresa, pois, alguns destes, como Dona Sebastiana⁶³, informaram que depois da última reforma, a prefeitura ofereceu para todos os que trabalham naquele ambiente, um livro que conta a história do Mercado; porém, nossa colaboradora alegou que não tinha tempo para ler a obra escrita.

Outra interlocutora, Dona Helena⁶⁴, foi uma das que tinha o conhecimento da história de sua instalação da Arquitetura pré-fabricada. Discursou sobre a origem da edificação e de que forma chegou em Manaus. Ao término do relato, ofereceu-me um passeio fluvial pelo rio Negro, pois trabalha no setor de turismo. A experiência com essa entrevistada, leva à reflexão sobre a questão do saber mais aprofundado da história do Mercado, refiro-me ao estudo do Patrimônio para uma prática com fins lucrativos, agregando conhecimento para a atividade turística, atribuindo valor financeiro ao bem cultural.

Analisei, também, que a maioria dos abordados se detiveram na reforma que houve em 2013, alegando que o Mercado ficou fechado por cerca de sete anos. A informação mais citada entre os colaboradores da pesquisa, foi com relação à reformulação geral no sistema de esgoto e elétrico dos Pavilhões. Sr. Jackson mencionou sobre as modificações que ocorreram, entre elas, a mudança do piso de pedra lioz para o cerâmico (Figura 58), uma vez que a vigilância sanitária alegou ser insalubre o antigo revestimento, sendo este retirado e reassentado no Mercado Central.

⁶³ Dona Sebastiana, manauara, permissionária que trabalha há cerca de 50 anos no Mercado na área de alimentos.

⁶⁴ Dona Helena, belenense, trabalhadora do setor de turismo, com 15 anos de atividade no Mercado.

Figura 58 – Mudança do piso de pedra lioz para o cerâmico



Fonte: Adaptação feita pela autora a partir do arquivo pessoal (2018).

Durante a entrevista, notei que a maioria das pessoas tiveram a oportunidade de desabafar sobre suas insatisfações com relação à recente reforma do Mercado, o que não era o propósito dos questionamentos expostos. No entanto, gentilmente, ouvi seus relatos, tais como: o afastamento dos clientes manauaras que vinham comprar carne e peixe no mercado; o lugar que ficou sendo mais um ponto turístico do que sua finalidade inicial, que é o centro de abastecimento, prejudicando o desenvolvimento do comércio de alimentos; a tubulação pluvial que não atende à demanda da água da chuva; os constantes alagamentos que ocorrem em período chuvoso; o telhado que não é adequado para aquele local. Além dessas lamentações, houve até sugestão para o melhoramento do ambiente, como a mudança das telhas centenárias para outras mais modernas. Todavia, finalizei o questionamento implementado e concluindo com a seguinte pergunta: “De que forma a Arquitetura de ferro é percebida pelos usuários?”.

2.2.6 Entrevistados no Mercado Adolpho Lisboa em Manaus

O diálogo com Sr. Jackson em torno do questionário foi muito proveitoso. Conhecedor da história dos Pavilhões de Carne e de Peixe, manifestou suas opiniões sobre a recente reforma e expôs suas percepções sobre a arquitetura metálica, pontuando a beleza da edificação, os adornos do ferro fundido e a delicadeza do emprego dos vitrais nos arcos da fachada, que lhe causavam muita emoção. Revelou-me ainda que a

edificação foi construída quando havia muita fortuna nos cofres públicos – reportava-se ao Ciclo da Borracha – seu conhecimento sobre o assunto me deu mais entusiasmo com o trabalho que estava iniciando, percebi logo de imediato a sua visão poética.

Nesse primeiro dia, consegui alcançar doze pessoas para o levantamento de dados, quatro permissionários e oito agentes. Dentre todos, quem mais contribuiu com a investigação foi o Sr. Jackson – mencionado anteriormente – e Dona Helena. Essa interlocutora, com o nível médio completo, expôs que conhecia muito bem a história da arquitetura metálica implantada do auge da borracha, reiterando que veio da Europa e que chegou pelo porto em terras amazonenses. Posicionou sua percepção sobre a edificação centenária, colocando que o Mercado atrai muitos turistas e, conseqüentemente, vários consumidores. Citou a valorização da arquitetura importada do Velho Mundo, direcionando o olhar para o conjunto de ferro e vidro da fachada dos Pavilhões e para os gradis de fechamento que proporcionam ventilação à construção. Além disso, falou sobre a reforma que o local sofreu em 2003 e como ficou sua organização interna: na área central foram recolocados sessenta e quatro boxes; no setor de peixe vinte pontos comerciais e no de carne vinte e dois; duas praças de alimentação com onze restaurantes/lanchonetes em cada uma; criação dos Pavilhões da Tartaruga e os do Pará e Amazonas, que ficam margeando a Avenida Manaus Moderna, tudo isso distribuído em cinco mil metros quadrados.

No sábado, 15 de julho de 2017, às 10h00, cheguei ao Mercado para a segunda visita, em busca de mais informações para apreender relatos da memória das pessoas da área investigada. Percebi o grande movimento no setor de artesanato e de alimentação naquele dia. Iniciei comecei o levantamento de dados, abordando quinze colaboradores, sendo seis permissionários e nove agentes.

Nesse grupo de pessoas, duas demonstraram interesse em saber mais sobre a implantação dos Pavilhões em ferro, Macedo e Alberto⁶⁵. Ao perguntar para os dois rapazes sobre a percepção na arquitetura centenária, não consegui o resultado esperado, pois eles desconheciam a história do local e me comunicaram que estavam chegando naquele momento ao ambiente. A primeira descoberta neste dia foi a falta de informação da história do Mercado entres os agentes e os permissionários. Devido a essa circunstância, tomei a liberdade de informá-los sobre a implantação do Pavilhão pré-fabricado em ferro.

⁶⁵ O casal, natural de Portugal, com nível superior completo, estava na cidade de Manaus a passeio, visitando o setor de artesanato no Pavilhão Central.

Na terceira incursão, no domingo, dia 16 de julho de 2017, cheguei ao Mercado às 8h00. Já na entrada encontrei-me com Dona Helena, que me esperava para o passeio pelo rio Negro. Percebi que o ambiente estava mais movimentado que nos outros dias, havia pessoas olhando os artesanatos (Figura 59), comprando seus alimentos e outras fazendo a primeira refeição do dia nos restaurantes/lanchonetes intercalados entre o Pavilhão Central e os laterais. Tínhamos tempo para iniciarmos o levantamento de dados, já que o passeio sairia às 10h00. Era necessário colocar em prática os estudos adquiridos em texto. A base que adotei foi sobre “a prática antropológica só pode se dar com uma descoberta etnográfica, isto é, com uma experiência que comporta uma parte de aventura pessoal”. (LAPLANTINE 2003 p. 123).

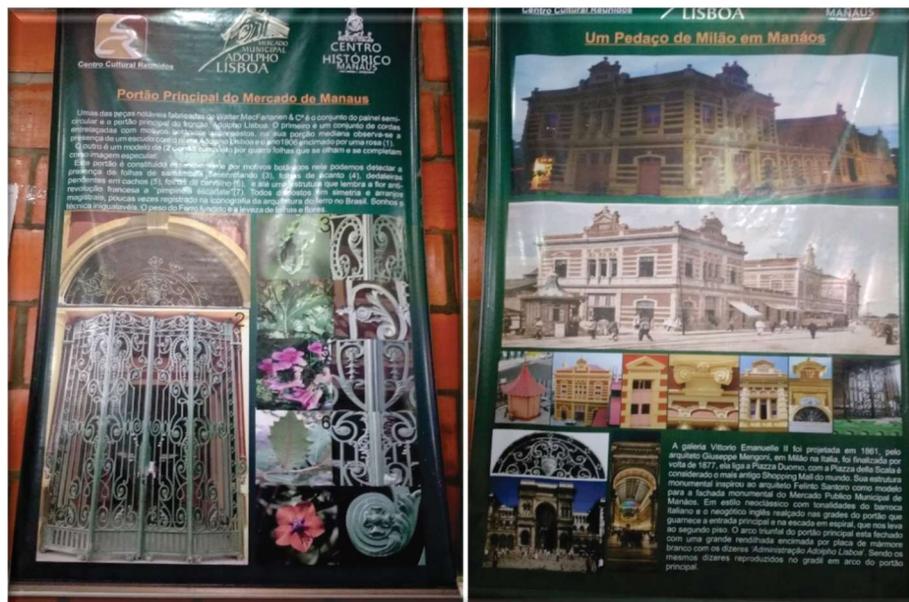
Figura 59 – Mercadão, setor de artesanato no domingo, antes saída do passeio fluvial



Fonte: CRAVO, 2017.

Comecei a pesquisa etnográfica para vivenciar tal prática antropológica. Neste dia, interpelei dez colaboradores, sendo dois permissionários e oito agentes. Um dos fatos a ser considerado durante as descrições dos colaboradores é a dificuldade que eles têm em falar sobre suas percepções a respeito da Arquitetura de ferro, uma vez que, em quase todos os relatos, havia direcionamento para a recente reforma. Alguns agentes disseram-me que se eu queria saber a história daquele patrimônio, poderia procurar auxílio nos *banners* espalhados nas paredes do Mercado (Figura 60).

Figura 60 – *Banners* nas paredes do Mercado Adolpho Lisboa



Fonte: CRAVO, 2017.

A memória do Mercado estava estampada nas paredes, através de *banner*, para qualquer pessoa ter acesso. Constatei neste dia a falta de interesse dos permissionários e agentes em colher informação sobre a história da edificação e, conseqüentemente, a não valorização do Patrimônio Arquitetônico. Depois de questionar as dez pessoas acerca do olhar para a Arquitetura do ferro, percebi que o discurso não mudava, pois focavam na beleza do espaço, mas sem acrescentarem informações sobre a edificação; então me propus a mudar de horário no dia seguinte.

Na segunda-feira, dia 17 de julho de 2017, às 14h00, comecei o trabalho de campo com o intuito de aprimorar mais o desempenho na pesquisa. Minha postura foi a de tentar me aproximar dos colaboradores na busca por um despertar da memória daquele grupo de agentes. Depois de caminhar por algum tempo por esse espaço, percebi que o movimento diminui à tarde. Alguns boxes já estavam fechados e outros prestes a encerrar sua jornada de trabalho. Abordei um total de cinco agentes, os quais falaram pouco e transmitiram sua contribuição para os Pavilhões pré-fabricados em ferro, com as seguintes frases: “É bonito” e “Não conheço a história”.

Procurei mostrar, na primeira viagem a Manaus, etnograficamente, o cotidiano das pessoas que trabalham e transitam pelo Adolpho Lisboa, sob a percepção do olhar voltados aos Pavilhões pré-fabricados em ferro. *A priori*, traçando um panorama na história deste Patrimônio centenário e, posteriormente, apurando as informações no ambiente de estudo, embora não tenha conseguido abstrair, neste momento, a questão da memória do interlocutor no âmbito interno do Mercado.

No entanto, sabe-se que este monumento metálico é um dos principais pontos turísticos de Manaus, além de ser significativo tanto para a economia quanto para a cultura da região. Tais características fazem o lugar ser bastante visitado, com uma significância regional, visto que não se restringe apenas a um centro de abastecimento – o que se entende ser a sua finalidade – mas sim como um centro de cultura, turismo e gastronomia que há na cidade.

Na segunda viagem que realizei para Manaus, no período de 26 a 28 de outubro de 2018, abordei dez pessoas⁶⁶, porém, enfatizei apenas os discursos de Raimundo, Vânia, Augusto, Pedro, João e Davi, tanto no setor de carne como no de peixe, com o propósito de concluir o trabalho etnográfico. Refiz o mesmo percurso feito na última incursão ao Mercado, constatando, de imediato, um ambiente mais movimentado; percebi, ainda, que estava mais familiarizada com o espaço do estudo. Corroborando com Rocha e Eckert (2001), passei a identificar esta região como se ela fosse minha morada, um lugar de intimidade, repouso e acomodação afetiva. De certa forma, interpretei, com um novo olhar, sobre esta edificação metálica, na qual presenciei um local colorido, com vida e com muita variedade cultural. A ressignificação desta percepção ocasionou benefícios para a análise do território.

O ponto relevante neste momento da pesquisa etnográfica, foi a análise dos símbolos arquitetônicos apartados da construção. A proposta defende a ideia de que a arquitetura, representada pelo Pavilhão pré-fabricado em ferro do Mercado Adolpho Lisboa, expõe a concepção da memória. Na sequência, é feita uma abordagem nos grupos existentes, por meio da gravura de um ornato metálico, dentro do contexto de estudo.

Para a análise do Patrimônio edificado e da sua relação com a identidade e a memória, aproximei-me de algumas pessoas, despretensiosamente, com a proposta de que elas pudessem reconhecer o elemento arquitetônico do Pavilhão. A pergunta inicial feita para os abordados foi “Você sabe me dizer onde está localizada essa peça arquitetônica?” Desta maneira, presenciei a composição do diálogo entre a arquitetura e as lembranças vinculadas com a existência do interlocutor, considerando que todos os seres têm memória, têm uma história para contar, pois, de acordo com Tedesco (2011), o homem que não tem lembrança, possivelmente, não seria um ser humano, pois a linguagem, os hábitos, a personalidade e o meio com o qual vive está diretamente ligado à sua existência.

⁶⁶ Durante os três dias em que estive em Manaus, no mês de outubro de 2018, fui duas vezes ao Mercado, no sábado, dia 27, e no domingo, 28, com o intuito de realizar a pesquisa etnográfica; durante o trabalho, abordei quatro pessoas no primeiro dia e seis no segundo. Reservei a sexta, 26, dia da minha chegada à cidade, para pesquisar dados sobre o Adolpho Lisboa, tanto na biblioteca local como no IPHAN.

Logo, os depoimentos apreendidos simbolizaram a vivência de cada interlocutor no ambiente, testemunhando o parecer entre o passado e o presente.

Sob este ângulo, comecei o diálogo com o Sr. Raimundo⁶⁷, apresentando-lhe a imagem da peça arquitetônica (Figura 61) que, de imediato, foi identificada: “*É da frente do Mercado, lá perto do telhado*”. Logo percebi, pelo reconhecimento do ornamento, que a forma arquitetônica do Pavilhão pré-fabricado está memorizada na vida do vendedor. Expôs que, para ele, o Mercado é sinônimo de vida e de sustento, sendo frequentador desde criança, pois acompanhava o pai na ocupação do comércio; revelou-me, ainda, que lembra quando seu genitor lhe falava sobre a “Hora da Creolina” (Figura 62) e, apontando para onde ele se encontrava, disse: “*O sino ‘tá’ bem ali. Quando dava 10h00 da manhã, o sino batia e era jogado creolina em cima do peixe e da carne, porque não tinha gelo para congelar*”. O escritor Thiago de Mello comenta, em sua obra, sobre o sino:

É o do “sino da creolina” que se ouvia no Mercado Municipal todas as manhãs, pontualmente às 10 horas. O povo assim o chamava porque aquele som avisava que daí a pouco os fiscais da Prefeitura chegariam, e chegavam mesmo, para derramar creolina nos alimentos que, à falta de frigorífico, não poderiam ser conservados em bom estado. Era o som esperado pela pobreza, porque imediatamente os preços baixavam. (MELLO, 1984, p. 71).

Figura 61 – Ornamento apartado da fachada



Fonte: Adaptado pela autora a partir de foto do arquivo pessoal (2019).

⁶⁷ Sr. Raimundo, manauara, vendedor de castanha e grãos, com mais 30 anos de trabalho.

Figura 62 – Sino da creolina



Fonte: CRAVO, 2017.

A reminiscência pronunciada pelo Sr. Raimundo enquadra-se no processo da transmissão da recordação visual efetivada por símbolos e pelas formas como eles interagem. O próprio “sino da creolina” revela a questão de um signo representando parte da história do Mercado Adolpho Lisboa. A relação entre arquitetura e a lembrança de um fato, oportunizada através da recordação, estruturam o pensamento dos envolvidos na pesquisa etnográfica desenvolvida no Pavilhão em pauta. A lembrança da infância do Sr. Raimundo referente ao pai, ressalta o episódio do biscoito chamado de “*madeleines* de Proust”⁶⁸, que acabou gerando o conceito de memória voluntária, na qual é incapaz de reproduzir as lembranças mais profundas do narrador, de acordo Camargo (2009), uma vez que só podem ser “trazidas à tona por meio das sensações, das correspondências de uma sensação presente análoga à outra passada, fazendo reviver as imagens de outrora, as lembranças desagregadas pelo tempo, responsável pelo envelhecimento exterior do ser”. (CAMARGO, 2009, p. 60).

Não me detive na recordação, porém, a memória se apropria do viver de maneira tão inesperada, que depara-se com a reminiscência de um acontecimento passado. Neste

⁶⁸ “Ela então mandou buscar um desses biscoitos curtos e rechonchudos chamados *madeleines* [...], levei à boca uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de *madeleine*. Mas no mesmo instante em que esse gole, misturado com os farelos do biscoito, tocou meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem a noção de sua causa. [...] o aroma e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, chamando-se, ouvindo, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, levando sem se submeterem, sobre suas góticas quase impalpáveis, o imenso edifício das recordações”. Disponível em: <https://lembraria.com/2016/10/07/as-madeleines-de-proust-e-de-todo-mundo/>. Acesso em: 03 mar. 2019.

panorama, o Pavilhão pré-fabricado em ferro é um artefato fomentador de lembranças, armazenado no âmbito da vivência dos agentes e permissionários, tendo seu valor simbólico para o ambiente local. No entanto, não se pode deixar de mencionar o estudo de Pollak (1989), sobre o “silêncio” e o “esquecimento”, pois esses artifícios da memória são como elementos de resguardo, de refúgio de determinadas pessoas em relação a certas histórias.

No que tange ao silêncio e ao esquecimento, mencionados por Michel Pollak, presenciou-se um fato no decorrer da pesquisa com Dona Vânia, que não reconheceu a gravura do ornato, evidenciando, neste caso, a concepção do autor. Antes de descrever a nossa conversa, saliento a surpresa que tive ao chegar no setor de peixe, já que constatei algumas mulheres trabalhando neste espaço. Na minha primeira incursão, em julho de 2017, não havia encontrado nenhuma pessoa do sexo feminino na área de carne e de peixe, desenvolvendo qualquer espécie de atividade no Mercado.

Abordei Dona Vânia, citada anteriormente, e mostrei a mesma imagem usada quando conversei com o Sr. Raimundo. Porém, a colaboradora não conseguiu identificar o local onde se situava a peça arquitetônica, afirmando: *“Se meu marido estivesse aqui, ele reconheceria, estou aqui só para dar uma pequena ajuda para ele”*. Esse fato complementa a questão do esquecimento ou, até mesmo, torna-se um refúgio para não ser questionada. Vendo que seu companheiro estava próximo, chamou-o para lhe ajudar a descobrir onde se encontrava a referida gravura. Sr. Augusto⁶⁹ (Figura 63) reconheceu a imagem, mencionando: *“Ela está lá em cima, parece uma moeda”*, expressando sua satisfação, com um largo sorriso, por acertar a localização do ornato. A lembrança visual refletida perante esse ato de rememorar provou que o símbolo arquitetônico conserva uma memória.

⁶⁹ Sr. Augusto, casado com Vania, é permissionário do setor de peixe há cerca de 35 anos. Herdou o ponto do pai, que desempenhou o papel de peixeiro por 45 anos. A esposa o ajuda e não colaborou na nossa conversa, porém, estava atenta ao diálogo, afirmando com a cabeça sempre que ele relatava um fato.

Figura 63 – Dona Vânia e Sr. Augusto, permissionários do setor de peixe



Fonte: CRAVO, 2018.

O peixeiro contou-me sobre sua trajetória no local. Começou a trabalhar quando tinha apenas 16 anos, lembrando da época em que existiam poucos mercados na cidade e que, por isso, às 4h00 da madrugada, já tinha vendido cerca de 1,50 a 2,00 kg de peixe. Vivenciou as transformações do ambiente, como a construção da Avenida Manaus Moderna e as reformas transcorridas no lugar. Suas lembranças reportaram para uma época saudosa, período em que trabalhava com o pai, tempo que ouviu muitas histórias de vida: *“Conheci muitos veteranos, alguns já foram embora. De veterano aqui tem eu e mais uns seis, o resto é tudo da nova geração. Aqui tem muita história, muita história mesmo”*.

Muitos destacaram a percepção ao olharem para os Pavilhões em ferro do Mercado Adolpho Lisboa como inerente à vivência, tornando-se importante para a suas vidas social e mental (GONÇALVES, 2005). O depoimento de alguns transeuntes do espaço concede à edificação metálica a condição de sua existência, como afirmado por Pedro, trabalhador do setor de carne: *“É a minha vida”*. Outros acreditam que o Patrimônio é a imagem da cidade devido aos seus valores históricos, culturais, turísticos

que certificam a identidade particular deste monumento. Somados a estes depoimentos, o de João, transeunte do local, afirma que lá *“é o lugar de onde se retira o sustento para a família”*.

Delineando a percepção dos agentes e permissionários perante a valorização da arquitetura, percebi que as apreensões coletadas na pesquisa etnográfica, nessa segunda viagem, foram possíveis devido aos diálogos despreziosos, utilizando apenas a gravura do ornato, sai em busca de interlocutores que pudessem colaborar com a pesquisa e, assim, prosseguir com o estudo.

Desta forma, estabeleci uma interlocução com o Sr. Davi⁷⁰, mostrando-lhe uma imagem do contexto do Pavilhão em ferro (Figura 64). Ele reconheceu a peça e disse-me: *“Se não me engano, é da cúpula que fica lá em cima, daqui de baixo nem dá para ver direito”*. Este detalhe arquitetônico revelou o conhecimento apurado sobre a arquitetura daquele lugar. Em suas palavras: *“Essa imagem parece um ramo florido, enfeitando a frente do Mercado”*. De fato, o visitante conhecia bem o espaço e começou a revelar fatos de sua vida.

Figura 64 – Ornato apartado da edificação



Fonte: Adaptado pela autora a partir de seu arquivo pessoal (2018).

A princípio, o Sr. Davi declarou que foi criado no centro e sempre ia ao Mercado nos finais de semanas para fazer jogo de loteria. Depois começou a falar sobre o Pavilhão em ferro, sendo instalado na época áurea da borracha, vindo de fora do Brasil. A Memória afetiva foi acionada quando começou a lembrar de sua infância, dizendo: *“Quando era criança, vinha muito aqui, gostava de ver o rio daquela porta lá de trás, não tinha essa*

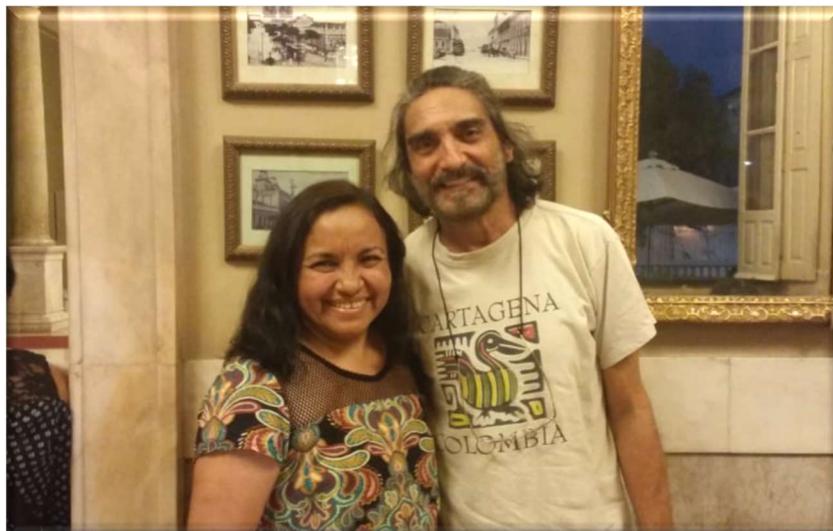
⁷⁰ Sr. Davi, transeunte do Mercado, natural de Guajará-Mirim, em Rondônia, considera-se um manaura, pois está na cidade há 60 anos.

rua aí (referiu-se à Avenida Manaus Moderna), *tenho saudade dessa época*". Com relação à edificação, sua fala enfatizou, ainda, a questão da preservação:

As pessoas não têm consciência, as coisas vão se acabando e ficam só registrado na história. Sou a favor que todas essas construções antigas devam permanecer, serem tombadas e preservadas. Com o progresso, isso vai se acabando, vêm as fachadas novas, vêm as edificações novas. E isso, são coisas que fazem parte da história, mas tem que ter alguém para catalogar, deixar registrado em algum canto. Vai chegar um tempo que essas construções vão morrer, que não 'vai' existir mais. É o caso daqui do Mercado, que a engenharia hoje não emprega mais, quer dizer, se acabar com isso aqui, não vai ter mais. Eu acho que isso aí são coisas que fazem parte, que deviam ser preservadas, porque isso é a história. Vai ter registro assim só em foto, em filme, só essas coisas aí.

A percepção da arquitetura desse lugar da memória reveste-se em uma diversidade de ornatos que envolvem o Pavilhão. Estes adornos se converteram em elementos que mediarão os vínculos das lembranças históricas, afetivas e saudosas. Na vertente histórica, conversei fora do âmbito interno do objeto de estudo, no Café do Teatro, com o escritor, professor e artista plástico Otoni Mesquita⁷¹ (Figura 65), ilustre cidadão manauara, que teve a gentileza de expor seu pensamento sobre o Mercado.

Figura 65 – Encontro com Otoni Mesquita no Café do Teatro



Fonte: CRAVO, 2018.

A conversa foi abastada de informação sobre o Ciclo da Borracha, o desenvolvimento da cidade, a migração nordestina e a abertura dos portos. No entanto, pretendia saber sobre sua percepção acerca da arquitetura metálica dos Pavilhões.

⁷¹ Otoni Mesquita mora na cidade de Manaus, é artista plástico e jornalista, mestre em História e Crítica da Arte, doutor em História. Publicou dois livros resultantes do trabalho de mestrado e de doutorado: *Manaus: história e arquitetura - 1850/1915* e *Manaus: uma cidade entre dois tempos - 1890/1910*. É também Professor Associado 1 do Curso de Artes Visuais do Departamento de Artes da Universidade Federal do Amazonas.

Primeiramente, narrou sobre sua infância, contando que aos 12 anos era assíduo frequentador do Mercado. Entretanto, disse que era praticamente obrigado pela mãe a ir naquele ambiente e tal ordem não lhe agradava muito. O que lhe atraía, naquela ocasião, era a movimentação das pessoas, a praia e os animais que eram vendidos no Pavilhão de trás, fora o fato de tornar-se responsável para fazer as compras para sua família.

Em termos do ornamento dos materiais e da arquitetura, só deu mais atenção a eles quando começou a trabalhar com o Mercado, como objeto de estudo, no segundo semestre 1988, durante o mestrado na Universidade do Rio de Janeiro. No entanto, confessou que, mesmo assim, a questão do ornato desse equipamento urbano ainda não lhe era interessante. Seu olhar ficou mais atento, de fato, em 1997, quando atuou na coordenação do Patrimônio Histórico e fizeram uma intervenção no ambiente. O escritor fez registros fotográficos dos frontões da cidade, em particular os dos Pavilhões, tornando assim sua percepção mais aguçada para essa questão arquitetônica que, em parte, já tinha pesquisado em sua dissertação. Otoni revelou ainda que foi um dos divulgadores dos Patrimônios da cidade, sendo o Mercado Adolpho Lisboa um dos que entrou em seu rol de difusão.

Notou-se, inicialmente, a presença de um relato histórico, nas palavras do escritor, ilustrado sob a larga experiência de seu trabalho com o Patrimônio manauara. Nesta compreensão, coloco em destaque o estudo de Izquierdo (1989, p. 89), quando argumenta que, na prática, a memória é, “o armazenamento e evocação de informação adquirida através de experiências; a aquisição de memórias denomina-se aprendizado. As experiências são aqueles pontos intangíveis que chamamos presente”. Posto isso, aflorou em sua memória os tempos de infância, tratando desta forma de alinhar sua percepção com o ambiente em estudo. A valorização da arquitetura nasce no momento de seu engajamento nas diretrizes de divulgação do Patrimônio Arquitetônico, catalogando os detalhes construtivos para futuras pesquisas sobre esse monumento metálico.

Percebeu-se que o método de usar a imagem do ornato apartado da arquitetura, nesta segunda viagem, realizada em outubro de 2018, proporcionou resultados extremamente fecundos na coleta de dados da memória do interlocutor, pondo em prática o melhor desenvolvimento para a pesquisa etnográfica, diferentemente do que aconteceu na primeira estadia, feita em julho de 2017, cuja metodologia utilizada foi o questionário. Não foi possível alcançar a vertente da reminiscência no âmbito interno do mercado. A conversa informal, apoiada apenas por uma gravura, deixou o colaborador mais à vontade de expor seu pensamento.

Quanto às percepções colhidas durante percurso etnográfico nas duas edificações metálicas das cidades de Belém e de Manaus, suas diferenças e semelhanças, serão tratadas no Capítulo 3, onde será feito um paralelo sobre as pesquisas de campo, o olhar do transeunte e do trabalhador dos Pavilhões pré-fabricados em ferro dos Mercados Bolonha e Adolpho Lisboa.

Assim sendo, o Pavilhão pré-fabricado em ferro estudado sob pesquisa etnográfica neste capítulo, simboliza vida, pois possui uma ligação com seus usuários, gerando hábitos e saberes assimilados em seu pátio interno, reunindo a construção de lembranças com relevância cultural e social. Além disso, contribui com a percepção do valor afetivo e histórico, construindo uma identidade própria.



3 A RELAÇÃO ENTRE A VIVÊNCIA DO TRANSEUNTE E DO TRABALHADOR NA VALORIZAÇÃO DA ARQUITETURA DE FERRO

Duas análises da Arquitetura de ferro ajudarão a entrar no cerne do papel que o Patrimônio Arquitetônico tem mediante a sensação suscitada no homem. Percorrendo o interior do Mercado Bolonha em Belém e do Adolpho Lisboa em Manaus, percebeu-se que os sentimentos e lembranças de um grupo de pessoas que ali trabalham ou transitam, evocam memórias vividas no passado, transportando-as para o momento presente. Constatou-se, assim, o pensamento de Choay (2000) acerca do monumento como suporte à memória.

Os Mercados em pauta possuem um acervo de ornamentos produzidos em ferro. Eles são, em síntese, uma série de signos, uma arte que comunica, significando a concretização do costume de uma época. Seu valor simbólico é identificado, deste modo, não só na arquitetura com contexto histórico, social ou geográfico, mas na conexão entre a edificação e quem dela usufrui. Nesta perspectiva, os Pavilhões metálicos são testemunhas de uma cultura, de uma memória que envolve as pessoas que por lá transitam.

O objetivo nesta análise é desenvolver uma reflexão a respeito das duas obras, que embora tenham muitas semelhanças, são completamente distintas. As edificações foram examinadas por meio da memória obtida na percepção do olhar ao conjunto arquitetônico e por uma composição de símbolos, apartados da construção, submetendo-os à questão da reminiscência, estruturando, desta forma, o diálogo entre a arquitetura e o pensamento do observador.

A compreensão da história no processo de resgatar as recordações e, principalmente, o ato de obter o passado, na visão de diversos grupos sociais⁷² da Arquitetura de ferro, permeia uma perspectiva contemporânea no que diz respeito à memória dos Mercados em estudo. Os Mercados em ferro de Belém e de Manaus são o elo de linguagem que permitem traçar a relação entre a memória, a identidade, o patrimônio e a cultura.

⁷² Grupos sociais entrevistados no momento da pesquisa etnográfica, que se restringiram a trabalhadores, agentes estatais, visitantes locais, turistas, açougueiros, peixeiros e promotores culturais.

3.1 O papel do ornamento em ferro conectando os usuários com a arquitetura

Nos Pavilhões do Bolonha e do Adolpho Lisboa, existem uma variedade de ornamentos em composição com os frontões, colunas, cornijas e capiteis, adaptando-se à edificação em uma diversidade de motivos decorativos, que incluíam brasão, formas geométricas e apliques com temas da natureza como, flores, sol e conchas. Contudo, não se trata de estudar aqui o mimetismo da natureza, mas de evocar identidades coletivas através da memória do indivíduo sob a forma do ornamento perante a arquitetura.

Portanto, cabe investigar alguns conceitos acerca do ornamento e da decoração, posto que, para alguns escritores, as duas definições se fundem. Os termos ‘ornamento ou ornato’ provêm do latim *ornamentum* e *ornatum*, respectivamente, e reportam à decoração e à ornamentação. Para Antonioli (2010, p. 78), “o verbo latino *orno* refere-se às ações de ornar, decorar (no sentido de conferir decoro), embelezar; mas também honrar, distinguir; ou então: exaltar”. No Dicionário de Estilos Arquitetônicos, de Wilfried Koch (2004), ornamento (ou ornato) é definido como sendo um motivo decorativo, forma decorativa. Para este autor, decoração é o “conjunto de todos os objetos e ornamentos que servem para embelezar; também o conjunto dos motivos ornamentais de cada obra: uma fachada, um interior, etc.”. (KOCH, 2004, p. 134).

Outro aspecto a ser analisado sobre a ornamentação é o fato dela ser uma manifestação da tentativa de simbolizar os objetos mais próximo da natureza biológica. Conforme Koch (2004), o ornato pode ser: geométrico (friso dentado, meandro), vegetal (capitel em forma de cálice, folha de acanto), animal (friso de bucrânio, que são cabeças de bois descarnadas) e de figuras humanas (capitel narrativo). Oliveira (2011), apresentou em sua pesquisa uma classificação dos ornamentos, exemplificando suas características, expostas no Quadro 2, a seguir.

O processo de reprodução dessas imagens representativas do meio biológico fez com que muitos desenhistas botânicos se dedicassem a ministrar cursos de artes decorativas como professores ou palestrantes. “John Lindley (1799-1866) foi o primeiro botânico convidado a dar palestras para estudantes de desenho ornamental no Departamento de Artes da Marlborough House, em Londres” (LIMA, 2008, p. 160). Segundo a autora, Lindley estudava a simetria da vegetação, enfatizando não somente a proporção e o equilíbrio do desenho, como também os aspectos da regularidade e ordenação associadas à bilateralidade da visão.

Quadro 2 – Classificação dos Ornamentos

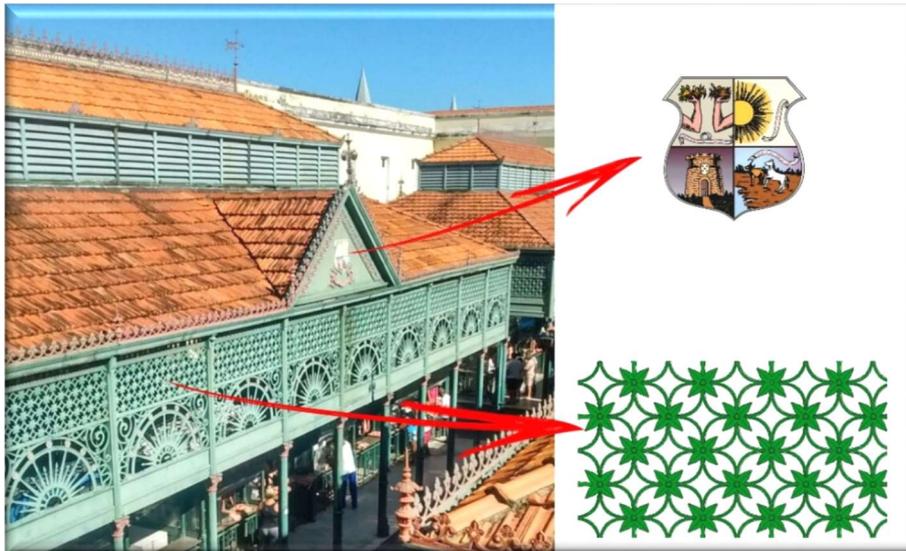
Ornamentos Geométricos	Painéis, molduras, frisos, entrelaçados, medalhões.
Ornamentos Imitativos	Motivos auriculares, lacrimais e escamas.
Ornamentos Arquitetônicos	Pilastras, caneluras / estrias, capitéis, frontões, acrotérios, tríglifos, mísulas, denticulos, balaústres, obeliscos e óculos.
Ornamentos Simbólicos	Vasos, figuras com formas humanas, pombas representando o Espírito Santo, cartelas, flores, festões, folhas de acanto, conchas/aconcheados, volutas, monogramas, cruces, troféus, brasões de armas, estrelas, abóbadas de ¼ de esfera.

Fonte: OLIVEIRA, 2011, p. 61.

Outro ponto em destaque diz respeito à trajetória da fabricação desses ornamentos. Solange Lima (2008) comenta sobre a pesquisa de Valerie Nègre (2006), mencionando que:

Nègre dispensa especial atenção aos catálogos comerciais, por entender que eles não podem ser vistos como mera consequência dos processos de industrialização seriada do ornamento. Na sua perspectiva, os catálogos desempenham papel essencial, pois não se restringem a listar produtos, mas vão além, propondo arranjos, e induzindo formas de composição arquitetônica. (LIMA, 2008, p. 153).

Nessa composição arquitetônica, os Pavilhões pré-fabricados em ferro, apresentam expressividade privilegiada na arquitetura metálica. A fachada amplamente decorada enfatiza o papel do ornamento na construção de modelos mentais na percepção dos indivíduos. A edificação, com o seu frontão adornado por um delicado rendilhado vazado, realça o contorno do alto-relevo e o brasão do município de Belém, ocupando posições relevantes no conjunto arquitetônico (Figura 66).

Figura 66 – Fachada ornamentada

Fonte: Adaptação feita pela autora a partir de fotos do arquivo pessoal e de material da internet (2019).

No Pavilhão do Mercado Adolpho Lisboa em Manaus, encontra-se um arranjo em sua fachada com ornamentos com o tema da natureza, inspirado em conchas e ramos com flores, delimitando os frontões arqueados em ferro e vidro (Figura 67). O frontispício deste exemplar é o lugar onde estão dispostos os elementos mais expressivos do contexto arquitetônico. No âmbito interno, esse modelo de ornato não aparece incorporado à arquitetura do ambiente.

Figura 67 – Fachada com ornamento com o tema da natureza

Fonte: Adaptação feita pela autora a partir de fotos do arquivo pessoal e de material da internet (2019).

Os ornamentos exemplificados acima são bens da arquitetura, não apenas possuindo uma diversidade de escala, envolvendo-a ou delimitando-a, como também é

um elemento que está intrinsecamente ligado ao cotidiano. Com relação ao tamanho do ornato, poderá ser superdimensionado, como as figuras esculturais, até os diminutos detalhes dos mosaicos. A utilização deste adorno, presente no contexto da história da arte, da arquitetura e até da humanidade, é percebido de forma natural, pois a sociedade se valia da ornamentação para aformosear suas edificações, utensílios e corpos. Desta maneira, têm aspectos “não somente objetivos, mas também subjetivos, assumindo funções e significados particulares para cada indivíduo e grupo social” (ONO, 2006, p. 30).

As funções do ornamento mencionado por Maristela Ono (2006), dividem-se em três categorias: a simbólica, a de uso e a técnica. Analisando estes elementos, em conexão à memória da pessoa que o contempla, ressalta-se o estudo para o sentido simbólico, argumentado pela autora:

As funções simbólicas dos objetos encontram-se diretamente vinculadas à percepção das formas, cores, texturas, a aparência visual, às associações simbólicas e afetivas e, portanto, a um determinado contexto, no qual os mesmos se inserem. [...] o objeto pode ser compreendido como um processo contextual dinâmico, uma realidade significante, uma linguagem diretamente vinculada ao repertório simbólico e à percepção do usuário. (ONO, 2006, p. 33).

Antes de qualquer abordagem sobre o papel do ornamento em ferro, enfocando seu valor simbólico na percepção do usuário, é importante deixar claro que “uma obra arquitetônica não é experimentada como uma coletânea de imagens visuais isoladas, e sim em sua presença material totalmente corporificada” (PALLASMAA, 2011. p. 42). As pessoas vivenciam nos espaços e na arquitetura, um conjunto de valores, de memórias que se diferenciam sob os olhares de cada indivíduo.

Portanto, os ornamentos analisados, isoladamente, não criam um diálogo com a arquitetura, podendo estes ser retirados do meio em que se encontram e examinados separadamente de seus contextos, como um monumento, não perdendo deste modo, suas características visuais. No entanto, pensando nele como um elemento apartado da edificação, cria relação com associação de imagens e formas, que se encontram guardados na memória, como aconteceu na análise feita por meio da pesquisa etnográfica com os transeuntes e trabalhadores que se encontravam nos Pavilhões pré-fabricados em ferro dos Mercados Bolonha em Belém e Adolpho Lisboa em Manaus.

No Quadro 3, a seguir, consta essa questão, já mencionada no capítulo anterior.

Quadro 3 – Detalhes dos ornatos apartado da arquitetura

DESENHO DO ORNAMENTO	LOCALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO DO USUÁRIO	DATA DA PESQUISA ETNOGRÁFICA
	 Cantoneira do telhado lateral do Mercado Bolonha em Belém.	Representação romântica, um coração em forma de flecha de cupido.	29 /11/2017.
	 Frontão do Pavilhão em ferro do Mercado Bolonha em Belém.	Comparado com os raios do sol.	29 /11/2017.
	 Frontão do Pavilhão em ferro do Mercado Bolonha em Belém.	Fechamento da grade que parece um pano com renda.	29 /11/2017.
	 Frontão do Pavilhão em ferro do Mercado Adolpho Lisboa em Manaus.	Parece um ramo florido.	26/10/2018.
	 Frontão do lanternim do Pavilhão em ferro do Mercado Adolpho Lisboa em Manaus.	Parece uma moeda.	26/10/2018.

Fonte: Produzido pela autora (2019).

A representação dos ornamentos em ferro, vista no quadro demonstrativo, mesmo sendo artigos da Revolução Industrial reproduzidos em série, possuem o seu valor artístico. Silva (1986, p. 27) chama a atenção para a questão da função ornamental da peça metálica, tornando a reprodução de cada artefato com igual perfeição, pois usavam molde em sua fabricação. Solange Lima (2008), mostra que o ornato em ferro fundido era elaborado com primor e aguçava os olhos daqueles que contemplavam a arte.

O cunho artístico não só é visto como índice de valor por si só – o que já é revelador do lugar ocupado pelas artes na sociedade industrial –, como também representa a obra de arte única, o oposto do objeto em série. Assim, o ornato funciona como o elemento capaz de conciliar a reprodutibilidade da escala industrial com o particular e singular da produção artística (LIMA, 2008, p. 163).

Os ornamentos incorporados nos Pavilhões em ferro com motivos vegetais, geométricos, sóbrios e consistentes, demonstram com nitidez a produção artística desenvolvida pelas usinas produtoras das peças metálicas, notando a obra de arte única que Solange Lima mencionou. Acerca da percepção destes artefatos em ferro fundido, nota-se uma assimilação mais visível aos detalhes, quando ele foi apartado da arquitetura. Na verdade, o que o usuário do Mercado vê, na maior parte dos casos, é o edifício construído, sem atentar às suas particularidades, pois ele não está acostumando a observá-lo dentro do conjunto arquitetônico.

Aliando as duas atividades – observação e leitura do ornato – isto é, visão e percepção, foi possível identificar as lembranças dos envolvidos no cenário do Mercado. Sendo assim, confirma-se o que Pallasmaa (2011) mencionou sobre a visão, que ela é fonte de certeza e de cognição, assegurando ser um sentido importante para a percepção. O autor relata ainda que a arquitetura estimula os sentidos como uma compreensão do mundo e a memória como artifício para construir sensações, através de reconstrução de lugares vividos.

Entretanto, não se pode confundir a visão com a percepção. Fayga Ostrower (1998) explica a diferença entre esses dois fenômenos quando diz que a visão é uma função fisiológica do mecanismo do olho e a percepção é um processo mental que constantemente organiza os estímulos visuais, elaborando-os e interpretando-os. Logo, perceber é um processo particular, ou seja, o indivíduo tem o mecanismo de ver o ornamento dentro ou apartado da arquitetura, porém a cognição, a memória apreendida no ato desse olhar, é inerente do ser que enxergar o ornato.

As narrações colhidas no momento da abordagem etnográfica, configuraram a capacidade imaginária que o indivíduo tem com o ornato apartado da arquitetura, onde se estabeleceram as relações com a memória individual e coletiva, fornecendo informações que as entrevistas elaboradas previamente não conseguiram alcançar. Sendo assim, o papel do ornamento como tradutor da reminiscência, seja ele de forma figurativa – elementos florais, românticos e outros –, foi expressivo para este estudo, pois conectou o usuário dentro dos Mercados Bolonha e Adolpho Lisboa com a arquitetura dos Pavilhões pré-fabricados em ferro.

3.2 O Paralelo entre os dois Mercados

O aspecto que une os dois Mercados enquanto arquitetura reside na similaridade das características entre seus Pavilhões, abordados até o presente momento. Os termos: Patrimônio, Memória, Pavilhão pré-fabricado em ferro, Arquitetura metálica, aquisição por Catálogos Ilustrativos, valor de uma construção, Ciclo da Borracha e “obsessão coletiva da nova burguesia” (SARGES, 2010, p. 20), podem ser destacados como pontos em comum entre as duas edificações.

Há muitas particularidades entre Belém e Manaus. Uma delas é que as metrópoles se tornaram centros nacionais emergentes, importando os costumes, a moda e uma arquitetura com traços de uma bela arte aos moldes europeus. Vale ressaltar que os “coronéis da borracha” (SARGES, 2010, p. 113) contribuíram muito para essa mudança de paradigma, pois mandavam seus filhos para uma formação intelectual fora do Brasil, com o propósito de que, na volta, ampliassem novos hábitos de vida nas cidades da região amazônica. Cellayne Souza, Tatiara Ferranti e Agenor Pacheco corroboram com essa assertiva.

O simples fato de os senhores da época mandarem seus filhos para estudarem na Europa, estimulava a realização deste novo momento, pois quando retornavam traziam novos maneirismos, o que de certa forma possibilitou uma mudança nos paradigmas sócio-comportamentais com novas posturas, intensificação das relações sociais, em que a vida privada e a pública passam a refletir estas novas posturas trazidas da Europa. (SOUZA; FERRANTI, PACHECO, 2009, p. 2).

Em linhas gerais, o desenvolvimento do comércio internacional da borracha, metamorfoseou os aspectos financeiros social e estrutural das duas cidades, contribuindo para que Belém e Manaus progredissem, passando de centros urbanos com pouca

expressividade nacional para protótipos internacionais. Tal fato instigou os administradores e a elite local a adquirirem e implantarem os Pavilhões pré-fabricados em ferro tanto no Bolonha como no Adolpho Lisboa, quase no mesmo ano⁷³.

Visto sob o prisma da história, o paralelo que há entre os Pavilhões pré-fabricados em ferro dos dois Mercados simboliza: a representação da *Belle Époque* amazônica; o auge do Ciclo da Borracha; o projeto de embelezamento; a modernidade das cidades onde foram implantados; e a aquisição de uma arquitetura oriunda dos Catálogos Ilustrativos da empresa *Saracen Foundry, de Walter MacFarlane & Co.*

Com todo esse simbolismo, os Intendentes das duas metrópoles expuseram em leis, descritas em relatórios desenvolvidos pelos próprios administradores, a ordenação para contratar profissionais que desempenhassem a tão desejada reforma nos Mercados, trocando “um velho edifício esborado e repugnante” (DIAS, 1880, p. 25), para um que demonstrasse toda a expressividade do moderno, tanto na Paris n’América com na Paris dos Trópicos.

Quanto à aquisição dos Pavilhões em ferro, tem-se conhecimento que as metrópoles da região amazônica, naquela ocasião, não possuíam mão-de-obra especializada para a implantação da edificação pré-fabricada. Tal fato não inibiu os administradores das duas cidades de adquirirem os exemplares. Tanto Antônio Lemos em Belém como Adolpho Lisboa em Manaus autorizaram a compra das arquiteturas metálicas através dos Catálogos Ilustrativos, materializando o plano de remodelar e modernizar a área urbana. Todavia, os Intendentes não empregaram apenas as rendas oriundas da borracha, pois utilizaram, também, empréstimos feitos em bancos fora do Brasil.

Ambos os projetos se basearam, parcialmente, em uma planta retangular, sendo o da capital do Pará com 20,20 x 9,20 metros e o do Amazonas com 36,00 x 10,25 metros. Suas fachadas apresentam ornamentos metálicos que ressaltam a influência *Art Nouveau*, contempladas por motivos decorativos em similaridade com a natureza, que vão desde adornos sinuosos e frisos em sua platibanda (Mercado de Belém), até vidros coloridos e molduras nos arcos (Mercado de Manaus). O salão tem pé-direito elevado, com estrutura constituída por colunas, vigas e o fechamento em grades simples em ferro. A alvenaria de tijolo cerâmico existe apenas como divisória em parte dos boxes do estabelecimento

⁷³ Segundo Costa (2001), os quatro Pavilhões em ferro pré-moldado do Mercado Bolonha em Belém foram inaugurados em 1908 e os outros dois foram destinados ao comércio de peixe e de carne do Mercado Adolpho Lisboa em Manaus entre 1905 e 1908.

belenense e como meia parede no fechamento do pavilhão manauara. A arquitetura metálica recebeu pintura de acabamento compatível ao material empregado, em cores que pudessem lembrar a mata brasileira, no caso o verde, contrapondo com detalhes em vermelho e amarelo harmonizando o contexto arquitetônico.

Semelhantemente, as duas arquiteturas possuem treliças metálicas de sustentação da cobertura com telha aparente (Figura 68). O telhado no Mercado de Manaus é formado por três níveis; já o de Belém foi projetado com apenas dois e, entre eles, há um lanternim com venezianas, com as mesmas características do prédio (Figura 69). Essas particularidades amenizam o calor interno dentro da edificação, pois a região amazônica possui temperatura elevada.

Figura 68 – Treliça metálica



Fonte: Adaptação feita pela autora a partir do arquivo pessoal (2017).

Figura 69 – Telhado dos Mercados



Fonte: Adaptação feita pela autora a partir do arquivo pessoal (2017).

Diante de tantas similaridades expostas sobre as arquiteturas metálicas dos dois Mercados, contextualiza-se um fato indiscutível ao visitar os estabelecimentos. Os Pavilhões do Bolonha são obras completamente enclausuradas por um prédio de dois pavimentos (Figura 70), não expondo sua beleza e singularidade para as vias que o cercam. No que tange aos Pavilhões do Adolpho Lisboa, nota-se que são edificações inteiramente expostas para a rua, evidenciando a ornamentação do ferro e vidros coloridos, harmonizados na sua composição (Figura 71).

Figura 70 – Pavilhão enclausurado no Mercado Bolonha em Belém



Fonte: Adaptação feita pela autora a partir do *Google Earth* (2018).

Figura 71 – Pavilhões expostos para as vias do Mercado Adolpho Lisboa em Manaus



Fonte: Adaptação feita pela autora a partir do *Google Earth* (2018).

Além dessas dessemelhanças, percebe-se, ainda, que tanto o Bolonha como o Adolpho Lisboa, estão situados próximos à Baía do Guajará e do rio Negro,

respectivamente. No entanto, somente o estabelecimento manauara possui vista contempladora para o rio, pois seu prédio não está aprisionado por paredes que possam lhe esconder. O entorno do Pavilhão da capital do Amazonas foi bastante modificado desde a sua implantação. A idealização da Avenida Manaus Moderna é um exemplo marcante para esse enquadramento. Os dois localizam-se em um quadrilátero, com circulação livre em todo seu perímetro a partir de qualquer uma das suas fachadas (Figura 72).

Figura 72 – Localização dos Mercados próximos à Baía do Guajará e do rio Negro



Fonte: Adaptação feita pela autora a partir do *Google Earth* (2019).

Sob a perspectiva da pesquisa etnográfica desenvolvida nos dois Mercados, apreendeu-se depoimentos que contribuíram para compreender como os grupos sociais atribuem significado à arquitetura, dando-lhe sentimento diferenciado. Na incursão no local de estudo, buscou-se a produção de registros fotográficos e de entrevistas feitas tanto informalmente, como elaboradas de maneira prévia, anotadas em formato de diário de campo, praticadas nos anos de 2017 e 2018. Nas falas dos personagens abordados, percebe-se que a memória afetiva foi o ponto mais expressivo na dimensão do percurso. A captação de signos e significados tomados em sua forma interpretativa, elementos estudados por Geertz (2011), trazem em seu cerne, características culturais do ambiente interno dos mercados pesquisados.

A priori, as visitas feitas aos Mercados, basearam-se no olhar atencioso à arquitetura centenária. Somente nas incursões seguintes se deslocou a atenção para a memória dos envolvidos no cenário de estudo. No Bolonha, as apreensões das lembranças foram feitas de maneira natural, sem a intervenção de qualquer prática que auxiliasse a busca das reminiscências. Já no Adolpho Lisboa, houve a necessidade do uso da gravura

de um ornamento metálico, apartado da arquitetura local, com o propósito de manifestar no colaborador a percepção do ornato, comparado aos signos do seu cotidiano ou à recordação de um fato da sua existência. No Quadro 4, analisar-se-á o paralelo da percepção dos transeuntes e trabalhadores na valorização da Arquitetura do ferro.

Quadro 4 – Paralelo entre os dois Mercados

		Mercado Bolonha em Belém	Mercado Adolpho Lisboa em Manaus
MEMÓRIAS	Infância	-	<ul style="list-style-type: none"> - Recordação das histórias que o pai contava sobre o sino da creolina; - Admirava o rio, quando era criança, em seu passeio pelo Mercado; - Lembranças de quando tinha 12 anos e a mãe pedia para ir ao Mercado.
	Amorosa	- História sobre o caso amoroso com um açougueiro.	-
	Comparativa	<ul style="list-style-type: none"> - Comparações das peças ornamentais com formas românticas, como flecha do cupido; - Comparações das peças ornamentais com elementos da natureza, como o sol e rendilhado com motivos florais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Comparações das peças ornamentais com motivos florais; - Comparações das peças ornamentais com formato de uma moeda.
	Saudosa	- Saudade quando estudava o curso de História.	- Saudade da época que não havia a Avenida Manaus Moderna.
OUTROS VALORES	Silêncio e Esquecimento	-	<ul style="list-style-type: none"> - Preferiu passar a entrevista para o marido, pois não reconheceu a gravura do ornamento ou talvez esqueceu onde ela estava; - Ficou acompanhando com atenção a entrevista, mas preferiu ficar em silêncio, resguardado sua memória.

Conhecimento da história	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecimento sobre a implantação dos Pavilhões; - Informação sobre a data e chegada em Belém. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecimento sobre a implantação dos Pavilhões; - Informação sobre a data e chegada em Manaus.
Conhecimento Arquitetônico	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura dos elementos arquitetônicos, como as colunas combinavam com os boxes de carne, o telhado se encaixava tão bem na estrutura em ferro. 	<ul style="list-style-type: none"> - As construções antigas devem permanecer, serem tombadas, preservadas e catalogadas.
Reforma	<ul style="list-style-type: none"> - O telhado tem que ter telha francesa, feita na mesma olaria, pois se não tiver o encaixe adequado, o Pavilhão ficará com goteiras; - O abastecimento de água do Mercado vem de duas cisternas com 7.500 lt; - Parte elétrica renovada; - Afastamento da clientela em decorrência do surgimento de novos mercados de bairros. 	<ul style="list-style-type: none"> - Muitas reclamações e soluções sobre a última reforma, principalmente sobre a questão da água pluvial; - Troca do piso dos Pavilhões. - Afastamento da clientela, pois o estabelecimento ficou mais como um ponto turístico; - Mudança do piso de pedra lioz para o cerâmico nos setores de carne e de peixe; - Parte elétrica renovada; - A última reforma durou 7 anos.
Intervenção na edificação ou na atividade do Mercado	<ul style="list-style-type: none"> - Troca das telhas; - Troca dos pisos; - Revestimento nas paredes divisórias entre os boxes de refeição; - O Pavilhão era destinado somente para o comércio de carne, hoje existem outras atividades, como venda de discos de vinil, de artesanato, botecos, restaurantes e o museu de índio; - Modernização dos boxes, colocando expositores frigoríficos, troca do balcão de atendimento e ferramentas modernas para o auxílio do corte das carnes; - Sumiço do reservatório de água metálico, não sabendo o paradeiro dele; - Mudança de finalidade do ‘gabinete de comodidade’, com a retirada dos <i>water-closet</i>, mictório e lavatório, transformando-o em setor administrativo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Troca das telhas; - Troca dos pisos; - Modernização dos boxes, colocando expositores frigoríficos, troca do balcão de atendimento e ferramentas modernas para o auxílio do corte das carnes; - Mudança dos pontos de iluminação por outros mais modernos.
Valoração da arquitetura	<ul style="list-style-type: none"> - Um tesouro escondido pelo cotidiano do mercado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Arquitetura deve ser preservada, porque isso é a história; - Valor da arquitetura publicado em livro, mestrado e doutorado; - Preservação e restauração do Mercado, apoiado pela Coordenação do Patrimônio Histórico;

			- Registro fotográfico dos frontões do Mercado, divulgado em dissertação.
--	--	--	---

Fonte: Produzido pela autora (2019).

Os discursos sobre as reminiscências que foram apreendidas e interpretadas, atribuíram valores às duas arquiteturas. Similarmente, ambos apresentam diálogos que se entrecruzam com a Memória e a Identidade do lugar, fundindo-se e produzindo uma trajetória de vida, uma narrativa e uma história. Os exemplos estudados nesta dissertação mostram que é possível, enfim, estabelecer um paralelo entre as percepções apresentadas nas arquiteturas. Deste modo, analisando os Pavilhões pré-fabricados em ferro sob a ótica do Patrimônio, pode-se dizer que são referentes para a Memória afetiva dos indivíduos que convivem com estes Mercados.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso do ferro assumiu um importante papel na produção em série, confeccionando artefatos, componentes arquitetônicos e até edifícios inteiros pré-fabricados. Esse material, geralmente proveniente das usinas europeias, foi comercializado e disseminado mundo afora. São verdadeiras obras de arte metálicas que, aliadas à divulgação, resultaram em um sortido catálogo de produtos ilustrativos à disposição dos consumidores internacionais, inclusive o Brasil.

A Exposição Universal realizada em Paris, foi um relevante evento para a propagação desses produtos metálicos. Com isso, estruturas, ferrovias, mercados, quiosques, relógios, postes de iluminação, fontes e todo modelo de acessórios de construção foram oportunizados direto ao consumidor. O acontecimento parisiense abrangeu tanto o setor industrial como o comercial, destacando, em suma, a divulgação dos edifícios inteiros pré-fabricados em ferro. O reflexo do evento alcançou um público mais extensivo, para além dos que visitaram, perpetuando-se através de cartazes, convites, revistas, jornais, livros, fotografias e catálogos.

A Exposição gerou o intercâmbio comercial e cultural entre a Europa e a América Latina. No Brasil, essas manufaturas tiveram uma aceitação relativamente fácil, uma vez que eram símbolos de modernidade, de progresso tecnológico, de conforto e de higiene. Essas mercadorias tiveram maior relevância em lugares que apresentavam um rápido crescimento econômico. Belém e Manaus foram exemplos desse desenvolvimento, pois as cidades tiveram uma eclosão financeira durante o Ciclo da Borracha, entrando para o seu rol de importações de produtos, edificações e componentes metálicos, que foram utilizados em várias construções públicas e privadas.

Os edifícios metálicos e complementos arquitetônicos, vindos da Europa, eram usados como modismo em Belém e Manaus. É nesse panorama de embelezamento, de higiene, de reformas e importações que chegavam por via marítima, que aparecem dois personagens muito importantes: Antônio Lemos e Adolpho Lisboa, Intendentes, respectivamente, da capital do Pará e do Amazonas. Os administradores com a emergente elite local, ostentavam o aprimoramento nas cidades onde residiam. A nova estrutura urbana e o modo de vida dos belenense e manauaras tinham o propósito de mostrar ao mundo que as localidades da região amazônica eram símbolos de progresso. Todavia, para concretizar as idealizações dessas reformulações, os dirigentes não usaram as rendas

oriundas somente dos cofres públicos, empregaram tanto a economia vinda da comercialização da borracha, como empréstimos feitos em bancos fora do Brasil.

A desenvoltura, a formosura e a beleza singular da Arquitetura do ferro, fomentaram um cenário de prosperidade econômica e de abertura cultural nas duas cidades da região amazônica. Optava-se por adquirir esta arte metálica por ser funcional e para aspirar ares mais saudáveis e modernos. Assim, os Intendentes citados acima adquiriram os Pavilhões pré-fabricados em ferro por meio de Catálogos Ilustrativos da empresa *Saracen Foundry Walter Macfarlane & Co.*, implantando-os no Mercado Municipal de Belém e de Manaus, materializando o plano de remodelar e modernizar as cidades.

Os quatro Pavilhões pré-fabricados em ferro vindos de Glasgow, na Escócia, compõem o pátio interno do Mercado Bolonha em Belém e o Adolpho Lisboa em Manaus. A elegante arquitetura metálica foi projetada para atender as altas temperaturas da localidade, aderindo no fechamento das edificações, com a aplicação de grades, possibilitando a circulação do vento.

Nos textos estudados sobre os dois Mercados Municipais, nota-se que eles foram um marco para Belém e Manaus, pois os administradores, a elite e a imprensa local marcaram presença na inauguração, prestigiando a aquisição que transformou completamente a paisagem dos dois centros urbanos. Uma transformação significativa, já que ambas passaram a figurar como importantes e modernas metrópoles brasileiras.

O passado ligado ao presente, proporcionado pela memória resguardada nas duas arquiteturas metálicas, foi interpretado neste estudo perante pesquisa etnográfica. O objetivo foi buscar a percepção dos transeuntes e trabalhadores ao olharem os Pavilhões pré-fabricados em ferro dos Mercados Bolonha e Adolpho Lisboa. O método deu suporte ao reconhecimento da reminiscência fundamentada por conversas informais e outras elaboradoras previamente, desenvolvidas no âmbito interno do estabelecimento. A construção da memória foi vinculada através do afeto, da contemplação, da saudade, da alegria, do amor, da comparação com formas geométricas e outros sentimentos envolvidos no cotidiano das pessoas que se encontram nestes lugares.

Tanto na primeira quanto na segunda incursão realizadas ao Mercado Bolonha, em 2017, objetivaram reconhecer o lugar para presenciar o funcionamento do estabelecimento, além de apreender as conversas informais com transeuntes e trabalhadores do espaço, contextualizando suas percepções sobre a edificação. Já no terceiro percurso, realizado no mesmo ano, notou-se as criações mentais dos

entrevistados, constituindo associações da estrutura metálica com as representações românticas, onde uns perceberam um coração em forma de flecha de cupido e outros compararam-na com os raios do sol e equiparando, também, o fechamento da grade do frontão da arquitetura com um pano rendado.

No que diz respeito ao Mercado Adolpho Lisboa em Manaus, as experiências foram divididas em dois períodos, um realizado em 2017 e outro em 2018. No primeiro momento, não foi possível apreender a memória dos transeuntes e trabalhadores do estabelecimento. No entanto, no segundo percurso, com o auxílio de uma gravura do ornamento apartado da arquitetura, investigou o que estava resguardado na mente dos envolvidos no momento da pesquisa.

A partir dos sentimentos apreendidos, analisou-se o olhar que cada um percebia perante os Pavilhões pré-fabricados em ferro, vivenciando o cotidiano dos interlocutores, formando, assim, uma identidade para a arquitetura metálica. No ambiente, constatou-se o entrecruzamento da história e da memória, revelados nos depoimentos históricos, recordações da infância, lembranças amorosas, detalhes das formas similares da natureza nos ornatos, desenhos geométricos e outros elementos envolvidos na atmosfera do Mercado.

Neste sentido, o paralelo que há entre as duas arquiteturas evidenciou muitas similaridades e diferenças nos Pavilhões dos Mercados, não somente no sentido de entender a edificação como sendo algo material, mencionando sua forma arquitetônica e suas reformas, mas, principalmente, de modo a apreender a percepção do transeunte e do trabalhador perante a arte metálica, buscando a memória, a história e o cotidiano resguardado nas entre linhas de sua vida.

Tendo em vista os aspectos observados, percebe-se que a valoração da arquitetura metálica, mencionada na pesquisa etnográfica e registrada pela preservação, conservação, divulgação e turismo, ilustram elementos de Patrimonialidade. Seguindo o viés da indústria turística, cabe ressaltar que o Patrimônio não pode ser entendido como um inimigo do mercado consumidor, pois poderá ser um grande aliado já que o consumo apresentado nos Mercados Bolonha e Adolpho Lisboa, além de não ameaçar a memória, nem a história da edificação em estudo. Assim, a experiência com o turismo por meio de promoção do consumo de recursos privados, tais como festivais e comércio de *souvenires*, é uma fonte de rendimento, incentivando a manutenção, a limpeza e a segurança do local, constituindo-se, portanto, em uma relação entre o turismo e a patrimonialização do bem tombado. No entanto, é importante destacar que ambos mantenham suas funções iniciais,

que é o comércio de gêneros alimentícios, priorizando o contexto das atividades a que lhe foram atribuídas.

Por todas as vertentes abordadas nesse estudo, entende-se que tanto a memória na ótica das pessoas interpeladas, como a representação do papel do ornamento nessas reminiscências, evidencia uma variedade de sentimentos, dialogando sobre a relação entre vivência do usuário e valorização da arquitetura. Esses reflexos de vida, hábitos e saberes, reúnem a construção de lembranças com relevância cultural e social, bem como contribuem com o sentido do valor afetivo e histórico, incorporando-se na edificação metálica. Durante as conversas apreendidas no decorrer do percurso etnográfico, empresta-se uma expressão manifestada por uma interlocutora, o que de fato significa a percepção ao olhar os Pavilhões pré-fabricados em ferro: “Ele é um tesouro escondido no cotidiano do mercado”.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Hermetes Reis. O mercado, a floresta e a ciência do mundo industrial. In: _____ (Org.). **Tecnociência e Cultura**: ensaios sobre o tempo presente. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

BARBUY, Heloisa. **A Exposição Universal de 1889 em Paris**: visão e representação na sociedade industrial. São Paulo: Edições Loyola, 1999. (Série Teses).

BUENO, Ricardo. **Borracha na Amazônia**: as cicatrizes de um ciclo fugaz e o início da industrialização. Porto Alegre: Quattro Projetos, 2012.

CORRÊA, Luiz de Miranda. **O Nascimento de uma cidade**: Manaus 1890 a 1900. Manaus: Academia Amazonense de Letras. 2. ed. Governo do Estado do Amazonas – Secretária de Estado de Cultura. 2012.

CORRÊA, Marcus Vinicius de Miranda. **Cápsula do tempo**: Arqueologia da Arquitetura na Catedral Metropolitana de Manaus. São Paulo: Biblioteca24horas, 2011.

COSTA, Cacilda Teixeira. **O Sonho e a técnica**: a Arquitetura de Ferro no Brasil. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

DERENJI, Jussara da Silveira. Arquitetura Eclética no Pará. In: FABRIS, Annateresa (Org.). **Eclétismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Nobel/EDUSP, 1987.

DERENJI, Jussara da Silveira. Arquitetura residencial do ferro no Pará. In: _____ (Org.). **Arquitetura do Ferro**: memória e questionamento. Belém: CEJUP: Universidade Federal do Pará, 1993.

DERENJI, Jussara da Silveira. **Arquitetura nortista**: a presença italiana no início do século XX. Manaus: SEC, 1998.

DIAS, Edineia Mascarenhas. **A ilusão do fausto**: Manaus, 1890-1920. 2. ed. Manaus: Valer, 2007.

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: _____. **O saber local**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 60-74.

GEERTZ, Clifford. Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita. In: _____. **Obras e vidas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. p. 11-40.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretativa das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 13-41.

GIEDION, Sigfried. **Espaço, tempo e arquitetura**: o desenvolvimento de uma nova tradição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GUARDIA, Manuel. **Hacer ciudad a través de los mercados**. Europa, siglos XIX y XX. Barcelona: Ajuntament de Barcelona, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

KOCH, Wilfried. **Dicionário dos estilos arquitetônicos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Arquitetura do ferro e Arquitetura ferroviária em São Paulo**: reflexões sobre a sua preservação. São Paulo: Ateliê Editorial: Fapesp: Secretaria da Cultura, 1998.

LAPLANTINE, François. Uma ruptura metodológica: a prioridade dada à experiência pessoal do “campo”. In: _____. **Aprender Antropologia**. São Paulo. Brasiliense, 2003. p. 121-124.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: **História e memória**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 2.ed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1992.

LEONG, Leyla Martins. Mercado Adolpho Lisboa, Manaus – 1883. In: **Mercados de ferro do Brasil, aromas e sabores**. Brasília, D.F: Instituto Terceiro Setor, 2011. p. 51-71.

MELLO, Thiago de. **Manaus, amor e memória**. Col. O ofício de viver. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984.

MENDONÇA, Roberto. **Administração do coronel Lisboa**. Manaus: Muiraquitã, 2008.

ONO, Maristela. **Design e cultura**: sintonia essencial. Curitiba: Edição da Autora, 2006.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele**: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade** – visões literários do urbano, Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre. 2 ed. Porto Alegre: Editora Universidade UFRJ, 2002.

PENTEADO, Antonio Rocha. **Belém, estudo de geografia urbana**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1968.

PENTEADO, Antonio Rocha. Belém, metrópole da Amazônia. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 9, p. 65-74, 2017.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, . p 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. **Illuminuras – Banco de Imagens e Efeitos Visuais**, Rio Grande do Sul, n.44, p.3-25, 2001.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque** (1870 – 1920). Belém: Paka-Tatu, 2002.

SILVA, Geraldo Gomes da. **Arquitetura do ferro no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1986.

SOUTO MAIOR, Paulo Martins. **Nos caminhos do ferro: construções e manufaturas no Recife** (1830-1920). Recife: CEPE, 2015.

TÓRTIMA, Pedro. Exposições mundiais e nacionais: a participação do Brasil. In: ADONIAS, I. (Org.). **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 150 anos** (1838-1988). Rio de Janeiro: Studio HMF, 1990. p.293-302.

DISSERTAÇÃO E TESE

ANTONIOLI, Luiz Fabio. **Percursos do ornamento**. 2010. 217f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MESQUITA, Otoni Moreira. **A Belle Époque manauara e sua arquitetura eclética: 1892 - 1910**. 1992. 208f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Curso de Pós-graduação em Arquitetura da Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

MITCHELL, David Scott. **Development of the architectural iron founding industry in Scotland**. 2013. 579 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – University of Edinburgh, Edinburgh, 2013.

MORAES, Francianny Keyla Cabral. **O mercado público como equipamento de modernização urbana: o Ver-o-Peso e o Francisco Bolonha em Belém**. 2017. 118f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

OLIVEIRA, Domingos Sávio de Castro. **O vocabulário ornamental de Antônio José Landi: um álbum de desenhos para o Grão Pará**. 2011. 227f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

SILVA, Luiz Henrique Rabelo da. **Mercado Bolonha: Patrimônio Arquitetônico e locus de práticas culturais comerciais em Belém do Pará**. 2018. 119f. Dissertação (Mestrado

em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

VEIGA, Débora de Fátima Lima. **Os Mercados de Belém:** um estudo sobre a preservação da Arquitetura do ferro. 2007. 163f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FONTES

DIAS, Satyro de Oliveira. **Relatório do presidente da Província de 1º de Outubro de 1880.** Manaus: Typographia do Amazonas, 1880.

LEMOS, Antônio. **O Município de Belém:** Relatório Apresentado ao Conselho Municipal de Belém, pelo Senador Intendente Antonio José de Lemos. 1902.

LEMOS, Antônio. **O Município de Belém:** Relatório Apresentado ao Conselho Municipal de Belém, pelo Senador Intendente Antonio José de Lemos. 1905.

LEMOS, Antônio. **O Município de Belém:** Relatório Apresentado ao Conselho Municipal de Belém, pelo Senador Intendente Antonio José de Lemos. 1906.

LEMOS, Antônio. **O Município de Belém:** Relatório Apresentado ao Conselho Municipal de Belém, pelo Senador Intendente Antonio José de Lemos. 1907.

LEMOS, Antônio. **O Município de Belém:** Relatório Apresentado ao Conselho Municipal de Belém, pelo Senador Intendente Antonio José de Lemos. 1908. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>. Acesso: 09 jan. 2019.

ÁLBUNS

ÁLBUM DE BELÉM. Paris: F. A. Fidanza, 15 de novembro de 1902.

COURRIER & BILLITER. Indicador Ilustrado do Pará. Rio de Janeiro. 1910,

ARTIGOS

CAMARGO, Flávio Pereira. **A mitologia da memória literária:** a memória voluntária e involuntária em Proust. **REVELLI** – Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG, Inhumas, v. 1, n. 1, 2009.

CHAVES, Celma. **Los mercados públicos en Belém:** arquitectura del hierro en la amazonia brasileña de inicio del siglo XX. D'Arqueologia Industrial i de Museus de Ciència i Tecnica. Catalunya: AMCTAIC, 2018. p. 7-8.

GONÇALVES, José Reginaldo. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. In: **Horizontes antropológicos:** patrimônio cultural. UFRGS. IFCH.

Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Ano 11, nº 23, jan/jun. Porto Alegre: PPGAS, 2005. p. 15-36.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 6, 1989, p. 89-112.

LIMA, Solange Ferraz de. O trânsito dos ornatos: modelos ornamentais da Europa para o Brasil, seus usos (e abusos?). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 16, n. 1, p. 151-199, 2008.

MIRANDA, Cybelle Salvador. Ruínas, duração e patrimonialidade. **Rua** (UNICAMP), v.2, p.407 - 424, 2016.

SOUZA, Cellayne Patrícia Brito de; FERRANTI, Tatiara Rodrigues; PACHECO, A. S. Arte e Cultura na Belém da *Belle Époque*. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE, 8., 2009, Porto Velho. **Anais...** Porto Velho: Intercom, 2009. p. 01-14.

OUTRAS FONTES DE INTERNET – sites e blogs

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL BRASIL. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso durante os anos de 2017 e 2019.

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO, Instituto Tecnológico, Universidade Federal do Pará. Disponível em: <http://fauufpa.org>. Acesso em: jul. 2017 a mar. 2019.

GOOGLE EARTH. Disponível em: <https://earth.google.com>. Acessos durante os anos de 2018 e 2019.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>. Acesso em: dez. 2017 a mar. 2019.

MANAUS SORRISO. Disponível em: <https://www.facebook.com/Manaus-Sorriso-318107561622534>. Acesso em: jan. 2019.

NOSTALGIA BELÉM. Disponível em: <https://www.facebook.com/nostalgibelem>. Acessos durante os anos de 2018 e 2019.

PERCORRENDO A HISTÓRIA DA ARQUITETURA DE BELÉM. Disponível em: <http://percorrendobelem.blogspot.com.br/2014/02/mercado-ferro-e-historia.html>. Acesso em: jul. 2017.